

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANE MULAZANI DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA
EM MODO DE ENDEREÇAMENTO
PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

CURITIBA
2011

LUCIANE MULAZANI DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA
EM MODO DE ENDEREÇAMENTO
PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Educação da
Linha de Educação Matemática do Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
Federal do Paraná

Orientador Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

CURITIBA
2011

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Santos, Luciane Mulazani dos

A representação na história em modo de endereçamento para a
educação matemática / Luciane Mulazani dos Santos – Curitiba, 2014.
253 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade
Federal do Paraná.

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Matemática - História. 3. História
oral. 4. Projeto Folhas. I. Título.

CDD 372.7



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Tese de LUCIANE MULAZANI DOS SANTOS para obtenção do Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados: DR CARLOS ROBERTO VIANNA (Presidente), DRª LUCIANE FERREIRA MOCROSKY, DR EMERSON ROLKOUSKI, DR ALTAIR PIVOVAR, DRª ETTIENE CORDEIRO GUÉRIOS e DRª HELENA NORONHA CURY (parecer) argüíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Tese: "A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA EM MODO DE ENDEREÇAMENTO PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA".

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR CARLOS ROBERTO VIANNA		APROVADA
DRª LUCIANE FERREIRA MOCROSKY		APROVADA
DR EMERSON ROLKOUSKI		APROVADA
DR ALTAIR PIVOVAR		Aprovada
DRª ETTIENE CORDEIRO GUÉRIOS		Aprovada

Curitiba, 15 de agosto de 2011.

Prof. Dr. Paulo Vinícius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Paulo Vinícius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Matr. 135429

Dedico tudo, até o doutorado, ao **Vitor** e à **Camila**. Que vocês sempre sejam, meus filhos queridos, pessoas boas para o mundo!

Só por serem meus pais, importantes no meu caminhar, **Orlando** e **Sonia** já mereceriam a minha dedicatória. Mas eles vão muito além...

A pessoa que mais me aguentou, paciente e amorosamente, não pode ficar sem uma dedicatória. **Lu**, é para você.

Que possamos ser sempre nós.

AGRADECIMENTOS

Sabe sobre

- os momentos nos quais a vida só segue um rumo porque contamos com apoio e ajuda?
- os momentos nos quais aquilo que pensamos e sabemos parece não ser suficiente para dar conta do que queremos produzir?
- os momentos nos quais a dúvida é maior do que a certeza e o cansaço maior do que a necessidade?

Se você sabe disso, sabe também que são nesses momentos que encontramos pessoas que fazem diferença em nossa vida.

Meu doutorado esteve repleto desses momentos. Terminei feliz por ver que tive as pessoas que fizeram a diferença.

O Carlos foi o melhor orientador que eu poderia ter do meu lado, pessoa grandiosa que muito me ensinou tanto sobre Educação Matemática quanto sobre o que é ser um professor na vida. A Prof^a Maria Lucia entra para a minha lista de professores admiráveis pela sua sabedoria e postura profissional. O pessoal lá de casa... para eles, faltam palavras de agradecimento... Marido Lucio, mãe Sonia e pai Orlando foram excepcionais em tudo o que precisei, sempre prontos e dispostos a me ajudar, no melhor significado do que é ser uma família. O que espero, agora, é um dia poder retribuir a essas pessoas tudo o que fizeram por mim para que eu pudesse chegar onde desejei tanto estar.

Lembrem-se, todos.
As flechas de Qin são poderosas,
podem perfurar nossas cidades
e destruir nosso reino,
mas jamais aniquilaram nossa palavra escrita.

(Em cena do filme “Hero”)

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa feita sobre o Projeto Folhas da Secretaria de Estado do Paraná. Refletindo sobre as possibilidades de aproximação entre história e modos de endereçamento, é discutida a existência de diferentes versões para um mesmo fato histórico utilizando o cinema como pano de fundo. Foi realizado um exercício de transcrição de depoimentos segundo a metodologia da História Oral. Alcançou-se, assim, o objetivo de discutir de que forma essas questões colocam-se em um ponto de intersecção com a Educação Matemática.

Palavras-chave: Projeto Folhas, história, História Oral, modo de endereçamento, Educação Matemática.

ABSTRACT

This paper presents the results of a research about the project called “Folhas” (leaves), which is kept by an organ of the Parana State, Brazil. Reflecting about approaching possibilities between the history and the addressing modes, you will find discussions about different versions of the same historic fact, using the cinema as background. A transcription exercise of testimonies was made according to the Oral History methodology. Reached, therefore, the purpose of discussing how these issues arise in a point of intersection with the Mathematics Education.

Keywords: Folhas Project, history, oral history, addressing mode, Mathematics Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TELA INICIAL DO PROJETO FOLHAS NO PORTAL DIA-A-DIA EDUCAÇÃO.....	46
FIGURA 2 – CONTEÚDO DO ITEM “O QUE É O PROJETO FOLHAS”	47
FIGURA 3 - CONTEÚDO DO ITEM “O QUE É O PROJETO FOLHAS”. CADA NOME DE DISCIPLINA É LINK QUE LEVA PARA UM MANUAL COM INFORMAÇÕES GERAIS E ESPECÍFICAS DE CADA UMA DELAS.	48
FIGURA 4 – TELA DE AUTENTICAÇÃO PRÉVIA À CONSULTA DOS FOLHAS PUBLICADOS.....	49
FIGURA 5 – TELA PARA ESCOLHA DOS PARÂMETROS DE CONSULTA AOS FOLHAS PUBLICADOS: ENSINO, DISCIPLINA, CONTEÚDO ESTRUTURANTE E PALAVRA-CHAVE.....	49
FIGURAS 6 E 7 – EXEMPLO DE CONSULTA AOS FOLHAS DE MATEMÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO.....	50
FIGURA 8 – EXEMPLO DE UMA LISTA RESULTANTE DA CONSULTA POR PARÂMETROS AOS FOLHAS PUBLICADOS.	51
FIGURA 9 – IDENTIFICAÇÃO DO FOLHAS E DE SEU(S) AUTOR(ES) COM O LINK “ARQUIVO” PARA O CONTEÚDO DO FOLHAS PUBLICADO.	52

SUMÁRIO

1	FADE IN.....	12
2	DOLLY IN.....	17
3	ENQUADRAMENTO	21
4	CONTINUIDADE	22
4.1	EM QUALQUER GUERRA HÁ HEROIS DE AMBOS OS LADOS.....	24
4.2	O PROJETO FOLHAS – COMO SURGE UMA IDEIA	28
4.3	O PROJETO FOLHAS – A CONCRETIZAÇÃO TRANSFORMADA DE UMA IDEIA.	41
4.4	O PROJETO FOLHAS – A PARTICIPAÇÃO NA CONCRETIZAÇÃO DE UMA IDEIA.	54
5	O CINEMA TRAZ A HISTÓRIA E OS MODOS DE ENDEREÇAMENTO	70
5.1	HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E HISTORIADORES.....	72
5.2	CONSTRUINDO VERSÕES	75
6	O PROJETO FOLHAS – A DISCUSSÃO SOBRE SEU PAPEL NA HISTÓRIA	89
7	A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA EM MODO DE ENDEREÇAMENTO PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	125
8	FADE OUT	127
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICE.....	132

1 FADE IN

O *fade in*, no cinema, é o aparecimento gradual de uma imagem a partir de uma tela clara ou escura. Usado ou no início do filme ou na transição de uma cena para outra, cutuca a expectativa do público para o que vem pela frente. Este trabalho tem uma imagem de *fade in* cujo nome é Number 8¹ e cujo autor é Pollock².

Number 8 foi feita, assim como muitas das outras obras de Pollock, com pingos de tintas respingados sobre uma tela, numa técnica chamada gotejamento (*dripping*). A tinta chega na superfície da tela sem o uso do pincel. As linhas que se vêem entrelaçados são resultado dos caminhos feitos pelos pingos que escorrem. Os pingos montam a obra de arte dependendo muito pouco da intervenção do pintor. É como se a tinta fosse, ela própria, uma fonte de energia reprimida que o pintor pudesse libertar e não uma substância manipulável de acordo com o desejo do artista.

E isso tudo, além de ser feito sem pincel, muitas vezes nem esteve apoiado em cavaletes: Pollock pintava com a tela colocada sob seus pés, no chão. As telas de Pollock foram pintadas fora do cavalete, fora da parede, fora do estável, do esperado. Tudo para que o pintor se sentisse dentro do quadro e, assim, participasse mais ativamente do processo de criação.

Para se fazer uma pesquisa de doutorado e um trabalho de tese não há como ser diferente: é preciso estar dentro do que se lê, do que se ouve, do que se escreve. É preciso deixar de lado os cavaletes, ter uma visão de quem olha as coisas estando dentro delas. O movimento do ler, do ouvir e do escrever vai depender do ritmo e das intenções do pesquisador.

Fiz essa analogia pensando na minha trajetória ao longo desses anos de doutorado. Em muitas das vezes a tinta emperrava dentro do tubo e não gotejava de jeito algum. Noutras, nada do que chegava na tela se entrelaçava com coisa alguma. Houve ainda todas as vezes em que o que

¹ Number 8, 1949, Museu Neuberger, Universidade do Estado de New York.

² As mais de 300 telas do pintor norte-americano Paul Jackson Pollock (1912-1956) são consideradas verdadeiras obras-primas do expressionismo abstrato.

emperrava e não se relacionava com coisa alguma era o meu movimento (ou a falta dele) como pesquisadora. Tempos conturbados esses do doutorado!

Digo isso, mas, nesse momento, fujo da minha intenção deste *fade in*. O que eu quero aqui, ao falar de Pollock, não é contar como a pesquisa se deu. Isso fica para um pouco mais adiante. O que eu quero agora é usar metáforas possíveis, ainda antes do resumo, para convidar o leitor deste texto para o trabalho, exatamente, da leitura.

Acredito que interessante perspectiva para se ler o texto que vem pela frente é obtida quando o leitor se coloca dentro do texto, assim como Pollock se coloca dentro da tela para pintar. Pensar desse jeito me ajuda a endereçar esse meu texto para um leitor (que pode ser você!) que eu imagino quem seja. Ou, que penso que sei quem é.

Jogo de palavras? Não apenas! Quando assumo que endereço meu texto para um leitor que eu imagino quem seja, estou emprestando termos da teoria cinematográfica que me ajudam a ilustrar, exemplificar e discutir os temas que serão aqui discutidos. Ajudam-me em minhas metáforas, no *dripping* à minha moda que também quer respingar tinta sobre a tela. Uma tela que também poderia ser a do cinema.

O cinema é algo meio mágico. Desde o início de sua história, dá aos filmes exibidos o poder de estabelecer relações entre as pessoas e aquilo que é mostrado nas telas. Isso foi percebido, há algum tempo, pelos estudiosos do cinema que se preocuparam, então, com os sentimentos manifestados pelo público que assiste a um filme.

Quando se inicia uma sessão, o público manifesta os mais diversos sentimentos das mais diferentes formas; sempre fica algo de indelével em quem sai do cinema depois de um filme.

A teoria cinematográfica dá conta que um filme de cinema é produzido, distribuído e exibido por um conjunto de profissionais (produtores, roteiristas, diretores etc.) que imaginam, de antemão, qual é o público que querem atingir, ou seja, intencionalmente definem a quem querem endereçar aquela produção. Isso, com a intenção de fazer do filme um sucesso. Um

sucesso que depende, em grande parte, do quanto as pessoas que fazem parte do público endereçado se identificam com aquilo que se mostra na tela do cinema com o filme endereçador.

Assim, o modo de endereçamento é algo que se constrói na relação entre endereçador e endereçado. Investigar de que maneiras se constrói a cumplicidade com o endereçado e como este é solicitado a adentrar no jogo narrativo do filme é o objetivo de estudos que tratam desse tema.

Também é o meu objetivo aqui, para estudar as relações que podem ser estabelecidas quando da leitura do texto desta tese de doutorado. Para que esse endereçamento atinja o público que imagino, é preciso que as pessoas que dele fazem parte se identifiquem com as histórias aqui contadas.

Por que tudo isso? Para permitir que o leitor, a quem esse texto é endereçado, se coloque dentro das histórias que vão ser contadas. Sim! Algumas histórias serão contadas! Histórias diferentes umas das outras e também histórias diferentes dentro de uma mesma história. Já posso dizer, então, do que trata esse trabalho: de histórias e das versões que podem ser dadas a elas. E posso também, seguindo o rigor acadêmico de uma tese de doutorado que se presa, apresentar o resumo e sua versão como *abstract*.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa feita sobre o Projeto Folhas da Secretaria de Estado do Paraná. Refletindo sobre as possibilidades de aproximação entre história e modos de endereçamento, é discutida a existência de diferentes versões para um mesmo fato histórico utilizando o cinema como pano de fundo. Foi realizado um exercício de transcrição de depoimentos segundo a metodologia da História Oral. Alcançou-se, assim, o objetivo de discutir de que forma essas questões colocam-se em um ponto de intersecção com a Educação Matemática.

Palavras-chave: Projeto Folhas, história, História Oral, modo de endereçamento, Educação Matemática.

ABSTRACT

This paper presents the results of a research about the project called “Folhas” (leaves), which is kept by an organ of the Parana State, Brazil. Reflecting about approaching possibilities between the history and the addressing modes, you will find discussions about different versions of the same historic fact, using the cinema as background. A transcription exercise of testimonies was made according to the Oral History methodology. Reached, therefore, the purpose of discussing how these issues arise in a point of intersection with the Mathematics Education.

Keywords: Folhas Project, history, oral history, addressing mode, Mathematics Education.

2 DOLLY IN

É hora de apresentar a pesquisa. Faço isso pensando no movimento de *dolly in* que, no cinema, é aquele que faz com que a câmera se aproxime do objeto filmado. Quero, com essa aproximação, fazer com que o leitor a quem endereço este texto se sinta um pouco Pollock, pintando uma tela estando dentro dela.

Andando por cima da tela e derramando tinta, o trabalho de Pollock era livre e intuitivo. Ele costumava dizer que não fazia muita diferença como a tinta era colocada na tela, desde que algo fosse dito. A sua técnica era o meio que usava para chegar a uma declaração. E a declaração que aparecia como uma forma visível era resultado do movimento do pintor, de sua entrega, da velocidade e da direção do gotejar da tinta num processo ativo de “atirar a tinta” e não de “levá-la” para a tela na ponta de um pincel.

Como não quero deixar de dizer tudo que posso dizer, recupero nesse *dolly in*, coisas que ficaram para trás, mas, ainda sim, são minhas declarações, são o resultado dos movimentos que fiz desde o início do doutorado.

Vou nessa seção, então, “atirar a tinta” como fazia Pollock. Não vou desperdiçar a tinta que respingou.

Até ouvir os pareceres da banca de qualificação, eu e meu orientador achávamos que teríamos, como resultado final de pesquisa e de texto de tese, um trabalho muito – e muito – diferente daquele o qual nos propusemos a fazer no início do doutorado. Isso porque foi dessa forma que nos colocamos perante a banca: apresentando uma versão de texto que descrevia nossos caminhos de pesquisa até aquele momento e nossas dúvidas sobre possíveis mudanças de rota.

Para muitos, a qualificação de doutorado é uma tensa e nervosa hora de avaliação. Para mim, foi um rico momento de trocas, de parada para reflexão ouvindo opiniões que considereei – todas – de grande importância e valia. Discuti ideias, esclareci dúvidas, solicitei apoio. Ouvi, refleti e junto

com meu orientador que, companheiramente, também ouviu e refletiu, desempenrei as bisnagas de tinta e retornei às telas para gotejar a tinta que se traduz nos traços entrelaçados dessa obra realizada e agora, endereçada aos leitores.

Começamos o doutorado pensando em uma pesquisa diferente da aqui apresentada. Motivos nos levaram a uma mudança de rumos, mas permaneceram muito da metodologia e das referências iniciais. Nossa primeira intenção era, trabalhando com a História Oral, escrever a história de vida de um projeto implantado pela Secretaria de Estado do Paraná, o projeto Folhas. Diferentes versões sobre a história do projeto viriam de diferentes depoimentos ouvidos. Esse foi o ponto de partida do que chamamos de primeira versão da pesquisa.

Quando pensamos em trabalhar a questão de diferentes versões para uma mesma história, lembramos do cinema e de alguns filmes que têm essa temática em seu enredo. Vem daí a nossa aproximação com os termos cinematográficos e também com o modo de endereçamento.

Até o momento da qualificação, divisor determinante entre o trabalho de primeira versão e o trabalho final, três entrevistas foram feitas: com o idealizador do projeto (meu orientador) e com pessoas que fizeram parte da equipe de trabalho do Folhas na época em que ele foi concebido.

Foi no passo seguinte, na busca por depoentes de outras épocas do Folhas, que travamos. Não tivemos os depoentes que queríamos e achamos, em decorrência, que não seria possível contar a história de vida do Folhas em suas diferentes versões. Não consegui gotejar as tintas na tela que ainda tinha espaços em branco. Nenhum entrelaçamento foi feito. Pensamos, então, em mudar, em deixar de lado o Folhas e os seus entornos, aprofundando outras discussões.

Fomos assim para a qualificação, com o forte desejo de discutirmos as possíveis mudanças no curso da pesquisa. Entretanto, acabamos por não mudar tanto como achávamos que iria acontecer...

A banca apontou, unanimemente, que deveríamos continuar apresentando os depoimentos sobre o Folhas, mantendo o tema, ainda

tentando sua problematização. E foi o que foi feito. De uma forma estruturalmente diferente, esse texto e essa pesquisa continuam a falar sobre o Projeto Folhas.

Destaco aqui falas da banca de qualificação que, para mim, foram essenciais nesse processo de (quase) mudança. Talvez, nesse momento, essas opiniões não tenham muito significado para o leitor mas, na medida em que o texto for sendo apresentado, tudo fará sim bastante sentido.

Insistir nos depoimentos sobre o Folhas

Há um ganho enorme em deixar registradas e discutidas várias questões sobre PDE, sobre a criação de políticas públicas, sobre a história de Faxinal do Céu, sobre políticos, sobre politicagens e pedagogos e pedagogices. E, finalmente, haveria a possibilidade de registrarmos o que tudo isso significa para um professor. O que ele viu, o que ele soube, como ele entendeu tudo aquilo. (Prof. Dr. Emerson Rolkouski)

O que lamento foi a “travada” que aconteceu na construção da proposta inicial, com a consequente mudança no rumo do projeto. E esse lamento se deve, em grande parte, à minha crença de que o Folhas e todo o contexto de sua construção, até ele chegar a ser o que é hoje, constituem um momento ímpar na história da educação deste Estado. (...) Acredito que, se for possível, você deve voltar a investir na proposta original. Talvez buscando outras pessoas que participaram da construção do Folhas... talvez modificando a forma de entrevistar as pessoas já entrevistadas. Isso não significa que o que você fez até aqui está perdido... muito ao contrário, você estaria “apenas” trazendo de volta o que foi deixado de lado, relacionando com o que já tem. (Prof. Dr. Marcos Aurelio Zanlorenzi)

Não encontraremos, nos depoimentos da “vida real”, assim como nos ouvidos sobre o Folhas, versões tão alternativas

como acontecem nos filmes de cinema. (Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica)

Vencer a ideia de que “o passado está lá”. O passado (...) é uma ausência em-si e precisa ser preenchido ontologicamente para que possa ser objeto da historiografia. Não se trata de estudar o passado, mas “algo” do passado (...). Mesmo quando o vínculo da historiografia com o presente não é de todo alheio ao interlocutor, frequentemente circula no espaço da interlocução a noção de progresso, como se o passado fosse o lugar de origem de “coisas” que, num processo de aperfeiçoamento atingiriam formas mais adequadas (mais densas, mais vigorosas, melhor definidas, úteis...) ao trafegarem nessa linha contínua que ligaria o passado ao presente. (Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica)

As escavações em Herculano e Pompeia começaram em meados do século XVIII criando um protocolo arqueológico para recuperação de esqueletos. Durante a erupção, os cadáveres soterrados na cidade ficaram sob uma camada úmida de cinzas, moldadas perfeitamente ao formato dos corpos. Com o processo de decomposição restaram moldes ocos, detectados nas escavações pelo surgimento repentino de um vácuo em meio ao extrato sólido. Tais cavidades – uma ausência que indicava a existência prévia de corpos – eram preenchidas com gesso líquido, material que reconstituía os corpos extintos. (Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica)

Espero que essas falas, além de ilustrar como os pingos de tinta que eu julgava desperdiçados ajudaram no resultado da obra final, mostrem também ao leitor desse trabalho questões relacionadas com o próprio fazer de uma pesquisa de doutorado.

Na sequência, tendendo ao enquadramento, vêm as discussões do nosso “novo” trabalho.

3 ENQUADRAMENTO

Alguns acham que o *dripping* de Pollock não é obra da arte e sim obra do acaso. Outros são convictos de que Pollock seguia, ainda que inconscientemente, um padrão matemático para gotejar a tinta.

Um gotejar de tintas que se dava em cima de telas gigantes. Eram suas prediletas porque assim ele tinha disponível um campo de trabalho suficientemente grande para pintar não só com o movimento dos braços, mas usando o corpo todo. Enorme também é o verdadeiro campo de batalha de se fazer uma tese de doutorado. É preciso mexer o corpo todo. E buscar um certo enquadramento para que o trabalho tome forma, apresente os resultados que deve apresentar. Mas isso, não num sentido de prisão, mas de ajuste de foco. No cinema, a imagem em enquadramento é aquela que se vê no visor da câmera, a que aparece dentro dos limites do quadro (em cima, embaixo e dos lados).

O enquadramento veio com a reestruturação das decisões que tomamos depois do momento de parada e de qualificação. Mantivemos a História Oral, o trabalho com os filmes de cinema e o modo de endereçamento para discutirmos histórias e versões. Os dados das entrevistas sobre o Projeto Folhas também permanecem, porém com um figurino diferente, tudo com o objetivo de, além de registrar a concepção deste projeto, usar as informações sobre ele para as discussões teóricas.

4 CONTINUIDADE

Para que a narrativa de uma cena de cinema seja crível, é preciso que os elementos que compõem essa cena obedeçam a uma relação lógica: a continuidade. Se não houver passagem de tempo nem mudança de cenário, um personagem que aparece numa cena usando um lenço vermelho no pescoço, não pode, na sequência seguinte, surgir com um lenço azul.

Resolvemos continuar com o doutorado no sentido de não desistir e também de tornar críveis todas as nossas ações.

Pollock jogava a tinta, movimentava a tela, deixava a tinta escorrer. Daí saíam suas obras de arte. Aqui, jogamos um roteiro de filme como história. O movimento ao trabalho, buscando compor a obra final, foi guiado pela História Oral, pelo modo de endereçamento e pelas discussões acerca das possíveis versões para uma história. Desenhou-se toda a pesquisa imprimindo-se nas folhas que eram telas em branco o texto que dá a conhecer tudo o que vimos, estudamos e concluimos sobre nossos temas e proposta de pesquisa.

Uma história pode ser contada de muitas diferentes formas. Pode ser lida de diferentes formas. Pode ser verdade de diferentes formas. Relatos de uma mesma história podem ser as diferentes histórias. E relatos são versões, versões que podem ser pintadas com diferentes tons de cores que dão a marca do que querem retratar como verdade. Tudo pode parecer muito com os filmes do cinema. E os filmes de cinema, dirigidos a espectadores, têm nos modos de endereçamento a chance de sucesso de sua viabilidade. Quando a gente assiste a um filme, pode imaginar quais histórias estão por trás da história que a gente vê e se alguma é verdadeira. Ou, ainda, se a história que a gente vê é a história que querem que a gente veja...

Quando desejamos que alguém nos conte uma história, de certa forma estamos buscando encontrar a verdade sobre os fatos que nela são relatados. Se nos contam como o samurai derrotou os inimigos do rei,

tendemos a receber como verdade os relatos que nos são apresentados. Tendemos a acreditar que a história nos conta a verdade. Mas, e quando a própria história tem mais de uma versão, qual é a versão da verdade? E quando as diferentes versões nos são apresentadas pela tela do cinema? Qual é, onde está, e para quem é endereçada a verdade? Quem a verdade pensa que somos?

4.1 EM QUALQUER GUERRA HÁ HEROIS DE AMBOS OS LADOS

Entra na história como assassino; dela sai como herói.

Há cerca de dois mil e quinhentos anos, os reinos independentes de Qin, Zhao, Qi, Wei, Han, Wei e Chu formavam o que é hoje o território da China. Esse tempo e essa paisagem estão no filme *Herói*³.

Dentre os sete reinos, rivais entre si, Qin é o mais importante. Seu soberano - o mais combativo - usa força e violência em nome daquilo que é o seu maior objetivo: a unificação sob seu domínio. Quer unir o povo sob uma só língua e uma só política, formando uma só terra. Esse seu desejo o torna um alvo daqueles interessados tanto na permanência do território dividido quanto no poder decorrente da unificação.

Com medo, desconfiado, pronto para reagir, o Rei de Qin vive sozinho. Sempre vestido para guerra, com sua armadura de batalha, teme, principalmente, três legendários guerreiros que o juraram de morte: Neve, Espada Quebrada e Céu. Precavido, o soberano de Qin nunca deixa que alguém se aproxime.

Até que, em um dia, um homem se aproxima do rei, em seu palácio e com seu consentimento. Sem Nome, um dos prefeitos do reino, entra no palácio como forma de recompensa por seus atos. Diz ter acabado com as ameaças que cercavam o Rei matando os três grandes guerreiros que o Rei tanto teme. Apresenta as armas de Neve, Espada Quebrada e Céu, troféus de luta. O soberano de Qin, impressionado e curioso, pergunta-se se aquele homem realmente conseguiu acabar com guerreiros tão poderosos. É o relato de Sem Nome que dá o rumo do filme.

Será que Sem Nome conta tudo como realmente aconteceu? A deixa para que se apresentem duas outras versões daquela apresentada por Sem Nome é a percepção do soberano de Qin de falhas e mentiras na história

³ *Herói* é o primeiro filme épico do diretor chinês Zhang Yimou. Uma das maiores bilheterias da China, foi lançado internacionalmente em 2004. Em seu fim de semana de estréia nos Estados Unidos, arrecadou cerca de US\$ 18 milhões, sendo a segunda maior bilheteria de um filme estrangeiro nesse país.

contada. A nossa deixa para pensar sobre qual é – e se há – uma história verdadeira é o modo de endereçamento das versões contadas, como se mostram para nós, espectadores. Nos aproximamos da história e de sua provável verdade na medida em que o Rei de Qin, quem não deixava ninguém se aproximar, deixa que “Sem Nome” chegue perto enquanto sua versão da história avança.

E a história avança em um conjunto de sons e cores, paisagens e interpretações. Forma-se, assim, o relato de uma história contada a partir de um roteiro que, tendo poucas palavras, mostra-se como um cenário pronto a nos endereçar que toda história tem mais de uma perspectiva e de que nem tudo é aquilo que parece ser.

O conflito entre o que é e o que parece ser é mostrado nos diferentes pontos de vista dos personagens do filme. Seus figurinos refletem essas diferenças. A mudança do cenário também. Tudo com a utilização de cores diferentes para cada momento diferente em que as histórias são contadas. Uma perspectiva diferente, uma versão diferente, uma cor diferente.

Na versão de Sem Nome há primeiramente a cena de sua luta contra Céu, toda ela é escura, em tons de cinza e preto, difere somente a vestimenta de Céu, um marrom alaranjado. Nesta cena toda a luta se passa na cabeça dos personagens, em preto e branco. O preto nesta cena representa a morte e a falta de emoção, pois ambos se desconhecem, não existe nenhum sentimento entre ambos além da morte de um. Nas cenas que são emocionalmente carregadas o vermelho predomina, nelas vêem-se personagens envolvidos em paixões avassaladoras, rancores e traições. A primeira versão – contada por Sem Nome – apresenta ambos os assassinos como amantes. Possuindo a cor vermelha como predominante, o ar de paixão fica intensificado. Ainda assim, é uma paixão relutante – ambos não se falam há anos, e há um clima de gravidade no ar. Além disso, nesse mesmo momento, o vermelho é usado como tinta por calígrafos, indicando a intensidade pelo qual se dedicam à sua tarefa. O azul é usado em cenas em que a sobriedade e a tranquilidade predominam. A segunda versão, sugerida pelo rei, mostra os personagens novamente como amantes, mas a cor predominante é o azul. Esse tom dá um ar mais frio à trama – segundo o rei, o plano é inteligente e foi montado de forma calculista e confiante, mas também imprime às cenas um romantismo e idealismo quase pueril. Finalmente, a terceira e verdadeira versão. Esse momento tem o branco como cor predominante, representando a verdade e a pureza das palavras. A cor branca é a junção de todas as cores, mostra uma espécie de cruzamento entre as duas primeiras versões, existe amor, mas existe amargura. Seco e realista, o

branco é usado em cenas que mostram o que realmente aconteceu, representando o que é limpo, claro. O verde é a cor do conhecimento e no filme é usado em cenas que remetem a fatos passados, ou seja, da memória.⁴

E as cores mudam dando tom às diferenças da narrativa. Sublinham os *flashbacks*. Decoram a intenção de mostrar a verdade da história. É o azul que mostra o amor, o verde que espelha a juventude, o branco que busca convencer da verdade e o preto que apresenta a morte. Vermelho é paixão e traição que dão pistas da intenção da vitória. É assim que as cores se mostram no filme como uma obra à parte. Há um valor simbólico na cor que mostra uma intenção de convencer e de afirmar uma história recontada.

Também em harmonia com as cores, a trilha sonora conta tanto com a força dos tambores Kodo quanto com a sensibilidade dos acordes de violino. E há também os silêncios. Silêncios que fazem parte da história e que nos dão mais uma chance de nos envolvermos com as diferentes visões daquilo que nossos olhos enxergam.

No cinema, *Heroi* mostrou a história narrando aventuras de homens e mulheres cujas habilidades se misturam com poderes mágicos⁵. Com belas cenas de luta e paisagens, um envolvente jogo de cores e sons, o enredo – com vários *flashbacks* e diferentes versões sobre os fatos – retrata, ainda que como uma ficção, uma parte da história da China e do seu povo.

Se esse filme pudesse ser uma pessoa, também poderia ser um historiador. Sem ainda entrar na seara da discussão sobre quem é e o que faz um historiador, pode-se dar ao filme *Heroi* o papel de representar uma versão de parte do passado da China. Quando mostra a saga do personagem Sem Nome enfrentando exércitos inteiros e sacrificando vidas para atingir seu objetivo de matar o poderoso Rei de Qin e também a sua decisão de desistir disso em favor da unificação dos reinos da China, o filme retrata, como em uma tela, tons e cores que fizeram a história de um povo e o constituíram como tal.

⁴ Texto retirado de <http://marianery.wordpress.com/2007/12/05/analise-do-filme-heroi>

⁵ Esse gênero de cinema, chamado *Wuxia Pian*, surgiu na China na década de 1910, praticamente junto com cinema naquele país. É famoso por mostrar belíssimas cenas de artes marciais que levam para as telas as antigas histórias contadas oralmente pelos trovadores chineses.

A primeira vez que eu assisti a esse filme foi antes de iniciar o doutorado. Que olhos diferentes! A indicação de Herói para a pesquisa veio do meu orientador. Nada do que pensamos e analisamos neste texto, utilizando o filme, tinha sequer me passado antes pela cabeça. Foi depois de muito ler e pensar sobre os temas do doutorado que o olhar se tornou diferente. Mais um ponto para os trabalhos de pesquisa que nos fazem refletir a partir de um espectro maior de possibilidades.

Os elementos do filme e seu modo de endereçamento nos apresentam diferentes pontos de vista de uma mesma história. Isso vai desconstruindo o roteiro⁶ em diversos momentos da trama. Uma desconstrução que, na medida em que novas informações são adicionadas, constrói uma outra história marcada por diferentes cores e sons.

⁶ Como apêndice desta tese, consta a escrita de uma adaptação na forma de roteiro de cinema, feita por mim, da história do filme Herói.

4.2 O PROJETO FOLHAS – COMO SURGE UMA IDEIA

"E se a gente contasse a história de vida de um projeto?"

Um roteiro de
Luciane Mulazani dos Santos

INT - SALA 103 DO PPGE - 15/05/2008 - 9h

CARLOS ROBERTO VIANNA dá o seu depoimento sobre sua atuação como chefe do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Estado do Paraná e sobre a criação do Projetos Folhas.

Eu trabalhei na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) durante o segundo governo do Roberto Requião de Mello e Silva. Fui chefe do Departamento de Ensino Médio (DEM), convidado pela então Superintendente de Educação, a Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde. Antes de assumir, eu só a conhecia de vista, em trabalhos na Universidade Federal do Paraná. O secretário de Educação era o Maurício Requião, irmão do Governador. O meu cargo era político porque fui indicado, mas eu não tinha e nunca tive vínculo com o partido do Governador, o PMDB. Era um cargo de confiança da Superintendente e um cargo de confiança do Secretário de Educação por delegação: o Secretário confiava na Yvelise, a Yvelise confiava em mim.

Acho importante falar como a Secretaria de Educação funcionava nessa época, como era o organograma, quem mandava em quem, como eram os projetos, essas coisas. Isso teve influência na maneira como as coisas aconteceram lá dentro, como os projetos se desenvolveram, como nós trabalhamos.

No organograma da Secretaria de Educação, o Secretário de Educação ficava no topo, tendo abaixo dele a Diretoria Geral e a Superintendência de Educação. Abaixo desses, estavam distribuídos todos os departamentos da Secretaria de Educação, inclusive o meu, o Departamento de Ensino Médio. A Diretoria Geral tinha os seus departamentos subordinados e a Superintendência de Educação os dela. No nível seguinte, abaixo dos departamentos, apareciam todas as coordenações. E eram muitas!

Pensando num organograma assim, uma coisa que a gente se pergunta é: em que lugar do organograma da Secretaria de Educação aparecem as escolas? Eu respondo que as escolas não aparecem no organograma da SEED. Nem as escolas e nem os Núcleos de Educação. O que aparece é só a parte interna formada por Secretário, Departamentos, Coordenações etc.. Eles entendem que a Secretaria de Educação é só o que está lá no prédio da Água Verde, sede principal da Secretaria.

Esse organograma foi construído na gestão do Governador Requião. Quem mandava na Secretaria de Educação era o Secretário com o suporte do Diretor Geral e da Superintendente de Educação. Na época do governo anterior, do Governador Jaime Lerner, tudo era bem diferente porque havia mais superintendências diretamente subordinadas ao Secretário de Educação. Quando o Maurício Requião assumiu a Secretaria, transformou essas

superintendências em departamentos. Isso deu confusão porque tudo que tinha status de superintendência passou a ser departamento. Na cabeça de alguns, era baixar de nível. Teve chefe de departamento que não se conformou, que continuava a chamar seu setor de superintendência. Essa é uma questão de poder que foi importante para o desenrolar das coisas.

As responsabilidades entre a Diretoria Geral e a Superintendência de Educação atingiam níveis diferentes. Numa das primeiras reuniões, o Secretário Maurício Requião disse que a Diretoria Geral e a Superintendência estavam no mesmo nível. Em outra, o Diretor Geral disse que, no organograma, a Superintendência estava abaixo dele. E era isso mesmo. Por mais que o Secretário dissesse que tinham o mesmo nível, a Superintendência de Educação era subordinada à Diretoria Geral por uma questão legal. Isso foi questão de briga que retrata uma coisa que vai acompanhar toda essa gestão: a divisão entre o pedagógico e o administrativo. A Superintendência cuida do pedagógico, a Diretoria Geral do administrativo. Essa separação é, para mim, uma marca importante da administração do Requião, tanto na Prefeitura de Curitiba (quando também trabalhei na Equipe Pedagógica), quanto no Governo do Estado: ao mesmo tempo em que nomeava pessoas que fariam um bom trabalho pedagógico, mantinha um grupo político na administração que praticamente desconhecia o trato das questões pedagógicas.

O Diretor Geral era o Ricardo Fernandes Bezerra. Ele tinha sido meu professor de desenho técnico no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR) quando eu fiz Ensino Médio. Acho que ele tem formação em eletrotécnica. Mas, no Estado, o fato dele ter sido professor não é relevante porque ele tem uma carreira de

burocrata. Foi Diretor do Detran e de outros órgãos. Eu posso dizer que ele conhece muito pouco do que acontece nas escolas do Estado. Muito pouco é eufemismo, acho que ele não conhece nada. O cargo dele na Secretaria de Educação era político. Todos os cargos acabam sendo políticos, mas esse tinha certamente uma coisa forte da política. A Superintendência também é um cargo político, mas a Yvelise não tinha nenhum vínculo com o PMDB. Como ela era Superintendente da Educação e lidava diretamente com os chefes de núcleos e com os professores, a questão pedagógica estava mais em jogo do que a questão política. Então, não havia uma cobrança muito grande, creio eu, que ela tivesse vínculo com o partido.

O cargo de Diretor Geral era de total confiança do Secretário de Educação. O Secretário e o Diretor Geral são as únicas pessoas que assinam recursos financeiros, respondendo perante o Tribunal de Contas. Por isso, precisam ser unha e carne, ter um grau de confiança muito forte. A Superintendência pode assinar resoluções, documentos, mas não despesas. Então, tudo que a gente fazia em termos de projetos, capacitação, cursos, contratação de professor, contratação de projetos, tudo começava nos Departamentos ligados à Superintendência, mas quem assinava o pagamento era o Diretor Geral. E o Diretor jamais assinaria qualquer coisa sem o aval do Secretário.

Só que essa organização de ordenação de despesas acabava por atrasar a realização de muitos projetos como, por exemplo, a capacitação de professores. Vinha a pergunta: como trazer mil professores de Ensino Médio para fazerem um curso em Curitiba? A gente pode dar uma bolsa para cada um e eles vêm para cá e se viram, escolhendo e pagando um hotel. Custa tanto. Ou então,

fazemos licitação de um hotel e o professor só vai ganhar o dinheiro da passagem porque o hotel é pago diretamente pelo Estado. Custa outro tanto. Quem decide como fazer para trazer os professores não é o Departamento de Ensino Médio. É tudo tratado pela Diretoria Geral, pela parte administrativa. A gente não pensava no custo para determinar o evento, a gente pensava no evento para determinar o custo. E muitas vezes, a gente tinha que mudar o evento em função do custo porque a Diretoria Geral não aprovava as nossas solicitações.

Essa situação acontecia com todos nós, chefes de departamento que ficávamos do lado da Superintendência no organograma. Nenhum de nós tinha experiência de lidar com o Estado nesse nível. Mesmo a Superintendente Yvelise, que já tinha ocupado uma pró-reitoria na Universidade Federal do Paraná, não tinha completa noção, nessa época, de como essas coisas funcionavam dentro do Estado. Então, quando eles nos cobravam planejamento de capacitações, não estavam preocupados com a parte pedagógica ou de organização. Era uma questão administrativa e financeira.

Tudo isso era extremamente demorado. Para realizar um evento, havia um esforço muito grande do trabalho burocrático até conseguir fazer o pedagógico. Organizei uma parte da minha equipe no Ensino Médio para cuidar disso porque eu não consigo lidar com isso, sou avesso. Essa coisa da burocracia é muito difícil para mim, mas eu tinha uma equipe muito boa que cuidava disso. Era uma coisa que até andava certinho. Mas, tem o lado ruim, porque em certo sentido eu reproduzia, dentro do Departamento, a estrutura da relação entre a Superintendência de Educação e a Diretoria Geral, separando o pedagógico do administrativo. Embora eu

tentasse manter discussões conjuntas, eu precisava ter uma equipe que cuidasse só das questões administrativas.

Aí dá para perceber a influência que pode ter essa burocracia, ou esta estrutura, nos projetos, na realização de certas coisas. Uma das coisas que eu dizia, brincando e a sério, é que eu não sabia quantas escolas de Ensino Médio havia no Estado. As pessoas me olhavam espantadas. Mas, era por conta dessa estrutura do organograma da Secretaria e Educação. Quem decide se vai ser implantado Ensino Médio numa determinada escola? Não é o chefe do Departamento de Ensino Médio! É a chefe do Departamento de Infraestrutura, que fica abaixo da Diretoria Geral, do lado administrativo e não do pedagógico! O chefe do Departamento de Ensino Médio nem fica sabendo dessa questão de ampliação e reforma de escolas porque é tudo responsabilidade do departamento de Infraestrutura. Então, as informações que chegavam no Ensino Médio e as informações que chegavam na Infraestrutura eram diferentes.

Outro exemplo: o que o Departamento de Infraestrutura levava em conta para decidir se uma cidade merecia ou não ter uma escola de Ensino Médio? Podia ser qualquer coisa, mas nada que tivesse a ver com a parte pedagógica! Essa pessoa que ocupava o cargo de chefe da infraestrutura era uma pessoa do partido. A decisão era política! Podia até continuar assim, eu não ligava, mas eu gostaria que acontecesse a comunicação entre os departamentos. Nesse âmbito, fica muito clara a diferença entre o que era político - coisa de vínculo com o partido - e o que não era. Isso tudo sempre é a minha perspectiva, que fique bem entendido. Não creio que, nem que eu tivesse vínculo com o partido isso fizesse diferença porque a força do outro lado era maior. Quem

estava vinculado à Direção Geral tinha mais força do que quem estava ligado à Superintendência de Educação.

E isso também se refletia na ligação dos dois com o Secretário de Educação. A comunicação entre o Secretário e o Diretor Geral era uma linha direta. Entre o Secretário e a Superintendente não, exceto em momentos de crise ou de produção de coisas específicas, como o plano de carreira dos professores. Tirando isso, a Superintendência ficava, às vezes, semanas sem ter audiência com o Secretário. O Secretário pode ter e pode não ter uma atuação na parte pedagógica. Nessa época, ele não tinha.

A Superintendência da Educação era responsável pela política pedagógica do Estado. O meu Departamento, pela política pedagógica do Ensino Médio e também por dar pareceres técnicos, atribuição essa determinada pelo Governador não só para o meu Departamento ou para a Secretaria de Educação, mas para o Estado todo. Quando solicitado, qualquer órgão deveria dar um parecer técnico sobre sua área de atuação em até dois dias. Obviamente que, na maioria das vezes, esse prazo não era cumprido por causa das tramitações, mas a pressão era grande! Eu dei alguns pareceres sobre cada coisa estapafúrdia! Mas, eu tinha que responder.

Eu tinha uma boa relação com os demais Departamentos. Apesar de muitas pessoas acharem o contrário, eu não tive qualquer problema de relacionamento com a Fátima Ikiko Yokohama, chefe do Departamento de Ensino Fundamental. A política deles era muito diferente da política do Departamento de Ensino Médio mas, mesmo assim, mantínhamos um bom diálogo. Nesse sentido, é bom dizer que eu tive total carta branca. Nunca sofri ingerência política. Eu podia propor

projetos e executar ações sem ser obrigado a fazer determinadas coisas. Por exemplo, quando o Departamento de Ensino Fundamental começou a fazer cursos, eu não fiz cursos, fiz uma coisa diferente. Quando o Departamento de Ensino Fundamental discutiu o currículo, nós não discutimos. Nunca precisamos fazer nada igual. Estava claro, para os chefes de núcleo, que a política do Ensino Médio e a política do Ensino Fundamental eram diferentes. Eram diferentes na concepção, mas isso não era motivo de discórdia, pelo contrário. Mas, o que aparecia para as pessoas? Que eram diferentes na execução. O que o Departamento de Ensino Fundamental estava propondo era mais tradicional e a gente estava tentando fazer uma coisa diferente. Mas, isso nunca foi incômodo para ninguém, nunca houve problema interno.

Eu já comentei que havia muitas Coordenações abaixo dos Departamentos. E eram muitas, um caos que eu não saberia explicar. Elas atendiam projetos isolados de todo tipo que se possa imaginar. Por exemplo, Fulano de Tal assumiu o Detran e quer propor uma disciplina chamada Educação para o Trânsito a ser dada nas escolas usando duas aulas semanais; ele propõe isso para Superintendência de Educação, bate no balcão da Secretaria de Educação - a Secretaria de Educação é um enorme balcão onde as pessoas pedem as coisas - aí, um dos papéis das Coordenações é avaliar esses pedidos. Era cheio de projetos e pedidos desse tipo, do bem e também do mal. Um exemplo de um projeto do mal é assim: você é irmã do deputado tal e tem uma fábrica de ábaco. Você sabe que o Carlos Vianna dá aula de ábaco, então, quer vender ábaco. E quer vender um ábaco cromado que vai custar mil reais para cada escola. São mil escolas, então é um bom negócio, um negócio da China. Tinha de tudo que

você possa imaginar! Uma ideia de projeto de que eu me lembro, foi hilária. O cara comprou um ônibus velho, um sucato e o adaptou, reformou, pintou. Dentro do ônibus, colocou uns sólidos geométricos e disse que era um laboratório itinerante. Daí, queria vender isso para a Secretaria de Educação para ser levado de escola em escola, imagina! Às vezes vinha político, prefeito com recomendação para ser ouvido. Toda a equipe era chamada para ouvir. Mas, vamos registrar: a gente tinha que ouvir. Nunca, nesse período todo em que eu fiquei lá, mandaram comprar algo, nunca teve obrigação. Algumas coisas a gente teve algum empurrãozinho para olhar melhor porque valia a pena comprar.

Eu posso dizer que foram coisas como esses projetos que influenciaram a elaboração do Folhas. E já que comecei a falar do Folhas, a primeira coisa que eu quero dizer é que eu não entrei na Secretaria de Educação com o Folhas pronto ou com a intenção de fazer o Folhas. O projeto foi acontecendo a partir de um conjunto de circunstâncias. O que eu tinha eram ideias anteriores baseadas em coisas que estavam comigo antes de eu ir para a Secretaria.

Uma dessas coisas eram alguns volumes bem antigos do "Lições Populares de Matemática" da editora Mir de Moscou. Esses livros foram parte de um projeto da antiga União Soviética de juntar conhecidos matemáticos para escreverem sobre matemática na forma de textos de divulgação. Vem daí o nome "lições populares". Esses livrinhos foram traduzidos em várias línguas e espalhados pelo mundo. A ideia era divulgar a matemática a partir de textos escritos por grandes cientistas na forma de lições populares.

Eu tive notícia desses livros no final dos anos 80 e tomei mais contato com eles durante o meu mestrado em 1992, 1993. O meu orientador, o Nilson José Machado, tinha vários desses livrinhos e era encantado por eles. Conversávamos muito sobre o assunto, como numa das reuniões de orientação, quando ele ficou sonhando em traduzir os livros para o português, trabalhá-los com os alunos, incluir anexos, transformar. Mais tarde, ele fez esse trabalho e a editora Atual publicou quatro desses livrinhos aqui no Brasil. A gente pensava nessas coisas já naquela época e o Nilson conseguiu fazer em parte. Isso é uma coisa precursora ao Folhas.

Logo que eu terminei o mestrado, em 1995, 1996, propus que os professores do departamento de Matemática da UFPR fizessem uma coisa baseada nos livrinhos russos. Propus que escrevessem uma aula de Matemática - que seria chamada de aula especial ou de *aula da sua vida* - de tal forma que qualquer pessoa pudesse assisti-la, sem se preocupar com pré-requisitos. Então, a ideia do "populares" era, por exemplo, que uma pessoa que estivesse passando na rua e entrasse para assistir à aula, conseguisse entender tudo o que fosse dito. O desafio era fazer isso com cada uma das disciplinas. Até fiz um projetinho, mas não aconteceu. Quem mais se aproximou de uma conversa sobre isso foi o professor Carlos Henrique dos Santos, mas nunca saiu da conversa. Por aí você pode ver que isso era uma coisa que me instigava há um tempo. Antes de eu ir para a Secretaria de Educação, tinha a ideia de que os textos fossem escritos por professores da universidade, por cientistas. Depois, pensei nos professores das disciplinas do Ensino Médio como autores.

Então, essa foi uma das ideias que motivaram o Folhas. E mais algumas coisas, internas à Secretaria de Educação, como o RedeSaber, que envolvia as universidades. Uma outra coisa importante, precursora ao Folhas, foi a apresentação do projeto do portal da internet da Secretaria de Educação feita pelo Glauco Gomes de Menezes. E também, é claro, as tais visitas que eu recebia do pessoal com seus projetos. Dentre todas essas visitas, uma foi determinante para o início do Folhas: a do diretor e dono do Positivo querendo vender um portal e dar apostilas para o Estado desde que fossem também contratados para fazer a capacitação dos professores.

O Secretário Maurício Requião sempre quis imprimir e distribuir coisas como um livro público. Ele dizia que as editoras lucravam muito com isso, que queria ajudar a quebrar esse oligopólio produzindo material dentro da própria Secretaria. De certa forma sabendo disso, o "dono" do Positivo foi apresentar a sua proposta de dar o material para a Secretaria sem custo algum, era só imprimir e distribuir. O Positivo seria contratado para fazer as capacitações, aí que eles iriam ganhar dinheiro. Essa foi a proposta do Positivo e de todos os outros grupos que têm esse tipo de serviço, como o tal do Holus que tinha exatamente a mesma proposta do Positivo, só que com um material muito ruim, muito pior do que o do Positivo.

Por uma pressão política do dono do curso Holus, esse material quase foi comprado pelo Secretário. Minha equipe analisou as apostilas que, se fossem boas, seriam compradas. Mas eram péssimas, foram detonadas e rejeitadas pela equipe. Só que, mesmo assim, chegou até minha mão um exemplar do material com um papelzinho

anexado com clipe e que era uma ordem para que se fizesse um orçamento. Ou seja: o Secretário deu uma ordem para orçar sua distribuição, e eu só fiquei sabendo disso por acaso, quando o tal material foi "devolvido" para mim por engano. Entrei no gabinete do Secretário para perguntar o que estava acontecendo e ele disse que só queria ter uma ideia de preço. A partir daí começamos a conversar sobre as minhas ideias de projeto, o que eu queria fazer com o Folhas e que isso poderia ser o material que ele pensava em imprimir e distribuir. Como havia uma pressão para que a coisa do material impresso fosse executada, a ideia do Folhas foi adiante.

Uma outra coisa em que eu pensava muito era em maneiras de fazer capacitação de professores de todo o Estado sem ter que deslocá-los. Eu achava que o foco da produção de material tinha que estar na escola. Não adianta a gente ter uma equipe que produz material e isso não acontecer na escola. Eu tinha a convicção de que "o currículo da Secretaria de Educação", aquilo que ela apresenta na forma impressa, era algo não *acontecía* na escola. É incrível, mas as pessoas saem da escola, vão para a Secretaria exercer alguma função e "esquecem" o que acontece dentro das escolas. E querem mandar: tem que ensinar equação do 2º grau no 1º semestre. E mandam, esquecem que, quando estavam na escola, qualquer coisa que mandassem fazer eles não faziam. Então, isso era uma coisa que eu queria trabalhar. Quando eu me recusava a fazer o planejamento das capacitações de cursos, eu já estava tentando desenhar uma capacitação que acontecesse dentro da escola. Então, isso foi sendo construído.

O Secretario queria apostilas de qualquer jeito. Eu queria que o professor produzisse coisas. Havia a possibilidade de se usar um portal na internet para

divulgar as produções dos professores. Tudo isso foi se juntando até chegar na minha proposta do Folhas.

4.3 O PROJETO FOLHAS – A CONCRETIZAÇÃO TRANSFORMADA DE UMA IDEIA.

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) mantém na internet, desde dezembro de 2003, um portal educacional chamado “Dia-a-dia Educação”⁷. A ação de estruturação, implementação e atualização diária das informações e recursos do portal está voltada à comunidade de professores, alunos, pais e escola com o objetivo de expor na internet, utilizando recursos da Tecnologia de Informação e Comunicação, questões relativas a diferentes segmentos educacionais e aos projetos implementados no Estado do Paraná na área da Educação.

Sendo assim, o conteúdo do Dia-a-dia Educação foi organizado de acordo com diferentes interesses específicos utilizando uma divisão em quatro grandes ambientes: Educadores, Alunos, Escola e Comunidade.

O objetivo do portal, tomando tal opção de organização, é a estruturação de um repositório de informações que possibilita, segundo descrições disponíveis no portal, o compartilhamento de conhecimentos e o trabalho colaborativo entre professores, além da integração entre a escola e a comunidade.

É visitando a área voltada aos educadores que encontramos recursos destinados, de acordo com definições lá apresentadas, à formação continuada dos professores da Rede Pública de Ensino. Dentre tais recursos está o **Folhas**.

O Folhas⁸, cujo ambiente de trabalho e de divulgação - mediado pela Tecnologia de Informação e Comunicação - é o portal Dia-a-dia Educação, é um projeto de formação continuada a distância que visa ao estímulo e à orientação da produção de conteúdos que são publicados na internet pelos professores da Rede Estadual de Educação Básica do Estado do Paraná

⁷ O portal Dia-a-dia Educação pode ser acessado pelo endereço <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>

⁸ O Folhas pode ser acessado, depois de autenticação de login e senha, pelo endereço: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/frm_login.php?origem=folhas.

com o intuito de que se constituam em subsídios para outros professores na preparação de suas aulas.

Ainda como definição do projeto, em informação publicada no portal⁹, “o Projeto Folhas é um projeto de formação continuada que oportuniza ao profissional da educação a reflexão sobre sua concepção de ciência, conhecimento e disciplina, que influencia a prática docente” que integra o projeto “de formação continuada e valorização dos profissionais da Educação da Rede Estadual do Paraná, instituído pelo Plano Estadual de Desenvolvimento Educacional (PDE)”. A definição apresentada dá destaque ao processo colaborativo, apontando que “o Folhas, nesta dimensão formativa, é a produção colaborativa, pelos profissionais da educação, de textos de conteúdos pedagógicos que constituirão material didático para os alunos e apoio ao trabalho docente”.

Temos, assim, os professores da Rede de Educação do Estado do Paraná como os autores dos materiais publicados no Projeto Folhas. Para montar o seu “Folhas”, o autor produz um material escrito que, depois de validado e aprovado, é publicado no site. A leitura desses materiais no portal Dia-a-dia Educação é permitida a todos, gratuitamente, depois de uma identificação por meio de um login e uma senha.

Há um processo para criação dos materiais do Folhas. Este processo, descrito no chamado “Manual de Produção do FOLHAS” disponível para consulta no portal¹⁰, conta com uma série de orientações para os autores sobre como escrever e para os validadores sobre como orientar os autores e como aprovar a publicação do material escrito, dentro de um objetivo principal:

Tendo em vista a formação continuada, o Projeto Folhas objetiva viabilizar meios para que os professores da Rede Pública Estadual do Paraná pesquisem e aprimorem seus conhecimentos, produzindo, de forma colaborativa, textos de conteúdos pedagógicos. (SEED)

⁹ Texto disponível em <http://www8.pr.gov.br/portals/portal/projetofolhas/index.php>. Acesso em set. 2009.

¹⁰ Texto disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/projetofolhas/manual_folhas.pdf. Acesso em set. 2009.

Os textos escritos devem ter como base as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e/ou Médio e seus Conteúdos Estruturantes nas disciplinas de Língua Portuguesa/Literatura, Matemática, Física, Química, Biologia, Ciências, Educação Física, Arte, Educação Artística, Língua Estrangeira Moderna (Inglês/Espanhol), Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Ensino Religioso.

O formato definido para os textos escritos para o Projeto Folhas segue um padrão, também descrito no manual. Obrigatoriamente, cada Folhas deve conter:

- problema inicial;
- desenvolvimento teórico disciplinar e contemporâneo;
- desenvolvimento teórico interdisciplinar; propostas de atividades (distribuídas ao longo de todo o desenvolvimento);
- referências.

Para cada um desses itens, o manual apresenta orientações sobre quais pontos deverão ser abordados, dando dicas de como devem ser escritos. Tudo deve ser digitado de acordo com as normas indicadas no manual.

Uma observação interessante é aquela que consta no item “Não caracteriza um Folhas”:

Ao escrever um Folhas, é preciso estar atento para o que não constitui um Folhas: textos acadêmicos, recortes de monografia ou dissertações de mestrado e doutorado, artigos científicos, recortes da Internet, cópias de livros didáticos, projetos pedagógicos disciplinares e interdisciplinares ou textos que não contemplem as exigências deste manual ou não tenham o aluno como interlocutor. Isso significa que a linguagem deve levar em conta esta interlocução, considerando o aluno como o primeiro leitor do Folhas. (SEED)

Tal informação, que serve como um alerta, orienta os professores-autores sobre o objetivo que cada Folhas deve ter, levando em conta sua aplicação pedagógica.

Falando nos professores-autores das publicações do Projeto Folhas, estes devem ter habilitação na disciplina sobre a qual pretendem escrever e

devem atuar na Rede Pública Estadual de Ensino como professores do Ensino Fundamental e/ou Médio, diretores e professores em exercício nos Núcleos Regionais de Educação e departamentos da SEED.

Depois de escrito e validado na escola por um professor habilitado na mesma disciplina do autor e por dois professores habilitados em outras duas disciplinas contempladas no desenvolvimento interdisciplinar, o Folhas deve ser inscrito pelo autor no portal Dia-a-dia Educação. Há ainda, no processo, outras duas instâncias de validação: o NRE e a SEED. De acordo com o manual,

A validação consiste no processo de revisão, correção, modificação e complementação do texto do Folhas, resultando num texto com correção conceitual e gramatical, linguagem e grau de complexidade adequados aos alunos de Ensino Fundamental e/ou Médio. (SEED)

A validação é um processo que recebe da equipe que coordena o Projeto Folhas um cuidado especial quanto a sua especificação e forma de atuação. São descritos todos os passos pelos quais o processo deve passar na mão dos validadores, seguindo um roteiro que inclui os pontos que devem ser observados, a forma de contato com os autores, os modelos que devem ser seguidos e os prazos para as três etapas de validação.

Os professores envolvidos no processo de produção e também de validação do Folhas recebem, como benefício após a publicação, uma pontuação que é utilizada para progressão na carreira do Magistério da seguinte forma:

- a) O autor de Folhas publicado no portal Dia-a-Dia Educação – 6,0 pontos até o máximo de 2 Folhas (12 pontos) no período avaliado.
- b) O autor validador de Folhas – 1,0 ponto por Folhas validado e publicado no portal Dia-a-Dia Educação, até o limite de três Folhas (3,0 pontos) no período avaliado.
- c) O autor de Folhas, membro da comissão de validação dos Núcleos Regionais de Educação e da SEED – 0,5 por Folhas validado na comissão, até o limite de dez Folhas (5,0 pontos) no período avaliado.

Esta possibilidade de ascensão funcional por conta das publicações de Folhas deveria contribuir com a motivação dos professores da Rede Pública para a publicação desses materiais, ampliando as situações em que ocorrem um trabalho de colaboração e de compartilhamento de informações em um ambiente virtual de aprendizagem – o portal educacional – de acesso público.

Depois de implantado o Projeto Folhas, com a publicação dos materiais produzidos por seus professores-autores, alguns conteúdos serviram de base para a implantação de um outro projeto que faz parte das políticas públicas de educação no Paraná que é o Livro Didático Público. Cada capítulo do livro é um Folhas publicado. As publicações do Projeto Folhas permitiram que o Departamento de Ensino Médio entendesse que “os professores são capazes de produzir livros didáticos contemplando as doze disciplinas de tradição curricular”. É desta forma que alguns Folhas do Ensino Médio tornaram-se o Livro Didático Público.

Feita essa caracterização geral do Projeto Folhas, serão mostradas agora algumas cópias de telas¹¹ da apresentação do Folhas no portal Dia-a-dia Educação com suas respectivas descrições¹² com o objetivo de melhor identificá-lo. Sabemos o quanto as informações disponíveis na internet podem ser constante e dinamicamente atualizadas. Portanto, a descrição abaixo foi feita tendo como base aquilo que estava disponível e publicamente divulgado na página do Projeto Folhas na data de 04/09/2009.

¹¹ São apresentadas aqui várias cópias de telas. Optei por, em muitas vezes, copiar as telas em vez de descrever o conteúdo de cada uma delas pois acredito que seja uma melhor maneira tanto de caracterizar visualmente o site do Projeto Folhas quanto de apresentar a sua proposta de estruturação de consulta on-line no portal Dia-a-dia Educação.

¹² De acordo com pesquisa realizada no Portal Dia-a-dia Educação no endereço <http://www.diaadia.pr.gov.br/projetofolhas> acessado na data de 04/09/2009



FIGURA 1 – TELA INICIAL DO PROJETO FOLHAS NO PORTAL DIA-A-DIA EDUCAÇÃO.

Dia-a-dia @educação Departamento de Educação Básica
Portal Educacional do Estado do Paraná

Início

Histórico de notícias

O que é o Projeto Folhas

Folhas

O Folhas é um Programa de Formação Continuada dos Profissionais da Educação que propõe uma metodologia específica de produção de material didático, como forma de viabilizar a pesquisa dos saberes e fundamentos teórico-metodológicos das disciplinas que compõem a matriz curricular da Educação Básica da escola pública paranaense. Espera-se que, por meio desta metodologia, seja desenvolvida uma prática de pesquisa no cotidiano escolar e implementadas as Diretrizes Curriculares para Educação Básica da rede pública de ensino do Estado do Paraná. O resultado deste processo são materiais didáticos voltados para os alunos da educação básica.

Manual Folhas

Consulte Folhas Publicados

Consulte Livro Didático Público

Inscreva seu Folhas

Acompanhe sua inscrição

Validação do Folhas

Direitos Autorais

Notícias

Equipe do Departamento de Educação Básica

Fale Conosco

DCE 2009

ITINERANTE

Grupos de Estudos

© Portal Educacional do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR
Fone: (41) 3340-1500

Multimeios Secretaria de Estado da Educação do Paraná

CELEPAR

GOVERNO DO PARANÁ

FIGURA 2 – CONTEÚDO DO ITEM “O QUE É O PROJETO FOLHAS”

Dia-a-dia @educação Departamento de Educação Básica
Portal Educacional do Estado do Paraná

Início

Histórico de notícias

O que é o Projeto Folhas

- Manual Folhas
- Consulte Folhas Publicados
- Consulte Livro Didático Público
- Inscriva seu Folhas
- Acompanhe sua inscrição
- Validação do Folhas
- Direitos Autorais
- Notícias
- Equipe do Departamento de Educação Básica
- Fale Conosco

Manuais Folhas

Antes de escrever o seu Folhas, recomendamos que faça o download do Manual correspondente a sua disciplina, e com as quais realiza a relação interdisciplinar, clicando abaixo:

- Arte
- Biologia
- Ciências
- Educação Física
- Ensino Religioso
- Filosofia
- Física
- Geografia
- História
- Língua Estrangeira Moderna
- Língua Portuguesa
- Matemática
- Química
- Sociologia

Grupos de Estudos

© Portal Educacional do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR
Fone: (41) 3340-1500

MultimelOS Secretaria de Estado da Educação do Paraná

CELEPAR

GOVERNO DO PARANÁ

FIGURA 3 - CONTEÚDO DO ITEM “O QUE É O PROJETO FOLHAS”. CADA NOME DE DISCIPLINA É LINK QUE LEVA PARA UM MANUAL COM INFORMAÇÕES GERAIS E ESPECÍFICAS DE CADA UMA DELAS.

A consulta ao material publicado no portal se dá depois de uma autenticação de usuário com um nome de *login* e uma senha. Qualquer pessoa pode se cadastrar como leitor dos Folhas disponíveis.

Dados Cadastrais

Bem Vindo!

Já sou registrado

Login:

Senha:

OK

▶ Quero alterar minha senha

▶ Quero alterar meus dados cadastrais

▶ Esqueci minha senha

Você é novo por aqui? Registre-se.

▶ Professor da Rede Estadual de Ensino do Paraná

▶ Outros Usuários

Voltar

Copyright © 2003 - Portal Educacional do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR - Fone: (41) 3340-1500
Desenvolvido pela Celepar

FIGURA 4 – TELA DE AUTENTICAÇÃO PRÉVIA À CONSULTA DOS FOLHAS PUBLICADOS.

Feita a autenticação, o leitor escolhe o nível de ensino (Ensino Fundamental – Anos Finais ou Ensino Médio), a Disciplina e o Conteúdo Estruturante dos Folhas que deseja consultar, conforme exemplo mostrado nas telas a seguir.

Projeto Folhas

PROJETO folhas

Acesse os Folhas Produzidos Pelos Professores da Rede

Ensino:

Disciplina:

Conteúdo Estruturante:

Palavra-chave:

Consultar **Voltar**

voltar

Copyright © 2003 - Portal Educacional do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR - Fone: (41) 3340-1500
Desenvolvido pela Celepar

SOFTWARE LIVRE PARANÁ

FIGURA 5 – TELA PARA ESCOLHA DOS PARÂMETROS DE CONSULTA AOS FOLHAS PUBLICADOS: ENSINO, DISCIPLINA, CONTEÚDO ESTRUTURANTE E PALAVRA-CHAVE.

Projeto Folhas

Acesse os Folhas Produzidos Pelos Professores da Rede

Ensino:	ENSINO MEDIO
Disciplina:	TODAS
Conteúdo Estruturante:	TODAS
Palavra-chave:	ARTE BIOLOGIA EDUCACAO FISICA FILOSOFIA FISICA GEOGRAFIA HISTORIA LINGUA ESTRANGEIRA MODERNA LINGUA PORTUGUESA / LITERATURA MATEMATICA QUIMICA SOCIOLOGIA

Copyright © 2003 - Portal Educacional do Estado do Paraná
 Secretaria de Estado da Educação do Paraná
 Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR - Fone: (41) 3340-1500
 Desenvolvido pela Celepar

SOFTWARE LIVRE PARANÁ

Projeto Folhas

Acesse os Folhas Produzidos Pelos Professores da Rede

Ensino:	ENSINO MEDIO
Disciplina:	MATEMATICA
Conteúdo Estruturante:	TODOS
Palavra-chave:	FUNÇÕES GEOMETRIAS GRANDEZAS E MEDIDAS NÚMEROS E ÁLGEBRA TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Copyright © 2003 - Portal Educacional do Estado do Paraná
 Secretaria de Estado da Educação do Paraná
 Av. Água Verde, 2140 - Água Verde - CEP 80240-900 Curitiba-PR - Fone: (41) 3340-1500
 Desenvolvido pela Celepar

WhatsApp: (41) 3340-1500

SOFTWARE LIVRE PARANÁ

FIGURAS 6 E 7 – EXEMPLO DE CONSULTA AOS FOLHAS DE MATEMÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO.

O resultado da consulta é uma lista com todos os Folhas publicados que se enquadram nos parâmetros selecionados na qual são mostrados nº, categorias do Folhas, autor(es) e também uma sinopse. Para acessar o conteúdo do Folhas basta clicar no *link* criado com sua categoria (Nível, disciplina e conteúdo estruturante), como mostrado na figura que segue.

Projeto Folhas

Acesse os Folhas Produzidos Pelos Professores da Rede

Nº	Ensino Disciplina Conteúdo Estruturante	Autor(es)	Sinopse
5	ENSINO MEDIO MATEMATICA FUNÇÕES	FRANCIS PAULA OTILIO MOTA ESPOADOR - CEEBJA DOURADINA - ENS FUND MEDIO;	Infarto, obesidade, diabetes, dentre outras doenças igualmente perigosas, podem ser combatidas sob a forma de prevenção e através de dietas equilibradas e atividades físicas adequadas. Os cálculos de Progressões Aritméticas que são apresentados neste folha exploram, por exemplo, a quilometragem que uma pessoa pode realizar em caminhadas, em um determinado período de dias, quando sequenciadas em P.A.
13	ENSINO MEDIO MATEMATICA FUNÇÕES	LORENI APARECIDA FERREIRA - JOSE DE ANCHIETA, C E PE - E FUND MEDIO; MICHELE REGIANE DIAS - APUCARANA - LOCAL; CLAUDIA URSULA BOCHANOSKI MARTINS - CEEBJA PROF. LINDA E.A. MIYADI - E FUND MEDIO;	As inovações tecnológicas, como as câmeras fotográficas, despertam atenção de jovens e adultos. Esse Folha comenta sobre a tecnologia das câmeras digitais, da qualidade de imagem, suas novas funções, sua utilização como ferramenta de trabalhos e grande utilização em propagandas. Ao comparar os custos de uma câmera convencional que usa filme fotográfico e uma digital, em relação ao custo-benefício, qual é a vantagem em usar esta ou aquela?
31	ENSINO MEDIO MATEMATICA FUNÇÕES	RUBIA MARA RIOS - MONTEIRO LOBATO, C E - E FUND MEDIO;	O Folha aborda o problema do aumento da população de insetos nas cidades devido à destruição de seu habitat natural e o extermínio de seus predadores naturais. Discute sobre o uso de inseticidas para o combate aos pernilongos e indica alguns sites para pesquisa sobre repelente radiofônico, DDT, bioinseticida, ciclo de vida dos pernilongos e efeitos e doenças transmitidas pela picada de insetos. Faz relação da ação de inseticidas com progressões geométricas e traz alguns exercícios de aplicação do conceito de P.G. e questiona sobre a possibilidade da extinção dos pernilongos.
32	ENSINO MEDIO MATEMATICA FUNÇÕES	ELENICE VAZ - JOSE DE ANCHIETA, C E PE - E FUND MEDIO; LORENI APARECIDA FERREIRA - JOSE DE ANCHIETA, C E PE - E FUND MEDIO;	Torre de Hanoi é um jogo proposto pelo matemático Edouard Lucas em 1883. São apresentadas as peças do jogo e suas regras. Por meio dos movimentos das peças da Torre é possível abordar conceitos de Função Afim. Contém atividades de funções sobre consumo de água de casas em bairros residenciais e estabelecimentos de áreas comerciais e indústrias. Tais atividades, associadas aos valores a serem pagos em consequência da quantidade de água consumida, contribuem para os estudantes realizarem explorações matemáticas.
50	ENSINO MEDIO MATEMATICA FUNÇÕES	MARIA JULIA DE CARVALHO - MARILIS F. PIROTELLI, C E - E FUND MEDIO; BERNADETE MICHAŁOSKI - MARILIS F. PIROTELLI, C E - E FUND MEDIO;	O risco de morte em dirigir alcoolizado, os efeitos no organismo, consequências na sociedade e as leis do Código de Trânsito Brasileiro é abordado nesse folha. Considerado no Brasil a droga de maior uso, o efeito do álcool gera comportamentos de violência dentre outros. Mostra uma aplicação de função na relação existente entre a concentração de etanol da cerveja com a quantidade de latas consumidas.
			As funções encontram-se presentes em muitas situações do cotidiano das pessoas. Este folha trabalha as relações da tarifa de água que

FIGURA 8 – EXEMPLO DE UMA LISTA RESULTANTE DA CONSULTA POR PARÂMETROS AOS FOLHAS PUBLICADOS.

As informações de conteúdo do sistema de Folhas aparecem em uma outra tela do sistema a qual apresenta a identificação do Folhas e de seu autor e indica um link rotulado “Arquivo” pelo qual se pode abrir e salvar um arquivo de texto com o material produzido pelo professor autor desta publicação.

Apresentadas estas descrições do sistema que organiza a produção oriunda do Projeto Folhas, temos uma idéia do caminho percorrido pelos professores que produzem material didático de acordo com as orientações do projeto e também pelos leitores que querem consultar o conteúdo de tal produção.

Código:	4
Autor(es):	
NOME	E-MAIL
1- CLAUDETE MARTINS	claudemart@seed.pr.gov.br
2- LUCILENE TEZOLIM PERACOLI	lucileneat@seed.pr.gov.br
3- VILMA RINALDI BISCONSINI	vrinaldi@seed.pr.gov.br
Fase:	1
Núcleo Regional:	ASSIS CHATEAUBRIAN
Município:	ASSIS CHATEAUBRIAND
Escola:	CHATEAUBRIANDENSE, C E - E MED NORM PROF
DDD:	44
Telefone:	35285210
Ensino:	ENSINO MEDIO
Disciplina:	MATEMATICA
Conteúdo Estruturante:	GEOMETRIAS
Conteúdo Específico:	A FACE OCULTA DA ARTE: A MATEMÁTICA
Relacionado às disciplinas:	1. ARTE 2. BIOLOGIA
Sinopse:	O folha "a face oculta da arte: a matemática" trata dos conhecimentos de proporcionalidade e explora o número áureo aplicado na concepção de algumas obras de arte, o que proporciona a esta beleza admirável. Também discute, em biologia, como a estrutura óssea obedece, as vezes, a lei da divisão áurea. Deste modo, propõe algumas possibilidades de trabalho desse conteúdo numa perspectiva mais ampla para o ensino médio.
 Arquivo	

FIGURA 9 – IDENTIFICAÇÃO DO FOLHAS E DE SEU(S) AUTOR(ES) COM O LINK "ARQUIVO" PARA O CONTEÚDO DO FOLHAS PUBLICADO.

É seguindo esse caminho que o leitor tem acesso aos trabalhos dos professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná publicados na internet, no portal Dia-a-dia Educação formatados dentro do Projeto Folhas. Na data de 04 de setembro de 2009 estavam publicados no 394 Folhas, sendo que cerca de 82% referem-se a conteúdos do Ensino Médio.

Esta é uma das maneiras de se conhecer o Projeto Folhas. Uma história contada, em certo momento, pelo que se obtém de resposta quando se consulta o portal da Internet. É o que se vê do Folhas usando esse meio. É uma das histórias que se tem. E isso que se vê e que se lê sugere um pouco, só um pouco, da história desse Projeto.

Se é assim, qual será a sua história?

Consultar a descrição e justificativas do projeto, as instruções sobre a forma e o processo de publicação não faz, por si só, a história do Projeto.

Por isso, para se aproximar do que seria a história do Projeto Folhas, apresentá-la e discuti-la, esta pesquisa busca outras fontes, que não só as disponíveis no site, por exemplo, para conhecer sobre a criação, o desenvolvimento e a implantação desse projeto que se apresenta como uma das soluções que fazem parte das políticas públicas de educação no Estado do Paraná.

4.4 O PROJETO FOLHAS – A PARTICIPAÇÃO NA CONCRETIZAÇÃO DE UMA IDEIA

"E se a gente contasse a história de vida de um projeto?"

Um roteiro de
Luciane Mulazani dos Santos

INT – LABORATÓRIO DO PPGE – 09/05/2008 – 15h

MARCOS AURELIO ZANLORENZI dá o seu depoimento falando sobre o período em que iniciou o seu trabalho na equipe responsável pela criação do Projeto Folhas.

Eu trabalhava com o Carlos Roberto Vianna na época da criação do Folhas. Foi em 2003, quando eu fui para a Secretaria de Estado de Educação (SEED), a convite dele. Ele era chefe do Departamento de Ensino Médio (DEM). Eu fui convidado por ele para compor a equipe de Matemática do DEM. Já estava lá nessa equipe o Donizeti, que saiu agora para fazer o Plano Estadual de Desenvolvimento Educacional (PDE). Ele já estava lá, eu fui e ficamos os dois um tempo e aí depois veio a Anne Heloise para compor a equipe. Hoje ela está na Secretaria Municipal de Educação. Eu não lembro se ela era do município... se não me engano era isso: acho que ela era do município e foi "emprestada" para lá e depois voltou. Antes de ir para a Secretaria de Educação, eu era professor de sala de aula. Conheci o Carlos na especialização. Ele foi da banca. E no mestrado ele foi meu

orientador. Entrei no mestrado em 2002 e fui para a Secretaria 2003, foi isso.

A estrutura hierárquica da Secretaria de Educação, nessa época, era a seguinte: o Secretário Maurício Requião, abaixo dele a Superintendente Yvelise Arcoverde e aí vinham os Departamentos com as suas Coordenações. Se não me engano era isso. Não tinha ninguém entre a Superintendente e as Chefias de Departamento. O Carlos era chefe de Departamento do Ensino Médio e a Fátima era chefe de departamento de Ensino Fundamental. E havia os outros departamentos, como Educação Indígena, Educação para o Campo, Jovens e Adultos, todos funcionavam em separado. Hoje é diferente, hoje está tudo abaixo do Departamento de Educação Básica, chefiado pela Mari. E aí, na minha época, cada um dos departamentos tinha as suas equipes disciplinares. Por exemplo, a equipe de Matemática do Departamento de Ensino Médio era formada por mim, pelo Donizete e pela Anne. Quando o Carlos chegou na Secretaria, em 2003, trouxe algumas pessoas de fora para montar a sua equipe, como eu, e pegou também algumas pessoas que já estavam lá. Outras saíram com a mudança e aí ele teve que reestruturar a equipe aos poucos. O Carlos ficou até 2004. Eu ingressei no Estado como professor em 2002. No final de 2004 eu defendi o Mestrado. Eu me lembro que o Carlos saiu da Secretaria de Educação em 2004 quando eu estava em licença prêmio por 3 meses para fechar o trabalho do Mestrado. Saiu não, saíram com ele, o afastaram. Aconteceu uma série de problemas. Ele ficou sabendo da sua saída via Diário Oficial, ninguém o comunicou, foi bem complicada a situação. Quando eu voltei para a Secretaria de Educação, depois da licença, a chefe já era a Mari. Então, foi isso mesmo, no final de 2004 o Carlos saiu e a Mari entrou. Acho que ela veio do Colégio Paulo Leminski, era diretora lá. E eu saí em outubro de 2005.

Falando sobre o trabalho que eu fazia lá, principalmente na época do Carlos, tinha o Folhas. A ideia inicial do Folhas foi do Carlos. Claro que outras pessoas ajudaram enriquecendo, mas a ideia do projeto foi mesmo dele. No tempo em que eu estive lá eu trabalhava no projeto. Fizemos várias oficinas com os professores, que nos mandaram vários Folhas. A gente fazia uma espécie de orientação sobre o material produzido. Não era uma correção, era uma orientação para a produção. Temos que lembrar que essa era época de início de mandato do Governador Requião. Havia ainda um ranço do governo anterior, do Jaime Lerner. E esse ranço tinha a ver com aquela quantidade enorme de projetos que existiam antes. O conteúdo tinha se perdido, tinham se esquecido dos conteúdos para se perderem no meio de tantos projetos. Para dar um exemplo, tinha o projeto dos rios da Índia, de trabalhar coisas na forma de projeto. Veio da época do Lerner e ficou ainda um tempo na cabeça dos professores. E era tudo sem sentido porque o conteúdo tinha se perdido. Com a entrada do governo Requião e, por consequência, das novas equipes nos Departamentos da Secretaria de Educação, isso tudo foi revisto. O Departamento de Ensino Médio reestruturou muita coisa fazendo o Folhas e também outros projetos. Um dos objetivos do Folhas era resgatar os conteúdos. O nosso trabalho, no início, foi mudar a atitude do professor com relação aos projetos. Isso que às vezes a gente ainda recebia um Folhas de Matemática pronto cujo conteúdo era, por exemplo, meio ambiente. Mas meio ambiente não é conteúdo de Matemática... essa era uma das coisas que o projeto resgatava: que conteúdo que ele ia trabalhar? Funções? Aí tudo bem. A partir daí que se desenvolvia todo o projeto em si.

Como já disse, o Carlos entrou no governo Requião. Na época Lerner a equipe era outra. Os projetos, a equipe, a

chefia costumam mudar conforme o governo. Mesmo dentro do próprio governo os projetos mudam. O próprio projeto Folhas se modificou. O Folhas de hoje é diferente da forma como ele foi idealizado. A gente pensava em uma produção do professor que ficasse disponível na internet para que outros professores pudessem ir trabalhando no seu conteúdo, modificando, dando sugestões. Seria parecido com o Objeto de Aprendizagem Colaborativa (OAC) que existe hoje, mas com um caráter diferenciado. Hoje se mudou tudo. Um dos maiores receios na época, de muitas pessoas que estavam no Departamento e acima dele também, era publicar Folhas com erros conceituais, pois apareciam muitos projetos assim. Então, havia o medo de mostrar a forma como os professores se encontravam. E a ideia do Carlos era justamente mostrar isso, ou seja, era o contrário: partir de onde os professores se encontravam. Ele queria que o Folhas funcionasse também como uma espécie de diagnóstico das coisas que estavam acontecendo lá na sala de aula para, a partir disso, construir um novo currículo. A ideia era ver como estavam as coisas não de cima para baixo, mas trazer as coisas de baixo para cima.

Uma das coisas que eu comentei com o Carlos logo que eu entrei, foi sobre a visão que eu tinha da Secretaria de Educação. Quando eu estava na escola, a visão que eu tinha da Secretaria é que era um grande elefante branco, lento. Quando eu fui para lá, só confirmei, era aquilo mesmo. E isso estava me deixando muito angustiado. As coisas que a gente fazia ali pareciam não se refletir lá na ponta, na sala de aula. E hoje, que estou trabalhando com o pessoal do Portal Dia-a-dia Educação, sempre que olho para o que estou fazendo dentro da Secretaria, penso em como isso vai ser usado lá na escola. E, por isso, acho muito importante ter contato com professor. No trabalho com o Portal se perde um pouco isso. Eu criei mecanismos para tentar

interagir com os professores; eles mandam e-mails, a gente conversa, mas é bem difícil. E isso se mostrou verdadeiro lá na Secretaria também na época do Folhas. Era difícil a gente ter contato com os professores e com os Núcleos de Educação, ficava tudo muito interno à Secretaria. Hoje, ao que me parece - fiquei um pouco ausente, pois passei dois anos fora sem vencimentos -, pelo que eu entendi na última reunião técnica, foram criadas equipes disciplinares nos Núcleos de Educação, como braços do Departamento, o que não existia na época do Folhas. Tudo passava pelo Núcleo antes de chegar na escola e isso, às vezes, era um empecilho; era frequente o Núcleo de Educação ter problemas de relação com a Secretaria de Educação. O próprio Núcleo, mesmo sendo um braço da Secretaria, tinha problemas com a matriz. Então, às vezes, a coisa chegava no Núcleo e não avançava, não ia adiante, por uma série de fatores, o que fazia com que a coisa não andasse. Então, era bem complicado estabelecer contato com os professores. Em cada cidade, em cada região, há um Núcleo de Educação montado como uma "mini-secretaria". Possui uma estrutura completa, com chefia e tudo. Por exemplo, aqui em Curitiba tem núcleo da região norte, núcleo região sul, leste, oeste (que pega as cidades da região metropolitana) e tem um núcleo interno de Curitiba. Então agora, pelo que ouvi, vai ter nos Núcleos uma equipe de Matemática bem como das demais disciplinas. Por tudo isso dá para se perceber como a estrutura da Secretaria de Educação é cheia de tentáculos. É muita gente envolvida, acaba sendo uma dificuldade. Então, para um projeto sair de dentro da Secretaria de Educação e chegar lá na sala de aula, tem um longo caminho a percorrer, e percorrer bem devagar. Eu sempre achei isso e me angustiava demais. Sem contar que, também, é tudo muito político. As coisas acontecem devagar, mas às vezes vão muito rápido também, dependendo do interesse que há por trás. Quando eu

saí da Secretaria, o que estava rolando era o Livro Didático Público que, nada mais é, do que a junção de vários Folhas. No início de sua montagem, lançou-se uma espécie de concurso para escolher quais Folhas formariam o primeiro Livro Didático Público do Paraná. Quem queria participar fazia um Folhas e mandava. Os melhores Folhas foram selecionados e seus professores autores foram retirados de sala de aula para escreverem os capítulos do livro didático. Eu me lembro que isso aconteceu no final do mandato do Requião e ele queria porque queria apresentar esse material do livro como um material de campanha para a reeleição. Então, a pressão em cima desses professores que foram retirados de sala de aula para escrever foi uma coisa horrorosa. Esse foi um dos motivos que me levou a sair da Secretaria de Educação nessa época.

Mas a ideia, no início, não era fazer do Folhas um livro didático. A gente pensava em um formato do tipo fichário, caixa, uma caixa com os Folhas soltos dentro, onde o professor pudesse manipular isso de uma forma mais dinâmica, não fechada dentro de um livro. Daí modificou-se. É aquela questão: muda chefia, muda governo, os projetos mudam todos. A ideia do livro didático surgiu da necessidade de criar livros para disciplinas que ainda não tinham o seu. De Matemática - escrito pelo Adilson Longen - e de Português já existiam, mas faltavam os livros das demais disciplinas. Então surgiu a ideia: por que não fazer o livro com o Folhas? Mas, o Livro Didático Público não se constitui como um livro didático porque não traz em si todos os conteúdos. Na realidade, hoje traz porque a Secretaria forçou a barra no sentido de dizer para os professores que eles tinham que produzir os Folhas em cima de conteúdo estruturante no currículo. E isso também é uma ideia muito diferente do original do Folhas. O que a gente queria, no começo, era saber como as coisas estavam em sala

de aula. Então, se, por exemplo, não aparecesse nenhum Folhas de números complexos, era porque alguma coisa estava acontecendo com esse conteúdo em sala de aula. Era um diagnóstico, era um indício de que, provavelmente, aquele conteúdo não estava sendo trabalhado em sala de aula ou porque o professor não tinha formação suficiente, ou falta de tempo, ou falta de interesse, essas coisas. Aí, sabendo disso, nós, na nossa equipe, poderíamos usar esses indícios para discutirmos o currículo. Era para ser trabalhado dessa forma, era bastante interessante. A gente pensava em um processo de formação do professor, ao mesmo tempo como um diagnóstico para ver o que estava acontecendo, o que existia. A voz do professor era muito ouvida e talvez isso tenha incomodado um pouco muita gente. Os professores eram chamados para eventos onde participavam da construção do currículo, dando sua voz ao texto. A ideia era permitir que o professor se enxergasse no currículo. De um modo geral, o currículo sempre tinha sido construído de cima para baixo. O professor o recebe na escola, discute isso lá com seus pares - quando discute -, entra, fecha a porta e faz do jeito que ele acha que tem que fazer. Nossa ideia, com o Projeto Folhas, era partir do contrário, fazendo um currículo de baixo para cima porque a gente achava que a partir do momento em que o professor fizesse parte efetiva da construção do currículo, quando se enxergasse naquilo, compraria a ideia e a levaria para a sala de aula, usando e aplicando aquele currículo que ele ajudou a construir.

Eu achei tudo isso parte de uma ideia genial, apesar de ser suspeito para falar do Carlos, achei uma ideia genial, que com o passar do tempo, com a mudança de chefia, foi deturpada. Hoje se faz o contrário, estipulam-se de antemão os conteúdos com os quais os professores devem trabalhar para fazer os Folhas.

Foi um trabalho bem legal o que fizemos. Eu recebi trabalhos e participei de oficinas com os professores. O projeto tinha uma metodologia. Era escolhido um conteúdo, um tema e mais duas disciplinas para fazer a interdisciplinaridade. Trabalhava-se com a formação dos professores. A gente percebeu que os Folhas que chegaram no começo estavam bem deturpados, ainda com aquela ideia de projetos que os professores tinham do governo anterior. Foi preciso fazer oficinas. E era um problema essas oficinas porque você perdia muito tempo, no começo, tentando acalmar o professor porque ele queria discutir outras coisas. O professor sempre acaba vendo o pessoal da Secretaria de Educação como um inimigo porque ele tem problema de salário, ele tem problema de estrutura. E aí, você chega lá para dar uma oficina, você não é um professor, você não é um colega de trabalho, você é a Secretaria. Então, tinha que ouvir o que o professor tinha a dizer. Perdia-se um tempo para mostrar para o professor que você era professor também, que você era colega dele. Eu, por exemplo, tinha saído de sala de aula havia pouco tempo. Outra coisa que tinha que deixar clara é que a gente estava ali não para falar sobre os problemas com a Secretaria de Educação. A Secretaria tinha problemas? Tinha, mas aquele ali não era o fórum de discussão, a gente estava ali para outra coisa. Acalmar essa discussão era difícil. Por exemplo, você falava na construção do Folhas e os professores diziam: "ah, mas dou quarenta horas aula, quando que vou poder fazer isso? Ah, não recebo para isso, não recebo para fazer o Folhas" E isso é até hoje. A gente percebe que muitos professores fazem os Objetos de Aprendizagem Colaborativa, fazem Folhas e participam de grupos de estudo somente se preocupando em pontuar para avançarem na carreira. Isso é outra coisa que o Carlos discutia muito. Ele pensava em um tipo diferente de carreira para o professor do Estado. A

gente subia de nível por tempo de casa, de tantos em tantos anos você ganhava um avanço. Veja o meu caso. Eu entrei em 1996 como estatutário e estou, agora, a duas casas do final de carreira. Eu não tenho espaço de crescimento na carreira daqui para frente. É com esse tipo de coisa que o Carlos se preocupava. Se a gente tinha um monte de professores em final de carreira, qual o interesse desses professores em produzir? Nenhum! Isso acaba se refletindo em sala de aula, num trabalho de qualidade duvidosa. E a ideia discutida na época é que o avanço na carreira não se desse por tempo de trabalho e sim por material produzido. Então, se você produzisse um número de Folhas e de Objetos de Aprendizagem Colaborativa, por exemplo, você pontuaria e avançaria na carreira. Eu não sei como está isso hoje, mas acho que está valendo essa questão da pontuação e tem também o avanço por cursos feitos e ainda, por tempo de casa. Então, era difícil, havia muitas coisas sobre as quais os professores reclamavam nesses encontros, nessas oficinas. Mas aí, aos poucos, a gente ia conversando e eles iam percebendo que estávamos no mesmo patamar e que era importante aquela trabalho de produção. Depois desse trabalho com as oficinas, chegou para nós um grande número de Folhas para serem publicados. Nosso trabalho era fazer a leitura em cima de alguns critérios e devolver para o professor com nosso parecer e com sugestões de melhoria quando fosse o caso. Não sei se hoje é a mesma coisa. Eles hoje usam a palavra validação para descrever esse trabalho. A gente nunca gostou dessa palavra. Hoje, me parece, eles estão querendo levar para os professores das universidades fazerem a validação, coisa a qual o Carlos se opunha, na época, por conta do critério da autoridade. Se o professor é da universidade e vai validar o Folhas, o professor autor vai sempre ficar achando que deve se submeter a tudo que o outro disser porque ele é da universidade. Isso é bastante

complicado. A nossa ideia, a ideia original era fazer do Folhas uma produção que, no início, poderia até ter erros conceituais que seriam, na sequência, com a colaboração de outros professores, corrigidos. Tudo seria construído podendo se ter a noção de como avançou e se modificou.

É interessante que, no início, só havia Folhas de conteúdos do Ensino Médio, até porque foi um projeto do Departamento de Ensino Médio, do Carlos. Hoje não sei como está, mas acho que existem trabalhos para o Ensino Fundamental também. E tem essa coisa dos projetos por departamentos, dentro da Secretaria de Educação. Cada Departamento acabava tendo um projeto de ponta que chamava a atenção. Nessa época, havia o projeto do próprio Secretário Maurício Requião que era o FERA, o projeto do ComCiência e o Parque da Ciência. Inclusive, uma das pessoas que contribuiu muito para o Folhas, que ajudou na idealização, está no Parque da Ciência como diretor, o Sergio. Então, os departamentos tinham algumas coisas que eram as suas "meninas dos olhos" e que não passavam de um departamento para outro. O Fundamental tinha lá os livros que eles escreviam, as salas de apoio etc.. O Ensino Médio tinha o Folhas.

A equipe que o Carlos montou no Departamento era muito interessante, eu gostava muito, era muito prazeroso trabalhar lá, foi aquela coisa do conhecimento mesmo. E não existiam subchefias. O Carlos fazia assim: quando tinha algum evento, ele via qual dos técnicos estava menos sobrecarregado e o designava como responsável por aquele trabalho; ou organizava uma equipe de responsáveis. Então esse grupo se reunia, com a ajuda de todo o mundo, todas as disciplinas participavam. Quando o evento acabava, outra coisa começava. Com o Folhas, todo mundo na equipe trabalhava. Com a saída do Carlos e a chegada da Mari, ela começou a eleger algumas pessoas do grupo, uma pessoa ficou

responsável pelo livro didático, outra pelo currículo, outra pelo Folhas, agora pelo OAC também, daí criaram-se como se fossem subchefias e as pessoas trabalham ligadas a essas subchefias. Isso não existia antes, era muito bacana ver o pessoal trabalhando com todos os eventos e projetos. A sala era uma coisa que ajudava muito, era um salão grande onde cabia todo mundo, sem divisória nenhuma, as equipes ficavam em suas mesas, três mesas, distribuídas ao longo do salão e num determinado espaço tinha uma mesa de reuniões, também aberta. Então, às vezes alguém estava responsável por um determinado evento, tinha uma dúvida, tinha uma ideia, chamava o povo para conversar, tirar uma dúvida. O pessoal se reunia rapidinho, a chefia às vezes nem ficava sabendo, surgiam novas ideias, coisas novas que contribuíam para aquele evento e o grupo já se dissolvia, cada um continuava o que estava fazendo. Era muito bacana isso, um clima de colaboração muito grande. Hoje as pessoas não estão mais na mesma sala, está tudo dividido, parece que dividiram por equipes, eu não sei se está matemática do Fundamental e Médio tudo junto, mas aí acabou indo para uma outra salinha, então matemática ficou longe de história... Lá não, lá a gente conversava muito, trocava muito, isso era muito legal. A gente ficava ali na Água Verde, acho que era na sala 202, uma sala bem no final do corredor, um salão enorme, era muito bacana. Tenho saudades... É engraçado que, com a mudança de chefia, a coisa foi... a impressão que eu tive, pelo menos foi o que aconteceu comigo, é que foi sendo colocado um pano morno. Em vez de você construir um projeto - e aí, para isso, era preciso muito estudo, o Carlos promovia muito essa coisa de grupo de estudos - você começou a virar mais tarefeiro por conta da existência das subchefias que determinavam tarefas. Você quase não tinha mais tempo para trocar com as outras equipes das outras disciplinas, para sentar, para discutir,

você tinha um monte de tarefas que tinha que cumprir. Você vira tarefeiro, chega de manhã, passa seu crachá, vai lá, senta e executa suas tarefas. Isso para mim é horrível, eu não gosto disso, eu gosto de trocas. Então, eu fui minguando até que chegou um dia em que eu disse para a chefia que eu não acreditava mais e que iria sair. Eu gostava muito do clima de antes, do ambiente que tinha sido gerado lá dentro e, para mim, o Carlos foi um dos, talvez o maior responsável por isso, porque ele oportunizava que esse clima se propagasse entre o grupo. Foi bem interessante ver as pessoas se modificando dentro do departamento por conta daquilo. Era muito bacana. Agora, onde estou, ainda me angustio um pouco porque acho falta do retorno do professor, coisa que a gente tinha muito mais na época do Folhas. E tem também a coisa da tarefa, da meta a ser cumprida, de tantos objetos que você tem que colocar no ar. Eu tenho levantado muito essas questões lá dentro. Coisas do tipo: veja, tem que fazer uma descrição de um objeto de aprendizagem, vai ter que pensar sobre isso, vai ter que pensar como uma pessoa vai usar isso na sala de aula. Não adianta eu colocar uma imagem qualquer lá e dizer "olha é a imagem de um tetraedro". Tá, mas o que é que ele vai fazer? Claro que nada garante que o professor vai utilizar aquilo da forma como você poderia indicar. Ele vai pegar isso e vai fazer o que ele quiser, mas se você conversar com ele, mostrar opções, pode trabalhar com esse personagem, com esse trecho de filme, pode trabalhar outros conteúdos, creio que ele pode enriquecer os seu trabalho. Eu tenho colocado muita coisa a respeito do uso da História. Você pode levantar a discussão em sala de aula da Matemática como construção humana, não como algo divino como é sempre colocado. Você vai quebrando paradigmas, vai quebrando coisas que as pessoas têm muito firme dentro delas. Isso você pode fazer. O professor pode ler aquilo e

dizer, puxa, é mesmo! Nada garante, mas a gente pode fazer isso. Então essa coisa de estar pensando como é que ele vai usar lá na ponta eu acho que é fundamental. Melhor do que pensar como é que ele vai usar lá na ponta seria se ele pudesse dizer para a gente: "olha aqui o que eu estou precisando. Eu estou precisando disso. Como é que vocês podem me ajudar a trabalhar isso? Olha, os meus problemas agora são esses...". Não sei como está agora, mas nunca houve um canal de comunicação direta com o professor. Então, o professor recorria ao Núcleo, raramente recorria à Secretaria. Na cabeça dele, ele tinha que se remeter ao Núcleo. As coisas sempre chegavam para gente vindas do Núcleo e não diretamente do professor. Aí, claro, nas reuniões técnicas, nos cursos, os professores aproveitavam para falar, só que aí tem aquela coisa do emocional, eles canalizavam todos os problemas deles. Você tinha que dizer, "gente, questão de salário é complicada? É, mas aqui não é o canal, o canal é via luta, é via reivindicação, via participação em outro âmbito, é na rua, no sindicato; ali você discute salário, você discute condições de trabalho. Aqui a gente está discutindo o conhecimento". Eles, os professores, se assustavam quando eu falava assim, eu sempre fui muito aberto. Eu me lembro de uma reunião técnica num hotel, já na gestão da Mari. No final, acontecia o momento de avaliação. O processo de avaliação de um evento é uma folha padrão onde há uma série de questões, você pinta as bolinhas, pronto. Passei para os professores fazerem. Terminado aquilo, eu fechei a porta e disse: "agora vamos fazer a avaliação de verdade, vamos conversar para valer". Eles se assustaram com isso, ficaram com muito medo de falar pois, afinal de contas, eu estava ali como alguém da Secretaria. Eu me lembro que falei: "vocês estão reclamando de salário mas eu não vi ninguém na paralisação no outro dia, no dia da paralisação. Você

estava? Eu estava!”. Como é que alguém da Secretaria estava? “Ué, antes de ser da Secretaria eu sou professor como vocês, a minha profissão é professor”. Agora, estou momentaneamente afastado da sala de aula, mas continuo sendo professor. Aí eles abriram o jogo e foi muito interessante.

O que eu consegui perceber nesses anos todos é que os professores produzem muito. Eles ainda têm - e acho que em todo lugar é assim - uma resistência muito grande à leitura, mas aos poucos muitos bons trabalhos são apresentados. E o Folhas mostrou isso. Isso era uma das coisas que o Folhas também queria mostrar: quais são as experiências que estão sendo bem sucedidas, que estão sendo boas em sala de aula e que ficam restritas àquela escola, àquela comunidade, às vezes a uma determinada região do Estado e ninguém mais sabe que aquilo está acontecendo. Então essa era uma ideia que vinha com o Folhas, socializar isso, permitir que qualquer professor pegasse aquela experiência, usasse, mexesse nela e trabalhasse em sala de aula. Então, é isso. O que eu digo sobre o Folhas e a equipe é que uma coisa está ligada à outra. Muita gente tem cargo político lá dentro da Secretaria de Educação. Muda o governo e aí, às vezes, as pessoas não mudam, continuam e continuam com as mesmas práticas, é bastante complicado. Algumas pessoas se mantêm lá independente do governo, outras saem. Mexe-se mais com chefias. Vamos ver como vai ficar agora. O Maurício Requião deve ir para o Tribunal de Contas, um cargo vitalício que ele está tentando fazer tempo. Eu acho que agora ele emplaca, então vai haver mudanças na Secretaria de Educação. Vai mudar o Secretário, daí muda a Superintendência. Pela ordem natural das coisas, a Superintendente assumiria a Secretaria, mas nem sempre é assim na política. De qualquer forma, teremos mudanças de novo. A Superintendente assume a Secretaria e provavelmente

algum chefe de departamento assume a Superintendência, e aí alguém conhecido do chefe provavelmente assume a chefia de departamento, aí o encaminhamento pode ser modificado. Pode demorar um pouco, mas muda. Quando mudou do Carlos para a Mari, por um tempo o encaminhamento foi parecido mas, aos poucos, as coisas foram se moldando conforme a nova chefia. E mudando o governo daqui a dois anos e meio, mais mudança. E essa questão da mudança é interessante porque se reflete na sala de aula, o que até desanima um pouco. Essa coisa de mudarem os projetos, às vezes atrapalha o professor. Muitas vezes bons projetos são abandonados só porque foram idealizados no governo anterior. Esquece-se o projeto, deixa-o à míngua, cria-se um outro. Isso é muito ruim para a sala de aula lá na ponta, o professor fica muito confuso. Pode ser por isso que o professor entra em sala de aula e faz o que quer; e o que ele faz, de modo geral - a gente tem pesquisas em cima disso - é mais ou menos aquilo que ele já aprendeu com outros professores, com sua história de vida. Ou seja, ele acaba reproduzindo o que os outros professores faziam quando ele era aluno. E a gente não vê mudança, mudança mesmo, mudança no sentido de transformação do processo.

Como eu já disse, o Carlos também foi um dos responsáveis pelo plano de carreira do Estado. A gente trabalhou nisso com ele. Uma das coisas que se modificou, que eu acho muito importante, é uma cláusula que diz que o professor só pode assumir a sala de aula se ele for licenciado. Hoje, todo mundo pode entrar em sala de aula, mesmo não sendo licenciado, via o Processo Seletivo Simplificado (PSS); mas, concursado, só sendo licenciado. E isso foi colocado na época em que eu estava no Departamento de Ensino Médio. O plano de carreira saiu dali, naquela época.

Eu acho que existem soluções e experiências muito boas que podem ser aproveitadas na educação. Um exemplo é a notícia que coloquei na página da Matemática que vai ao ar amanhã cedo. Em Portugal, algumas escolas estão trabalhando, em alguns momentos da semana, com dois professores em sala de aula ao mesmo tempo, um de Matemática e um de Português. Isso tem ajudado muito os alunos na leitura de problemas e leitura de gráficos. Eles estão aproveitando a experiência do professor de línguas no trabalho com a linguagem matemática, a linguagem gráfica, a linguagem numérica. E dizem que o avanço é muito grande não só entre os alunos mas também entre os professores que estão trocando experiências entre si. Pode ser que os alunos não conseguiram aprender Matemática por conta de linguagem. Então, acho que há várias soluções.

5 O CINEMA TRAZ A HISTÓRIA E OS MODOS DE ENDEREÇAMENTO

Jackson Pollock foi o primeiro pintor americano a ter uma exposição individual na galeria de Peggy Guggenheim, a *Art of This Century*. Isso aconteceu de 9 a 27 de novembro de 1943. Um grande feito, já que a seletividade da escolha e a crítica da época eram ferozes em eleger seus artistas. Na introdução do catálogo desta exposição, assim estava caracterizado, por James Johnson Sweeney, na época curador do *Museum of Modern Art* (MoMA) de Nova York, o talento de Pollock:

Vulcânico. Tem fogo. É imprevisível. É indisciplinado (...) É generoso, explosivo, desalinhado (...) O que precisamos é de mais homens jovens a pintar a partir das impulsões interiores sem dar ouvidos ao que pensam os espectadores e os críticos – pintores que arrisquem estragar uma tela para dizer alguma coisa à sua maneira. Pollock é um deles. (EMMERLING, 2003, p. 46)

O trabalho de Pollock com as tintas permitia-lhe a ousadia. Uma das considerações feitas pela banca de qualificação a respeito desta tese de doutorado indagava a respeito da legitimidade necessária a um não-historiador para apresentar questões relacionadas com a história e a historiografia. Eu não sou historiadora, sou Educadora Matemática e não consegui obter a tal legitimidade – nos momentos em que julgava-se necessária – mas, ainda assim, me permiti discutir os textos que li e as conexões que fiz. Tudo para conseguir contar e endereçar, à minha maneira, a minha produção acadêmica. Mesmo arriscando estragar uma tela de pintura.

As reflexões e análises do filósofo polonês Adam Schaff apresentadas em seu “História e Verdade” foram de suma importância para a discussão sobre as diferentes versões dadas para um mesmo fato histórico. O historiador John Lewis Gaddis, com “Paisagens da História”, contribuiu relacionando a perspectiva histórica com as ciências sociais e exatas. A presença do Professor e Educador Matemático Vicente Garnica na banca de qualificação e no texto que, gentilmente, me cedeu, me fizeram voltar bons passos atrás depois de concordar que, sim, precisamos deixar de lado a ideia de que “o passado está lá em algum lugar”.

Estas foram as tintas principais que, como em um *dripping*, ajudaram a criar o texto que segue.

5.1 HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E HISTORIADORES

A maioria dos historiadores e estudiosos da história trabalha com dois distintos significados para a palavra **história**: como **processo histórico objetivo** e como **historiografia** (a descrição do processo histórico objetivo). Esta é uma distinção que tem por trás uma concepção filosófica – explícita ou não – que admite por um lado, “a realidade que existe fora e independentemente de todo o espírito que conhece” e, por outro, “o pensamento relativo a esta realidade”. (SCHAFF, 2000, p. 111)

Anos de pesquisa trabalhando com História Oral na História da Educação Matemática permitem que Garnica conclua que grande parte das pessoas aceita a historiografia como uma prática acadêmica legítima mas, via-de-regra, também a enxergam como uma espécie de “ciência do passado” entendendo-a como algo que não mantém vínculo com o presente.

Mesmo quando o vínculo da historiografia com o presente não é de todo alheio ao interlocutor, frequentemente circula no espaço da interlocução a noção de progresso, como se o passado fosse o lugar da origem das “coisas” que, num processo de aperfeiçoamento, atingiriam formas mais adequadas (mais densas, mais vigorosas, melhor definidas, úteis...) ao trafegarem nessa linha contínua que ligaria o passado ao presente. (GARNICA, 2010)

É isso que faz questionar o lugar ocupado pelo passado - se é que ele o ocupa - no estudo da história e das versões para os fatos históricos. De acordo com Garnica, o que se estuda, por meio da historiografia, não é o passado e sim **algo** do passado, pois o passado “é uma ausência em si, e precisa ser preenchido ontologicamente para que possa ser objeto da historiografia”. A historiografia deveria ser um trabalho de presentificar as ausências, assim como o fazem os arqueólogos de Pompéia com as múmias do vulcão Vesúvio. Se é assim, não faz sentido aceitar que o passado **esteja** em algum lugar. (GARNICA, 2010)

A metáfora da preservação dos corpos de Pompeia e Herculano usada por Garnica para descrever o papel da historiografia foi esclarecedora e abriu caminhos para a minha pesquisa. Já falei dela no primeiro capítulo deste texto e ela volta agora com força de suporte às discussões teóricas.

Para Gaddis (2003), **“a história é tudo que temos”**. Somente podemos saber coisas que acontecerão no futuro porque um dia estudamos o passado, “só conhecemos o futuro através do passado nele projetado”. Vista dessa forma, a história tem um grande papel na representação do passado e, assim, na constituição da realidade. Em certo conflito com as considerações de Garnica, essa visão admite que aquilo que está - ou esteve - no passado é a grande fonte de dados para o trabalho do historiador, uma fonte de dados que pode ser obtida sistematizada e mapeada de diferentes maneiras.

Mas, e o que dizer do passado quando assume-se que

As “coisas do mundo” vestem-se de independência e não se deixam dominar facilmente por critérios absolutos definidos por quem quer que seja; não se dobram docemente nem se deixam prender em linhas indefectivelmente contínuas que, se seguidas, levariam ao melhor – ou ao pior – dos mundos possíveis. Tudo ocorre entre alterações e permanências. Nada se desenvolve linearmente e nada pode ser explicado de modo definitivo. (GARNICA, 2010)

Essa é uma pergunta que nos desperta para reflexões que podem mudar as concepções sobre historiografia, sobre história, e sobre o papel do historiador. A historiografia passa a ser vista como

O modo de compreender essa dinamicidade, essa variação entre momentos de estabilidade e momentos de caos; momentos que tendem à ruptura; momentos de ruptura que surgem dentro de momentos de estagnação. (GARNICA, 2010)

Além disso, um mesmo acontecimento relacionado com a ciência da história no seu conjunto pode ser visto, interpretado e julgado de diferentes maneiras por diferentes historiadores, seja porque eles pertençam a diferentes épocas ou gerações, seja porque têm como base sistemas de valores diversos, como, por exemplo, opostas concepções de mundo (SCHAFF, 2000, 55).

No contexto da discussão apreendida até aqui, a função do historiador seria a de retratar “o passado” não como algo inerte que deva ser registrado mas sim como um instantâneo, “construindo uma narrativa (estática) da dinamicidade dessa captura.” (GARNICA, 2010)

O historiador, motivado por questões do presente, sistematiza, voltando-se “ao passado”. Historiadores, portanto, produzem

narrativas menos ou mais motivadoras, causando menores ou maiores impactos, impondo matizes menos ou mais duradouros. (GARNICA, 2010)

Temos, assim que os historiadores podem selecionar, perceber e apresentar um mesmo fato de maneiras diferentes. Desta forma, muitas das perguntas que podem ser feitas a respeito do que seja a verdade histórica somente podem ser respondidas fazendo uma reflexão filosófica. E isso associa a história à filosofia de maneira bastante estreita, mesmo quem nem todos os historiadores concordem com isso.

5.2 CONSTRUINDO VERSÕES

Trabalhar com História Oral nos faz dialogar com a História. Um dos porquês que justifica essa afirmação está no fato de que podemos levantar, graças a tal metodologia, fontes históricas importantes para complementar o mapeamento da verdade histórica que buscamos.

Mas que verdade é essa, a tal da verdade histórica? E que história é essa, a tal da história contada? São elas o registro da verdade? Se são, de qual verdade? Fazendo essas perguntas, damos um tom de subjetividade e relatividade à história que, em sua relação com a verdade, nos dá munição para enfrentarmos o pensamento de que pode sempre haver mais de uma verdade sobre uma mesma história.

A maioria dos filmes é resultado de cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. (ALBERTI, 2004, p. 15)

Se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo: repetir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. E o que vale para nossas vidas vale evidentemente para o passado de uma forma geral: é impossível reproduzi-lo em todos os seus meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu. A história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou. (ALBERTI, 2004, p. 13)

Coisa interessante acontece quando se trabalha com a História Oral: quando ouvimos a narrativa de alguém que conta uma história, parece que toda a descontinuidade vai embora e que se torna possível fazer aquele filme daquela vida inteira em todos os seus detalhes. A presença da pessoa que conta nos aproxima do passado “como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que não volta mais”. (ALBERTI, 2004, p. 14)

Talvez esse seja um dos méritos que a História Oral possa ter: o fantástico poder de nos colocar frente a frente e mui proximamente de fatos históricos vividos com todas suas marcas de toques pessoais que nos deixam pensar que podemos desvendar e escrever aquela história. Mesmo que isso não seja possível, mesmo que não consigamos, de verdade, restabelecer completamente o que já foi vivido.

A História Oral tem uma peculiaridade, segundo Alberti (1990), decorrente “de toda uma *postura* com relação à história e às configurações sócio-culturais que privilegia a *recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*”. Isso causa fascínio (ALBERTI, 2004) na medida em que “a experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto”. A História Oral diz respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Os historiadores, usando a História Oral, trabalham com as entrevistas como fonte para a pesquisa histórica. Neste trabalho, usamos depoimentos para discutirmos versões e fatos de histórias.

As diferentes versões coexistentes de uma história são realçadas com certa facilidade quando depoimentos são colhidos e tratados com a metodologia da História Oral. Isso porque as narrativas orais características das entrevistas nos colocam em contato com diferentes leituras sobre histórias distintas acerca de um mesmo tema, assunto ou acontecimento.

Para Garnica (2005), é fundamental distinguir a História Oral como recurso metodológico para pesquisas de natureza geral da História Oral como fundante teórico-metodológico para pesquisas de teor historiográfico. Diz que quando a História Oral é utilizada em pesquisas relacionadas com a historiografia, tais estudos têm uma coisa em comum: “tendência a não ‘coisificar’, ‘factualizar’ – e, decididamente, a não heroificar – os indivíduos-depoentes, mas preservá-los em sua integridade de sujeitos, registrando uma rica pluralidade de pontos de vista: distintas versões da História”.

Optar pela História Oral para estudos de natureza historiográfica, portanto, é optar por uma concepção de História e reconhecer os pressupostos que a tornaram possível. (...) Portanto, não se trata simplesmente de optar pela coleta de depoimentos e, muito menos, de colocar como rivais escrita e oralidade. Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações,

considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores (...) Não havendo uma história “verdadeira”, trata-se de procurar pela verdade das histórias, (re)constituindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer. (GARNICA, 2005a)

É assim que se assume a historiografia como um constructo ideológico que como tal,

É continuamente retrabalhada e reordenada por todos aqueles que, em diferentes graus, são afetados pelas relações de poder – pois os dominados, tanto quanto os dominantes, têm suas próprias versões do passado para legitimar suas respectivas práticas. (GARNICA, 2010)

Isso implica em aceitar uma concepção de história e de historiografia que condizem com as vertentes adeptas da história como versão, negando a verdade histórica, preferindo a “história das verdades”. (GARNICA, 2005)

As entrevistas, feitas com pessoas que participam da história, ou seja, com pessoas que têm algo em comum, apresentam narrativas que se tornam determinantes não só para a constituição das fontes históricas, mas também para o resgate dessas pessoas como agentes do processo histórico, ou seja, como parte constitutiva da história e da suposta verdade que queremos conhecer sobre o tema central da investigação. É também importante observar que

A história oral considera que a história abrange a todos – e que todas as experiências individuais são, por isso, históricas. Assim, prestigia o sujeito – *qualquer sujeito*, tão significativo quanto outro, dentro de seu grupo, como agente histórico. Em nenhuma comunidade de destino há indivíduos mais importantes ou emblemáticos que outros. (SANTHIAGO APUD SANTOS, 2008, p. 36)

É relevante pensar assim quando trabalhamos com História Oral para entendermos a centralidade da pessoa que narra, seja ela quem for, no processo de constituição da história.

Para falarmos de histórias, fontes e versões, usamos o cinema como pano de fundo. Uma produção cinematográfica – *Herói (Hero)*, cujo enredo apresenta diferentes narrativas conflitantes para um mesmo fato ocorrido: a subjugação de guerreiros inimigos de um Rei na China antiga. A apresentação das falas dos personagens na forma de um roteiro, incluída como apêndice nesta tese, foram um exercício de transcrição baseado na metodologia da História Oral.

Usando o cinema para falar sobre história, entramos também na discussão sobre quem o cinema pensa que somos quando assistimos a um filme. Falamos, então de modos de endereçamento. O modo de endereçamento, no âmbito dos estudos de cinema, é importante para os pesquisadores interessados em responder a seguinte pergunta: quem o filme que você assiste pensa que você é?

Sabemos, por Ellsworth (1997), que podemos pensar a educação pela forma do modo de endereçamento. A autora faz uma extensa análise na qual nos apresenta reflexões ligadas aos processos educativos e pedagógicos que justificam e fundamentam a aplicação na educação daquilo que os estudiosos do cinema entendem por modo de endereçamento.

Quando as questões relativas às diferentes histórias que podem ser contadas na tela do cinema a respeito de um mesmo fato passaram a fazer parte do objeto de estudo da pesquisa aqui apresentada, a teoria sobre o modo de endereçamento se fortaleceu como importante no processo de análise.

Usamos o modo de endereçamento pensando em educação, como faz Ellsworth (1997). Usamos o modo de endereçamento pensando também em cinema como fazem os estudiosos em cinema. Usamos o modo de endereçamento pensando nos depoimentos colhidos segundo a metodologia da História Oral para discutirmos as diferentes versões que podem ser dadas a respeito de um mesmo fato histórico, no caso, a criação do Projeto Folhas dentro da Secretaria de Estado da Educação. Foi nesse ponto que nos perguntamos: o que estudam os teóricos do cinema que nós também podemos estudar pensando na história e na historiografia?

Para descobrir uma resposta, foi preciso entender em que está interessado o modo de endereçamento.

Os estudos ligados ao modo de endereçamento têm a ver com a relação entre o “social” e o “individual”. Foi uma noção desenvolvida para esse fim, ou seja, para estudar os limites do social e do individual quando se trata do filme e seu espectador, do livro e o leitor, da pintura e quem a contempla. Ou, de acordo com Ellsworth (2001), para procurar respostas para a pergunta: “qual é a relação entre o lado de ‘fora’ da sociedade e o lado de ‘dentro’ da psique humana?”:

Se você compreender qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador; produzindo um filme de uma forma particular. Ou você poderá ser capaz de ensinar os espectadores como resistir ou subverter quem um filme pensa que eles são ou quem um filme quer que eles sejam. (ELLSWORTH, 2001)

A autora segue fazendo análise na qual mostra que essa noção de modo de endereçamento apresentou os seguintes significados para os teóricos do cinema: (a) modo de endereçamento é conceito de alguma coisa que se refere a algo que está no texto do filme agindo, de alguma forma, sobre os espectadores, sejam eles reais ou imaginários; (b) depois de um tempo, os teóricos do cinema passaram a ver o modo de endereçamento como sendo, menos, algo que está em um filme e, mais, um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual, num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele.

Falando sobre essa mudança indicada no último item, Ellsworth (2001) diz que ela “deixa de localizar o modo de endereçamento no interior do texto de um filme e passa a compreendê-lo como um evento”. É essa noção de modo de endereçamento como um evento que permite que a autora fale de modo de endereçamento no âmbito da educação e, por extensão, que nos permite, aqui, utilizá-lo para falar da história oral.

Podemos, a partir disso, analisar coisas como: (a) Quando você assiste a um filme quem esse filme pensa que você é? (b) Quando o filme apresenta diversas versões para uma mesma história, ele pensa que você é quem em qual parte?

Assim como um filme é feito para alguém, aquilo que dizemos ou escrevemos também é feito imaginando determinado público e, até mesmo, desejando determinados públicos.

Entretanto, os diretores de cinema, os roteiristas, os produtores e os proprietários de salas de cinema estão, com frequência, distanciados dos espectadores "reais" ou "concretos". As distâncias podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas, de gênero, de raça. Entre a redação do roteiro e a exibição, os filmes passam por muitas transformações. Entretanto, a maioria das decisões sobre a narrativa estrutural de um filme, seu acabamento e sua aparência final são feitos à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre "quem" são seus públicos, o que eles querem, como eles vêem filmes, que filmes eles pagam para ver no próximo ano, o que os faz

chorar ou rir, o que eles temem e quem eles pensam que são, em relação a si próprios, aos outros e às paixões e tensões sociais e culturais do momento. (ELLSWORTH, 2001)

Isso faz com que o conceito de modo de endereçamento se baseie no seguinte argumento:

Para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na "realidade" do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001)

Com relação ao filme de cinema, há duas posições para as quais a história e o prazer visual do filme estão dirigidos para mostrarem a realidade: a primeira, uma posição física, pode ser representada pela poltrona do cinema para a qual aponta a tela do filme. A segunda, identificada pela autora como "posição-de-sujeito", é subjetiva e intimamente localizada “no interior das relações e dos interesses de poder, no interior das construções de gênero e de raça, no interior do saber”. São essas posições que permitem que se conceitualize o processo de construção da ideia que está por trás do “quem esse filme pensa que você é”. (ELLSWORTH, 2001).

São muitas as suposições que os produtores de filmes fazem a respeito do tipo de pessoa para qual seu filme é endereçado e também sobre as posições e identidades sociais que seu público deve ocupar. A consequência dessas suposições é que produzem traços – intencionais e não intencionais – no próprio filme.

É assim que, para algumas escolas que estudam o cinema, um filme é composto não só por imagens e história, mas também por uma chamada estrutura de endereçamento voltada para um determinado público imaginado. Acontece que a estrutura de endereçamento não é algo que possa ser visto e estudado da mesma forma que a iluminação, a edição ou o estilo de um filme. Isso porque o modo de endereçamento, não sendo visível como a trama ou a história, mais se parece com a estrutura narrativa do filme do que com seu sistema de imagem.

O que também dá essa característica de invisibilidade ao modo de endereçamento é o fato de que se trata de uma estruturação das relações entre o filme e seus espectadores desenvolvida ao longo do tempo; não é um momento visual ou falado. Como a autora apresenta no exemplo dado no texto, ninguém no filme diz literalmente:

Ei, você aí! Garoto branco e rico, de 12 anos! Veja isto! Será divertido. E você vai querer comprar o brinquedo [relacionado ao filme]. E você se sentirá mais velho e mais poderoso – e mais alto – do que você é e o mundo inteiro vai parecer girar ao redor de você. E quando o filme terminar, você sentirá que ser um garoto branco e rico, de 12 anos, é a melhor coisa que pode acontecer no mundo. (ELLSWORTH, 2001)

Mas, essas mensagens podem estar lá. O filme pode endereçar essas ideias no intuito de chamar o espectador buscado. Temos, então, um processo invisível que tem o papel de convocar o espectador a uma posição a partir da qual ele deve ler o filme. E a leitura do filme, partindo dessa convocação, depende do chamado “posicionamento de público” tratado por alguns estudiosos; posicionamento esse particular e estreitamente relacionado com uma posição física tomada pelo espectador em relação à câmera que filma. E quem escolhe isso são os produtores e diretores da produção visual. Essa posição física de observar ou julgar revelam uma forma de espaço social ligado a posições ideológicas. E por aí vamos dando sentido à nossa experiência de construir conhecimento a partir de um ponto de vista social e político próprio.

Isso faz com que a experiência de ver os filmes e os sentidos que damos a eles sejam não simplesmente voluntários e idiossincráticos, mas relacionais – uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, o conhecimento e o poder. (ELLSWORTH, 2001)

Assim, quando assistimos a um filme, damos uma resposta não somente a sua história ou ao seu estilo, mas também às formas solicitadas ou exigidas pela sua estrutura de endereçamento. Lemos o filme de acordo com o modo de endereçamento envolvido. Somos endereçados pelo posicionamento da câmera e pelo espaço social que nos é criado por ela. É como se fôssemos quem o filme quer que sejamos, quem o filme pensa que somos ou ambas as coisas.

Mas, não somos exatamente aqueles espectadores que o filme pensa que somos. Isso porque a posição social que nos é atribuída via modo de endereçamento não é, nunca, uma posição única ou unificada. A suposição feita sobre nós pode ter infinitas variações, por isso o filme não acerta totalmente sobre quem são os seus espectadores.

Passar pela experiência do modo de endereçamento de um filme varia, para nós espectadores, com a “distância entre, de um lado, quem o filme pensa que somos e, de outro, quem nós pensamos que somos, isto é, depende do quanto o filme ‘erra’ seu alvo.” (ELLSWORTH, 2001)

Imaginemos que o lugar “ideal” esteja situado na poltrona central da última fileira da sala de cinema. O modo de endereçamento do filme pode “errar” o “alvo” por apenas duas cadeiras, atingindo, por exemplo, aquela poltrona situada duas cadeiras à esquerda do assento ideal. Ou, no outro extremo, pode passar bem distante do “alvo”, “acertando” a poltrona situada junto à parede, na primeira fila. (ELLSWORTH, 2001, grifos da autora)

Posições fora do alvo nesse processo de descentramento acabam por exigir do espectador algum rearranjo para voltar o filme para seu foco. É preciso que ele se imagine no centro do endereçamento, pensando no que seria se ele estivesse na poltrona-alvo. Quando o modo de endereçamento de um filme erra o alvo “é necessário aquilo que alguns estudiosos chamam de ‘negociação’ por parte do espectador”. Só que essa negociação, assim como acontece com o endereçamento, também não é uma coisa simples ou única. Isso porque “da mesma forma que o espectador ou a espectadora nunca é exatamente quem o filme pensa que ele ou ela é, assim também o filme não é, nunca, exatamente o que ele pensa que é”. (ELLSWORTH, 2001).

Como conclusão, temos que nunca existe um único e unificado modo de endereçamento de um filme. Até porque, se o endereçamento tivesse sempre alvos certos, provavelmente o filme nunca seria visto por aqueles que não fazem parte do grupo inicialmente endereçado.

Além de todas as considerações a respeito do modo de endereçamento como um evento e das posições-alvo que o espectador pode assumir, há importantes questões relacionadas a tensões que podem ocorrer no interior dos diferentes – sabemos que existem – modos de endereçamento de um filme. Uma tensão que pode ocorrer, por exemplo, entre **quem a narrativa da**

história pensa que você é e quem a própria história pensa que você é. No caso do filme *Herói*, por exemplo, o modo de endereçamento do conteúdo das diferentes narrativas de um mesmo episódio pode se atritar com o modo de endereçamento do desenvolvimento da história toda. E, estudos mostram que “esses dois modos de endereçamento não funcionam necessariamente de forma conjunta e compatível” já que “diferentes sistemas formais e estilísticos, presentes em um único filme, podem ter diferentes modos de endereçamento. Podem estar ocorrendo, de forma simultânea, múltiplos modos de endereçamento”. (ELLSWORTH, 2001).

Para tratar, nesse trabalho, dos múltiplos modos de endereçamento do filme *Herói* quando estamos interessados na discussão a respeito da verdade histórica, trabalhou-se com as legendas e com as transcrições dos áudios da produção cinematográfica, entendendo que essas são, nesse caso, as fontes históricas.

A possibilidade de ler sobre o método histórico, a concepção histórica e o papel do historiador, assuntos destacadamente discutidos por Garnica (2010), Gaddis (2003), Schaff (2000) e também sobre o modo de endereçamento no cinema, desvendado por Ellsworth (1997) e traduzido por Silva (2001) garantiu um jeito diferente de refletir sobre o roteiro e olhar para o texto e a narrativa do filme *Herói* e para os depoimentos sobre o *Folhas*.

“Quando pensamos o passado como uma paisagem, a história é o modo pelo qual a representamos.” (GADDIS, 2003, p. 19).

“O passado é uma ausência em-si.” (GARNICA, 2010).

“Por que é que diferentes historiadores, partindo de fontes idênticas, compõem quadros tão diferentes, por vezes contraditórios, do processo histórico?” (SCHAFF, 2000, p. 52).

As mensagens dessas citações foram, para mim, essenciais para a realização do trabalho de discutir **o que é história, o que é historiografia e o que faz o historiador** numa perspectiva confessadamente leiga de quem não é historiadora mas tem a intenção de descobrir e revelar suas descobertas.

Quais as versões da história do Projeto *Folhas* foram possíveis de serem escritas com esta pesquisa? O modo de endereçamento, tema discutido no âmbito dos estudos de cinema, me ajudou a descobrir.

Conhecemos coisas vividas por outras pessoas por meio da história. É com esse norte que se apresentam as discussões desse trabalho que é, como já dito, de não-historiadores para não-historiadores que procuram entender o papel dos historiadores sob uma visão que interessa a todos aqueles que estudam, ensinam, lêem ou se interessam pela história sem ser, necessariamente, um historiador.

Se o historiador representa o passado (GADDIS, 2003), é importante discutir o que é **representação**. A representação é um ato que “diferencia” o historiador “do familiar”, um ato que permite que os historiadores vivenciem por meio de outras pessoas aquilo que não podem experimentar diretamente: “uma visão mais ampla”. (GADDIS, 2003, p. 19). Temos, assim, a introdução de um conceito cuja base é o fato de nos colocarmos na posição de uma outra pessoa e vivermos, graças à história, coisas que não poderíamos viver de uma outra forma. Para o cinema, isso é um prato cheio. Para as discussões em torno do modo de endereçamento, a representação tem a importante função de apresentar os elementos que podem ser inseridos nos papéis desempenhados pelos envolvidos nas diferentes maneiras de se ler e de se entender um filme. O cinema nos coloca em contato com a representação: vivemos outras experiências, diferentes das nossas, por meio das vivências dos personagens. E aceitamos ou não estas histórias dependendo do quão somos ou não alvos dos modos de endereçamento do filme a que assistimos.

Ao historiador, o ato de representar dá poder. As pessoas envolvidas com a produção de um filme - produtores, diretores, montadores etc. -, preocupadas e atentas aos modos de endereçamento, também têm um certo poder: o poder de dar legitimidade ao que é visto. Em outras palavras, o poder de fazer um filme dar certo. Em ambos os casos, esse poder tem a ver com os sentidos de significância e de insignificância.

Nas relações humanas, um dos meios de alcançarmos o amadurecimento é quando reconhecemos a nossa identidade pelo caminho da insignificância. “o estabelecimento da identidade requer o reconhecimento de nossa relativa insignificância no grande esquema das coisas”. A sensação de insignificância que temos ao observar uma paisagem física é semelhante a do historiador que observa as paisagens históricas. A história nos ajuda a enxergar essas coisas. “Estamos limitados a aprender por meio do passado,

façamos ou não um esforço, porque ele é o único banco de dados que possuímos”. Isso é utilizar a consciência histórica. Esse sentimento de insignificância perante a história existe não somente em nós, leigos, mas também nos historiadores. E é essencial que assim o seja para que eles saibam que têm a tarefa de **representar** a história e não de reproduzi-la. Acontece que essa mesma possibilidade de **representar** a história que causa nos historiadores a constatação de sua insignificância, dá a eles o incrível e paradoxal poder da **significância**: são os historiadores **os responsáveis pela tarefa de representar a história**, tarefa que causa nas demais pessoas – e neles próprios – o sentimento de insignificância perante as coisas do mundo que formam as paisagens históricas. (GADDIS, 2003)

A história, na medida em que revela experiências passadas e nos coloca em contato com a grandiosidade da representação, tem o seu papel no processo de desenvolvimento da maturidade nas relações humanas.

Aprender história, aprender com a experiência é compreender que não se pode, como diz Gaddis, “continuar a aprender ao acaso ou aleatoriamente”. Para o autor, isso conduz ao que de mais importante qualquer historiador tem a fazer: **ensinar**. Seja na sala de aula ou em qualquer outro ambiente no qual se possa ter essa atitude, o que se espera como resultado desse ensino “é um presente e um futuro sobre o qual o passado repouse gentilmente”:

Quero dizer com isso uma sociedade preparada para respeitar o passado, enquanto o mantém capaz de ser explicado, uma sociedade menos dada a destruir que a adaptar, uma sociedade que valorize o sentido moral sobre a insensibilidade moral. (GADDIS, 2003, p. 169)

De acordo com o autor, a consciência história é, portanto, uma das maneiras de se construir tal sociedade. O estudo da história e o desenvolvimento da consciência histórica ajudam, portanto, nos processos de maturidade das relações humanas. Os processos percorridos por aqueles que estudam, ensinam e representam a história colocam-nos permanentemente em contato com as tensões envolvidas nesse processo, com a significância e com a insignificância, com a liberação e a opressão. A representação do passado, independentemente de utilizar ou não métodos científicos, nos aproxima,

portanto, dos nossos objetivos recorrentemente perseguidos de entender nosso presente e projetar nosso futuro.

Para Schaff (2000, p. 56), volta e meia nos deparamos com “diferenças inegáveis entre os pontos de vista propostos pelos historiadores para acontecimentos idênticos”, o que nos leva a questionar se é possível a existência da verdade objetiva na história porque, no contexto do conhecimento histórico, tratamos da verdade.

Os historiadores admitem **alguns** fatos que poderão acontecer no futuro. Mas, só sabem coisas sobre o futuro porque estudaram o passado. “Só conhecemos o futuro através do passado nele projetado. Nesse sentido, a história é tudo que temos.” (GADDIS, 2003, p. 17)

Porém o passado, por sua vez, é algo que nunca poderemos possuir. Porque quando percebemos o que aconteceu, os fatos já estão inacessíveis para nós: não podemos revivê-los, recuperá-los, ou retornar no tempo como em um experimento de laboratório ou simulação de computador. Só podemos **reapresentá-los**. (...) Salvo com a invenção de uma máquina do tempo, nunca retornaremos para ter certeza. (GADDIS, 2003, p. 17, grifos do autor)

Os historiadores não devem se iludir pensando que oferecem os **únicos** meios pelos quais habilidades adquiridas – e ideias – são transmitidas de uma geração a outra. Cultura, religião, tecnologia, meio ambiente e tradição também o fazem. Mas a história é, sem dúvida, o melhor método de expandir a experiência para obter o consenso mais amplo possível sobre a importância que ela possa vir a ter. (GADDIS, 2003, p. 24, grifos do autor)

Uma das atividades do historiador é a representação da história. Adotamos e aceitamos, nesse texto, a analogia que Gaddis faz entre a história e a paisagem, sendo a história a representação da paisagem feita por um historiador. Perante a grandeza da história, o historiador se coloca, alternadamente, em uma posição de significância e insignificância graças, justamente à sua tarefa de fazer representações. A representação nos permite vivenciar, por meio de uma outra pessoa, uma situação que não podemos experimentar diretamente. Representar é uma das tarefas do historiador. E não há uma única maneira de representar esses papéis e de alcançar esse propósito. Os métodos usados pelos historiadores podem variar e aí reside a riqueza de se contar a história, ainda que, em certos casos, possa causar desconforto, estranheza e dúvida. Entre a representação e a realidade,

o historiador pode se valer de uma pluralidade de paradigmas que podem muito bem convergir para que ele consiga a desejada adequação precisa entre representação e realidade.

Sempre há a possibilidade de que novas provas do passado levem os historiadores a reavaliarem as origens até dos mais conhecidos e consagrados eventos históricos. Há mesmo a possibilidade de que novas perspectivas no presente efetuem mudanças no que pensávamos que soubéssemos. E até na ausência de novas respostas do passado, as perspectivas que sofrem mudanças no presente podem nos levar a formular novas perguntas sobre o evento e fazê-lo parecer diferente. Contudo, nada disso significa que nós não exista uma base para determinar as causalidades históricas: é só uma indicação de que a base é provisória. E não há nada de raro nesse caráter provisório porque os achados históricos estão sujeitos a revisões. Os historiadores permanecem no presente enquanto exploram algo passado. É diferente do que viajar com uma máquina do tempo e ir até o passado. Quando o historiador permanece no presente, é ele quem determina o que quer olhar e também é ele quem escolhe a forma da sua narrativa. De todos os fatos, ele seleciona aquele que acredita ser mais representativo e decide sobre o que escrever. Isso dá uma chance, inclusive, para inusitadas vozes que podem contar uma história. Se é o historiador quem seleciona suas fontes históricas, pode escolher aquelas que, tradicionalmente, não seriam constituídas para tal. Imagine uma situação: a proclamação da república do Brasil contada a partir das impressões de um entregador de correspondências do Império. A preservação das fontes abre as portas para uma outra época. A simultaneidade, ou seja, “a habilidade de estar ao mesmo tempo em mais de um lugar ou tempo” é mais relevante do que a seletividade. (GADDIS, 2003, p. 39)

Isso se deve à necessidade de observação de alguma coisa do passado sob a perspectiva do presente para a compreensão e comparação dos fatos observados

Para compreender algo é necessário vê-lo em relação a outras categorias da mesma classe; mas quando o fato se estende ao longo de um tempo e espaço que excedam a capacidade de observação individual, nossa única alternativa é estar em vários lugares ao

mesmo tempo. Só observando o passado sob a perspectiva do presente (...) permite que façamos isso. (GADDIS, 2003, p. 40)

Já que os historiadores têm a capacidade de frequentar muitos lugares ao mesmo tempo, podem, do presente, pesquisar diversos assuntos do passado em um mesmo período bem como pesquisar um único tema em diversas marcas do tempo. Se quiser, ainda pode fazer uma combinação de ambos. A representação é, então, a reorganização da realidade de acordo com os objetivos do historiador. E o seu ato de observar para representar modifica o objeto observado. “Ou seja, a objetividade como uma consequência é quase impossível, e, portanto, **a verdade não existe**”. (GADDIS, 2003, p. 44). Mas essa é uma conclusão desconcertante, de acordo com o autor.

Um cuidado: o historiador pode mudar a representação do objeto mas não pode mudar o objeto em si. Isso porque os objetos que representam estão no passado, que nunca poderá ser alterado. “Porém eles podem, por meio da forma peculiar de abstração que conhecemos como **narrativa**, retratar o movimento através do tempo” (GADDIS, 2003, p. 29, grifos do autor).

A forma de representação mais usada pelos historiadores é a narrativa, com a função de simular algo que já se tornou conhecido no passado. Sobre elas, Gaddis diz que

São reconstruções, agrupadas dentro dos laboratórios virtuais de nossas mentes, dos **processos** que produziram qualquer que seja a **estrutura** que estamos tentando explicar. Elas variam nos seus objetivos, mas não nos seus métodos, pois em todas elas nos perguntamos: “Como isso pôde acontecer?” Em seguida, tentamos responder à pergunta de forma a conseguir a adequação mais precisa possível entre **representação** e **realidade**. (GADDIS, 2003, p. 122, grifos meus)

Uma paisagem do passado é algo inacessível. Como os historiadores podem afirmar que conhecem o que se passou nessas épocas tão distantes? Parte da resposta tem a ver com aquilo que torna possível que a história seja escrita: os processos passados geram estruturas sobreviventes – documentos, imagens, memórias – que permitem que os historiadores reconstruam, em suas mentes, o que aconteceu e, posteriormente façam suas narrativas. Os historiadores adaptam as representações à realidade.

6 O PROJETO FOLHAS – A DISCUSSÃO SOBRE SEU PAPEL NA HISTÓRIA

**"E se a gente contasse
a história de vida de um projeto?"**

Um roteiro de
Luciane Mulazani dos Santos

FADE IN:

INT. CASA DO MARCOS E DA NEUSA – NOITE

ROSANE mostra um CD com arquivos gravados sobre o Folhas.
LUCIANE pega o CD. NEUSA mostra uma pasta com apostilas e cadernos. Abre um dos manuscritos e aponta uma das folhas.

NEUSA

Esse aqui é o primeiro registro das reuniões do departamento na época do começo do Folhas. É de 09/12/2003.

No meio de todos os papéis que guarda, Neusa encontra a primeira versão do manual do Folhas, impresso no tamanho de meio A4, com a capa amarela.

NEUSA

Essa foi a primeira versão, meio caseira, introdutória.
Depois, virou esse outro.

Neusa mostra um outro manual. CARLOS observa os manuais.

CARLOS

Esse é de 2005, não o vi pronto. Foi feito depois que eu saí da Secretaria de Educação.

O grupo analisa as duas versões impressas do Manual do Folhas que tem em mãos.

NEUSA

Eu me lembro que uma outra versão do manual foi feita enquanto eu ainda estava trabalhando na Secretaria. Mas acho que eu não tenho ela aqui.

LUCIANE examina os manuais.

LUCIANE

Pelo jeito, essa versão de 2005 é a mesma que eu vi publicada na internet, no site Dia-a-dia Educação. Mas, me contem como foi o processo de criação desses manuais.

NEUSA

Foi o Carlos quem montou a equipe de trabalho do Folhas dentro do departamento de ensino médio da Secretaria da Educação do Paraná, no começo da gestão do governador Roberto Requião e do Secretário Mauricio Requião. Nessa equipe, uma comissão foi responsável pela estruturação dos manuais, formada por mim, pelo MARCOS e pela MARIA JOSÉ, professora de História.

Neusa pega na mão o manual de capa amarela.

NEUSA

Nós fizemos um trabalho preliminar, o embrião desse. Depois, se não me engano, a VALÉRIA, que era professora de Filosofia, participou da criação da versão de 2005. Acho que o Marcos também participou. Eu não, porque já não fazia parte dessa comissão.

LUCIANE

Qual era a proposta de trabalho?

NEUSA

O Carlos propôs que a gente pensasse um material de caráter didático que ajudasse o professor em seu cotidiano de sala de aula, sendo que o próprio professor seria produtor do material. O nosso clima de trabalho, as nossas discussões, giravam em torno disso.

LUCIANE

E todo mundo, no departamento, concordava com essa ideia?

NEUSA

Não! A gente ouvia muita coisa de gente que dizia que o professor não era capaz de fazer aquele trabalho, que o professor de sala de aula estava muito longe da discussão teórica, que o professor de sala de aula não era capaz de produzir material didático. Eu não achava isso porque conhecia muitos professores que tinham experiência em escrever. Eu cheguei na Secretaria vinda da escola, então sabia de muitos professores do estado que, independentemente de terem ou não mestrado, eram capazes sim de produzir material didático.

LUCIANE

E você, Neusa, achava o que desse projeto?

NEUSA

Eu gostei muito, mesmo sem saber direito o que era no começo. Gostava porque lidava muito com a coisa do conhecimento. Como eu trabalhei com transposição didática no meu mestrado - terminei o mestrado em 2000 - via no trabalho dessa comissão uma possibilidade de colocar em prática essa discussão teórica. E também queria entender o que o Carlos queria do grupo e do projeto...

LUCIANE

E qual era a situação dos professores em sala de aula nessa época?

ROSANE

Eles vinham de um governo anterior no qual eram vistos e tratados como mero executores de projetos. Só se ouvia falar em projetos, projetos, projetos. Por isso, também, que muitos achavam que o professor não era capaz de produzir, somente de executar.

NEUSA

E essa história de projetos deu o que falar! Eram cinco mil disciplinas nas escolas, não é CARLOS?

CARLOS

Um número absurdo!

LUCIANE

Cinco mil? Como assim? E o que os projetos tinham a ver com as disciplinas?

NEUSA

É porque o projeto dos rios da Índia era uma disciplina...

LUCIANE

Oi?

ROSANE

Eram as disciplinas da parte "diversificada" do currículo, né?

LUCIANE

Gente, explica isso melhor!

CARLOS

Na verdade já nem existia mais a divisão entre parte específica e parte diversificada. Ninguém entendia coisa alguma! Quando muda a gestão, época em que fui para a Secretaria de Educação como chefe do Departamento de Ensino Médio, fizemos, antes de qualquer coisa, uma redução desse número: de cinco mil, passamos para mil e quinhentas disciplinas... ainda assim era muita coisa...

LUCIANE

Mas, como era isso? Como assim mil e quinhentas disciplinas? Quais? O que se ensinava nas escolas? Continuo sem entender!

CARLOS

Vou tentar explicar. Durante a gestão do Jaime Lerner, no governo anterior, a Secretaria de Educação abriu mão de ter aquilo que se tem agora: um currículo básico. Isso significou, na prática, que a secretaria delegou às escolas - falando assim até fica bonito - a escolha e decisão dos

conteúdos tratados em sala de aula, dentro dos 25% da carga horária referentes à tal parte diversificada. Só que isso, como mexia com a carga horária de todos os professores de uma escola, acabava interferindo também na definição das disciplinas da parte específica.

NEUSA

Eles diziam que a escolha das disciplinas da parte diversificada deveria atender às necessidades da região onde a escola estava inserida.

CARLOS

Se fosse um padrão por região, por cidade, seria até bom. Mas não houve isso. A decisão era tomada por cada escola. E aí virou nesse número incrível de disciplinas!

LUCIANE

Gente, me dá um exemplo disso.

CARLOS

Imagine que na sua escola tinha um professor de matemática que viajou para a China. Aí, esse cara volta - não importa se ele é professor de matemática - e faz um projeto criando um espaço de disciplina para dar aula sobre os rios da China.

NEUSA

Ou rios da Índia...

LUCIANE

Mas o professor não era de matemática? E criou uma disciplina para falar sobre os rios da China?

CARLOS

É bem aí que eu vejo um grande desvio da proposta da Secretaria. No exemplo que dei, podia acontecer de o professor de matemática não dar aula de matemática e sim só dar aulas sobre os rios da China, tratando isso como uma disciplina. Isso pode parecer um exagero, mas é só exagero

do exemplo, porque os desvios existiam, e muitos. No caso desse exemplo, a carga horária, o padrão desse professor era cumprido dando aula de tudo quanto é coisa que ele quisesse, menos de matemática. E isso, dentro das escolas, virou um negócio sem controle.

ROSANE

E os professores ficaram assim, executando projetos. Com essa história muitos conteúdos foram perdidos. Perdeu-se o que ensinar. Quando se perguntava aos professores quais os conteúdos de suas disciplinas, diziam ética, cidadania...

NEUSA

Misturaram-se os conceitos de disciplina com parâmetro curricular. Cidadania, educação sexual e etc viraram disciplinas na cabeça e na ação dos professores que estavam na escola nessa época.

ROSANE

Só que não eram disciplinas. Esses eram os temas transversais, hoje chamados de temas contemporâneos sociais, uma coisa assim...

NEUSA

Isso! Acho que o pessoal da Secretaria de Educação queria mostrar um certo domínio teórico, influenciados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Só que aí, tudo se confundiu como disciplinas.

LUCIANE

É, me parece mesmo uma confusão.

NEUSA

E era! Eu me lembro que o Carlos nos orientou também no trabalho de "enxugar" o tal rol enorme de disciplinas, pedindo que propuséssemos disciplinas que fossem realmente...disciplinas. Na área de Geografia, por exemplo, que é a minha área, participei do trabalho de analisar quais daquelas cinco mil disciplinas tinham a ver com Geografia.

LUCIANE

Um trabalho grande, hein?

NEUSA

Foi! Chegamos, a princípio, em 400 disciplinas. Limpamos mais um pouco, aproximando conteúdos e criamos uma única disciplina que foi chamada de Geografia do Paraná.

CARLOS

Eu não sei se a palavra é criar. Nós não criamos novas disciplinas. Eu lembro que teve sim esse momento, em que eu pedi para vocês fazerem listas dos conteúdos que seriam importantes nas disciplinas. Mas isso foi uma demanda do pessoal responsável pelo portal. Eles queriam uma lista de conteúdos para cobrar dos professores. Isso foi antes dos Folhas, logo no começo da construção do portal.

NEUSA

Mas olha, Carlos, no dia 20/11/2003 eu tenho um Notes aqui que fala "ementa de geografia do Paraná" e está escrito: "oi Yvelise, estou enviando a proposta inicial da ementa. aguardo retorno caso não esteja a contento para futura organização do plano da disciplina." Eu lembro que a gente formulou disciplinas sim. Eu formulei uma de introdução à metodologia científica...

CARLOS

Ah, sim. Disso eu lembro. Mas não propusemos disciplinas para as escolas.

NEUSA

Ah, sim, é verdade. Não propusemos para as escolas.

CARLOS

Eu tinha entendido, pelo que você falou, que tínhamos chegado nas escolas. E não foi isso. O que fizemos foi construir as ementas para tentar colocar as coisas em

ordem. É como se a gente dissesse: "não é rio da China, é Geografia do Paraná". Mais como uma orientação, como um parâmetro e não como propostas de disciplinas que deveriam existir em todas as escolas. Veja como é bom conversar! Eu nem lembrava mais disso.

LUCIANE

Esse trabalho de vocês deu, então, uma organizada naquela confusão das cinco mil disciplinas.

CARLOS

É. Depois do nosso trabalho, dez, quinze disciplinas passaram a ser indicadas para as escolas. Dessas, podiam escolher três ou quatro para a parte diversificada do currículo. Não se tinha mais as cinco mil.

NEUSA

É, foi isso mesmo.

LUCIANE

Eu queria que vocês explicassem melhor essa coisa de parte diversificada e parte obrigatória do currículo. Você tinha falado antes em 25% da carga horária destinada à parte diversificada.

CARLOS

Vamos lá. O currículo é formado por duas partes: a obrigatória e a opcional. A opcional, chamada de diversificada, é de livre escolha de cada escola e deve corresponder a 25% da carga horária total. Só que, como essa carga horária é uma só, a escolha das disciplinas opcionais acaba afetando as atividades das disciplinas obrigatórias. Quando o governo anterior deixou a escolha livre, criou-se aquela já comentada aqui profusão de disciplinas opcionais. Podia não ser intencional, mas o fato é que essa situação teve um grande reflexo na parte curricular obrigatória.

NEUSA

Eu estava em sala de aula nessa época, no Instituto de Educação do Paraná, onde aliás, estou trabalhando novamente agora. Foi muito difícil para nós, professores. Tivemos que adequar muita coisa. Como no meu colégio a gente tem como característica "criar a partir do que vem",

trabalhamos com o que tínhamos, mas nem sempre as coisas ficavam claras para mim.

ROSANE

Para mim também não.

NEUSA

Acho que é também por isso que a transição entre o governo Jaime Lerner e o governo Requião foi um período que me assustou muito. Vínhamos de uma política lernista que deixou a escola às moscas e passamos a um momento de criação. Isso me assustou um pouco.

,

LUCIANE

Imagino! É uma mudança de foco e tanto!

NEUSA

Eu já tinha trabalhado na Secretaria Estadual de Educação no início dos anos 90. Fiz mestrado em currículo, sou curricularista. Quando me vi em um governo Lerner sem discussão curricular, perdida naquele monte de projetos, sentia que a gente estava ao léu, a ver navios.

LUCIANE

E o que acontece quando o Carlos assume, já no governo Requião?

NEUSA

Ele monta essa equipe de que te falei no começo. Eu fiquei muito feliz em participar porque senti que a gente estava entrando numa discussão não feita durante os oito anos anteriores. Eu só fui feliz nesses oito anos como professora na escola porque fazia parte de um grupo muito unido e que tinha muita autonomia para trabalhar. Esse era o lado bom, a gente fazia o que queria. Mas, mesmo assim, no final do governo Lerner eu não estava mais aguentando porque a escola virou, me desculpe a expressão, um samba do crioulo doido. É por isso que eu me sentia muito honrada por fazer parte da equipe montada pelo Carlos. A gente passou a trabalhar num processo de criação. A gente estava criando, não era isso?

ROSANE

Era.

CARLOS

Essa era uma coisa que eu curtia. A gente estava criando mesmo. Mas, tem uma coisa que eu gostaria de dizer. Quando falamos aqui de criar, parece que tudo foi intencional; parece que eu fui para a Secretaria pensando em criar. Não foi isso. Eu fui porque me convidaram e eu aceitei. Eu não tinha pensado de antemão em criar nada. As coisas foram acontecendo. Eu consegui montar uma equipe com um espírito de discussão do qual muito me orgulho. Gosto de lembrar das reuniões, da conversa, da maneira como as coisas aconteciam. Eu acho que foi uma equipe muito legal, que rendeu muito. A equipe ajudou a criar muita coisa. Isso foi bem bom!

ROSANE

Acho que é como se estivesse devolvendo ao professor a suas funções não só de executar, mas de planejar, de criar, de participar de um projeto.

CARLOS

É. Isso era uma coisa que sempre foi muito importante para mim. Eu me lembro por exemplo, de me cobrarem para chamar consultores para fazer muitos dos trabalhos que eram feitos pela equipe que, não podemos esquecer, era formada por professores da rede. Eu não queria consultores porque eles viriam para nos dizer o que fazer. Vamos nós pensar o que queremos pensar. A gente queria ouvir o professor falar, ver o professor produzir. Então isso pra mim era uma coisa muito importante.

NEUSA

Claro. Eu lembro que, por causa desse nosso tipo de atividade, tivemos alguns atritos com instituições de ensino superior que foram ouvidas, mas sem o status de ocupantes do topo da hierarquia. Muitas coisas apareceram no evento do Expotrade, o primeiro grande encontro para discutir as diretrizes curriculares do Estado.

CARLOS

Eles ficaram indignados porque não eram os protagonistas do evento.

NEUSA

E nós também não éramos. Eu, Neusa, não era...

CARLOS

Eu tive o cuidado de organizar o evento de tal forma que cada grupo de trabalho fosse formado por um número maior de professores da rede do que professores das universidades para que os últimos não se impusessem sobre os primeiros. A ideia era ouvir os professores das universidades do mesmo jeito que eram ouvidos os professores da rede. Para muitos, isso foi legal, mas teve gente das universidades que ficou revoltadíssima. Com isso foi difícil de lidar...

NEUSA

E o legal é que o Folhas estava dentro desse espírito, entendeu? O Marcos falou disso. O Folhas não foi algo descolado de uma coisa maior, o Folhas estava dentro desse espírito da discussão das diretrizes, onde as várias vozes deveriam ser ouvidas e não somente aquelas de quem tem uma titulação ou um cargo dentro de uma academia. Queríamos chamar os professores de sala de aula para participar não só na construção das diretrizes, mas de algo mais. E foi uma boa mudança, na qual o professor passou a ser visto como produtor do conhecimento pedagógico. O clima dessa mudança era o clima que reinava dentro da equipe. E a gente conseguia se aproximar dos professores com a proposta porque também éramos professores, sofremos as mesmas coisas.

CARLOS

Eu lembro desse clima...

ROSANE

Eu, como professora de educação física, acho importante falar que, antes desse movimento, nunca tivemos um livro da disciplina para trabalhar em sala de aula.

CARLOS

O Folhas foi um diferencial importante.

ROSANE

Antes do Folhas nunca teve material didático de Educação Física. Foi muito importante a discussão sobre que conteúdos os professores poderiam produzir para a disciplina de Educação Física. Nos anos anteriores, isso tinha se perdido completamente. E aconteceu. Hoje, nós temos o livro.

CARLOS

Isso, para mim foi uma coisa legal. Independentemente de como foi e está feito, você pegar um livro de Educação Física, um livro didático é muito legal. Isso era impensável antes.

ROSANE

Sem falar que a disciplina de Educação Física foi alvo de uma discussão muito mais ampla. Eu não me lembro agora, não sei se foi resultado de uma interpretação errada da LDB, mas retiraram a disciplina de Educação Física do período noturno. Isso gerou muito conflito na escola, principalmente entre os professores que se preocupavam com as questões de trabalho, perderam horas, aulas, essas coisas. E nós conseguimos reverter essa situação num trabalho conjunto com a APP e com o Conselho Estadual de Educação, fazendo com que a disciplina voltasse a ser ofertada no período noturno.

CARLOS

O povo da Matemática me critica sobre isso. Quando voltaram as aulas de Educação Física para a noite, a carga horária de alguma outra disciplina teve que diminuir, é lógico. E foram as escolas que decidiram isso. Não fomos nós que dissemos "diminua a Matemática"...

ROSANE

A discussão sobre a matriz curricular é feita na escola entre direção e professores. Então aí, cada um defende o seu lado, de acordo com seus interesses.

CARLOS

Poxa, e se eu dissesse "tira a aula de História"? Problema da escola...

ROSANE

Bom é que os professores de Educação Física voltaram a dar aulas no período noturno.

CARLOS

Eu tratei duas coisas importantes durante a minha permanência na Secretaria. Não foram coisas específicas do meu departamento, mas ajudei a criá-las. Uma é essa da Educação Física e a outra foi quando a gente fez um mudança radical na estrutura do funcionamento da Educação no Estado: nenhuma disciplina poderia ter somente uma aula por semana. Demos as ideias mas a canetada foi do secretário. Isso abalou as estruturas.

NEUSA

Principalmente dos matemáticos...

CARLOS

É. Os matemáticos foram os que se disseram mais prejudicados.

LUCIANE

Por quê?

CARLOS

Porque, por exemplo, veja o que acontece com a disciplina de Artes que era considerada como uma disciplina "tapa buraco". Precisa substituir alguém? Põe Artes. Precisa pegar aula de alguém? Tira Artes. Só que, com a mudança, Artes passou a ser uma disciplina que também deveria ser dada, no mínimo, duas vezes por semana. E isso foi um terror porque teve disciplina que perdeu carga horária.

LUCIANE

Então, pelo que percebo, as decisões sobre o currículo da escola são pedagógicas mas também políticas.

NEUSA

Isso mesmo. E são muitos os exemplos de como isso acontece e como as coisas mudam de um governo para outro.

LUCIANE

Fale de alguns exemplos.

NEUSA

Na época no governo Lerner eu me lembro que houve umas histórias que falavam em privatização da escola pública no Paraná. Havia mais de cem "parcerias" com a iniciativa privada. Com a entrada do governo Requião, isso foi cortado. Aí, tivemos que conviver por um tempo com um tipo de discurso, de gente que tinha feito parte do governo Lerner, que dizia "agora estamos muito mal das pernas, antes é que estava bom". Eles achavam que era bom na época em que se privatizavam certas coisas! A gente tinha que aguentar isso.

CARLOS

A ideia da privatização era bem presente na época do Lerner. Tanto que, dentro da Secretaria de Educação do Estado, funcionava uma empresa chamada Universidade do Professor. Uma boa parte dos professores que davam aula nas escolas do Estado eram contratados por essa empresa. Eram, então, professores terceirizados trabalhando em regime da CLT. O Estado transferia recursos financeiros para esta empresa, que pagava os professores.

LUCIANE

Professores contratados sem concurso público, é isso?

CARLOS

É isso mesmo. Apesar das críticas que se queira fazer ao Requião, nesse ponto temos que reconhecer que ele fez uma coisa boa. Quando ele entrou no governo, fechou a Universidade do Professor, fechou a empresa privada que funcionava dentro do Estado. Foi ele quem fez o concurso para professores, um concurso público! A partir daí o Estado optou por ter professores concursados.

NEUSA

Carlos, você se lembra do professor polivalente? Era, por exemplo, o engenheiro que dava aula de Matemática? E ele era até, muitas vezes, mais bem-vindo porque sabia mais Matemática do que professores formados em Matemática.

CARLOS

Lembro sim. E havia muitos!

NEUSA

Isso criou um mal-estar na nossa categoria, em quem estava na escola. Eu participei da greve de 2001, na área 4, que é a área do Instituto de Educação. Dormimos em frente ao Palácio do Iguaçu, fizemos toda uma movimentação; foi uma greve que durou quase três meses. A categoria estava meio atordoada porque porque os professores não tinham a dimensão do que estava acontecendo dentro da Secretaria de Educação. Eu mesma, só soube quando entrei ali, quando fui trabalhar dentro da Secretaria.

CARLOS

Um outro exemplo sobre decisões políticas na educação é uso de Faxinal do Céu para cursos de capacitação.

NEUSA

Faxinal do Céu era um espaço para eventos, para mega-eventos que custavam muito dinheiro ao Estado e que, na nossa época, passou a não ser mais tão usado como antes. Daí, tinha gente que dizia: "Faxinal agora está às moscas, mas na outra época era muito melhor, né?".

ROSANE

E quais cursos eram dados lá em Faxinal do Céu? Era de motivação! Não era de formação de professores, era só motivação. Amana-key, essas coisas...

CARLOS

Amana-key era uma outra empresa privada que o Estado contratava. Sua função era dar cursos.

LUCIANE

E como isso acontecia?

CARLOS

Os professores viajavam até Faxinal do Céu para ter cursos cujo conteúdo tinha 80% de caráter motivacional. Isso saiu até na Veja, deu artigo, deu tese. Imagine a situação: você, como professora de matemática, ia passar uma semana

lá e você via quase nada de matemática. Você via "relações humanas", essas coisas.

LUCIANE

Meio fora de propósito.

CARLOS

Agora, eu faço uma ressalva, elogiando o aspecto cultural. Não sei se elas vão me bater por causa disso, mas isso foi notável, ainda que ninguém saiba quanto de dinheiro custou... Mas o fato é que a primeira vez na vida, e talvez a única, em que muitos professores tiveram contato, por exemplo, com uma peça do Paulo Autran foi lá Faxinal.

NEUSA

Ziraldo.

ROSANE

Nathalia Thimberg.

CARLOS

Então... eles traziam as pessoas. Quanto pagavam? Quem pagava? Isso ninguém sabe. Mas, para os professores, ficavam como grandes eventos com grandes personalidades. Isso tem um impacto, eu diria mais: tem um impacto emocional muito importante.

MARCOS

Acho que o problema com o uso de Faxinal foi a falta de contexto. Aconteceu, por exemplo, da diretora da escola em que eu estava na época ir para Faxinal e voltar falando: "Maravilhoso, estava lindo, enquanto eu estava lá nem lembrava que a escola existia..."

CARLOS

Isso é notável. Vale título de tese: "nem lembrava que a escola existia..."

NEUSA

Essa frase é um slogan!

LUCIANE

E qual era o objetivo da secretaria ao realizar esses eventos? Era acalmar o professor?

NEUSA

Era dizer "Olha, você é feliz, você é um professor. Não vamos pensar na política da escola, na gestão democrática da escola, se você está feliz, você vai dar uma boa aula. Não importa se não tem material bom, você tem que estar bem..." Eu acho que isso aí é quase uma coisa de auto-ajuda.

ROSANE

É auto-ajuda!

NEUSA

Culturalmente, havia coisas maravilhosas, como o Carlos falou. Só que apareciam essas frase e outras mais que a gente escutava... até alguns adjetivos pejorativos.

ROSANE

Tinha de palestra de motivação até bailão.

NEUSA

Acho que não vem ao caso falar agora...

MARCOS

Até hoje acontece...

CARLOS

Não, fala tudo.

NEUSA

Que vergonha...! "Vaginal do céu"...

MARCOS

Ainda se fala isso...

NEUSA

O interessante é que na escola tudo chegava como uma *alienação*. Não sei se essa palavra é a melhor porque é uma palavra forte para caramba, mas eu sentia uma categoria extremamente alienada.

LUCIANE

É a marca da política.

NEUSA

Não há como fugir. Jaime Lerner foi um bom prefeito de Curitiba. Então, a classe de professores tinha um imaginário em torno do nome dele. Eu, como já tinha trabalhado na Secretaria Municipal de Educação na gestão Lerner da década de 90 conhecia bem. Eu dizia que o que existia de bom naquela época eram coisas que o Requião tinha feito na gestão anterior na prefeitura, como a discussão do currículo. Eu peguei a transição Jaime Lerner - Rafael Greca. São dois grupos políticos, Jaime Lerner e Requião que estão se confrontando no âmbito estadual e municipal. Eu tive a oportunidade de viver isso no Município e também no Estado. Eu fiquei na escola, só na escola, sem contar minha passagem pelas secretarias, por mais de 10 anos. Eu sempre dizia que a gente estava do outro lado do sistema, do outro lado do muro. Eu tinha uma tese, ainda continuo tendo, de que todo professor deveria passar pelo menos uns meses na Secretaria de Educação para conhecer o sistema do outro lado, sob uma outra perspectiva, a do gestor. Só que sei que, ainda assim, alguns professores iriam para a Secretaria e ficariam do mesmo tamanho...

CARLOS

Mesmo que passasse um tempo na Secretaria e visse essa outra perspectiva...

NEUSA

A questão que a gente estava falando de Faxinal também mostra muita coisa. Eu acho que o professor que não tinha uma visão política mais 'rigorosa', não sei se a palavra correta é essa, que não tinha uma visão mais clara das coisas, da política e da educação, achava que tudo estava bem. Só reclamava do salário, mas achava que o resto ia bem, porque a escola estava funcionando, e a escola

funciona sem a Secretaria de Educação. Eu sempre dizia isso quando estava na Secretaria: "Gente, vocês estão falando isso *aqui*, mas eu estou vendo a escola e a escola está funcionando sem vocês".

LUCIANE

O que você acha da relação entre a escola e a Secretaria de Educação?

NEUSA

Acho que existe um grande fosso entre quem está na Secretaria e quem está lá na escola. A gente, como professor, tem que sobreviver, mas depende da nossa gestora que é a Secretaria de Educação. Por isso que eu acho que todo professor deveria passar um tempo trabalhando na Secretaria. Mas, tenho alguns colegas que dizem que não querem ir por causa da aposentadoria e das férias. Tudo muda porque a gente não é mais professor, é técnico pedagógico.

CARLOS

Se eu tivesse "o" poder, essa é uma coisa que gostaria de mudar. Eu gostaria de colocar uma cláusula de barreira para o cara que está trabalhando na Secretaria. Se ele ficar ali por dez anos, perde sua condição de professor, passa a ser técnico. Se ficar menos tempo, continua com a situação de professor.

LUCIANE

Você acha que isso faria diferença?

CARLOS

Acho que sim. Quando eu entrevistava pessoas para sair da escola e ir para a Secretaria, eu tinha que perguntar se realmente a pessoa queria mudar. Tinha que dizer "você vai perder férias, seu tempo da aposentadoria vai mudar, se hoje você se aposenta com vinte anos de serviço vai se aposentar com trinta, o tempo é contado proporcionalmente". É isso que manda a legislação de hoje. A questão é que o professor tem uma aposentadoria 'especial' e quando ele sai da escola e vai trabalhar na secretaria ele perde a função de professor e os critérios da aposentadoria mudam. O registro em carteira também muda, ele passa a ser técnico pedagógico.

LUCIANE

É muita mudança.

CARLOS

E, além disso, outras coisas também mudam. Por exemplo, o concurso. Enquanto você é professor tem direito a cinco pontos por ano; já o técnico a dois. Isso é uma coisa ridícula. Por outro lado, conhecendo a Secretaria, a gente sabe de pessoas que eram professores, que fizeram concurso para professor, mas estão ali, dentro da Secretaria, há quinze anos. De fato, essas pessoas não são mais, efetivamente, professores. Pensa como podia ser: um governo tem quatro anos, com reeleição oito. Por oito anos o cara continua professor. Passou disso, se continuar na Secretaria, muda para técnico. Se não, segue com os benefícios de professor. Porque é uma coisa sem sentido: você é a mesma pessoa, com o mesmo concurso, que num dia tem direito a quarenta e cinco dias de férias mas, no dia seguinte, porque passou a trabalhar na Secretaria, muda para trinta dias. Não tem cabimento. Agora, uma coisa: os professores vão brigar comigo, mas, a rigor eu não vejo motivo nenhum no mundo que justifique um professor ter quarenta e cinco dias de férias. Agora, se ele mudar de professor para técnico, ele deveria continuar com os quarenta e cinco dias de férias. E mais: se é justo alguém ter quarenta e cinco dias de férias, que seja para todo mundo... enquanto a gente não derruba os juízes que tem direito a noventa dias.

LUCIANE

Carlos, você me disse que foi para a Secretaria com total carta branca.

CARLOS

Bom, a gente não sabe disso, se é assim mesmo. Eu fui convidado. Eu estava em férias, na praia, na casa dos meus pais e aí a Yvelise me ligou dizendo que seria nova Superintendente de Educação, que estava montando a equipe e que estava me convidando para ser chefe do Departamento de Ensino Médio. Eu não era amigo da Yvelise, não tinha relação próxima, eu a conhecia de trabalhos na universidade. Eu pedi uns dois dias para pensar antes de dar a resposta. Eu já era professor da Universidade Federal do Paraná. Conversei com algumas pessoas para pensar o que fazer. Aí, decidi, liguei para ela e disse "vamos", concordando em assumir a chefia do Departamento de Ensino Médio na Secretaria de Educação do Paraná. Voltei em

seguida para Curitiba e já no dia seguinte tinha uma reunião com o Secretário de Educação, o Maurício Requião.

LUCIANE

Como foi essa primeira reunião?

CARLOS

Eu conheci o Maurício Requião naquele dia. Foi uma reunião interna da Secretaria. Na abertura, a Yvelise me apresentou. Teve uma parte engraçada, nesse meu primeiro dia, que foi quando a Kátia, do grupo de gerenciamento, fez uma apresentação dizendo que o Ensino Médio era o departamento que mais tinha dinheiro. Nisso, as pessoas olharam para mim e diziam ter tais e tais projetos perguntando se eu ia liberar recursos... (risos), eu disse, rindo, que podia tudo, que ia liberar tudo. Foi aí que eu tomei consciência das coisas porque eu não sabia que era assim. Até então, eu sempre tive vínculo com os professores, mas eu não estava trabalhando em sala de aula do Estado, estava trabalhando na universidade já há alguns anos. E isso é diferente.

LUCIANE

Como assim?

CARLOS

Por exemplo, eu fazia críticas à questão política toda do Jaime Lerner, de Faxinal do Céu. Mas, como professor da universidade, eu tinha ido trabalhar em Faxinal. Era diferente daqueles - os quais respeito muito - que, por convicção, jamais pisaram em Faxinal. A Dativa, por exemplo. Ela nunca mais pisou na Secretaria de Educação, muito menos em Faxinal! Ir à Faxinal era uma heresia. Para mim não. Eu fui, dei curso, participei do simpósio de Matemática que aconteceu em Faxinal.

ROSANE

Carlos, acho importante você dizer que o Folhas foi um projeto seu, pessoal, e não da Secretaria. A ideia foi sua.

CARLOS

É, eu tive essa ideia já bem antes. Mas, discordo quando você fala que o Folhas foi um projeto pessoal meu. Seria um

projeto pessoal meu se eu tivesse levado para a secretaria isso como um projeto. Mas, não foi assim, ele foi criado dentro da secretaria. Não foi premeditado. Foi um grande conjunto de coisas que levaram à ideia de se fazer Folhas.

ROSANE

Mas você já tinha umas ideias.

CARLOS

Sim, eu não tenho essa modéstia de dizer que não pensei antes. A ideia original foi minha sim, mas a ideia original nesse contexto, de ter pensado um monte de coisas antes. O desenvolvimento foi com a equipe, dentro da Secretaria. E uma coisa eu quero reforçar: a equipe era de criação. Era muito diferente de uma equipe de técnicos. Eles até tinham cargo de técnicos, mas era uma equipe de criação, de proposta. E foi isso desde o começo. Eu dizia para eles que eles eram intelectuais, que não importava o tempo que eles ficassem lá e o que eles iriam fazer depois; naquele momento a função deles era de intelectuais criando propostas para o Estado.

NEUSA

A gente tinha muita autonomia. O Carlos incentivava isso na gente.

MARCOS

E isso foi uma doideira para nós porque a gente não estava acostumado com isso. Estava acostumado a ser sempre tutelado. E e aí, de repente, você tem esse tipo de coisa... Nossa!

ROSANE

Eu insisto em dizer que esse projeto não era da secretaria. O projeto foi crescendo mas tinha muita gente da Secretaria e da equipe, que fizeram parte da gestão anterior, que não acreditavam na proposta, achavam que você estava louco.

CARLOS

É, mesmo dentro da equipe algumas pessoas não acreditavam, achavam que não ia dar certo.

ROSANE

E tanto deu certo que o Carlos saiu e o projeto Folhas ficou e foi o carro chefe do Departamento de Ensino Médio, atual departamento de Educação Básica. E ainda hoje os professores de Ensino Fundamental e Médio continuam produzindo Folhas.

MARCOS

É, mas com uma outra perspectiva. Uma das funções do Folhas na nossa época era de diagnóstico. Queríamos saber como andava o nosso currículo para a partir daí construir uma nova proposta curricular. Importante para nós era partirmos de onde estávamos, conhecendo o que o professor estava pensando.

ROSANE

Isso mesmo. O projeto Folhas ficou aproveitando o que foi deixado pela equipe do Carlos, mas o que era a base se perdeu.

CARLOS

Logo depois que eu saí da Secretaria, uma das primeiras ações da Mari, que ficou no meu lugar, foi dar diretrizes, ou seja, dizem quais conteúdos devem ser ensinados. Mas isso foi conduzido pela Secretaria como um todo, não dá para atribuir essa ação somente a ela. Com isso, o Folhas de hoje, formatado dentro das diretrizes, está completamente fora daquilo que eram os Folhas originais.

MARCOS

É bem diferente.

CARLOS.

É. A gente queria que os os professores escrevessem sobre os conteúdos que davam em sala de aula. Aí, tinha quem me perguntava: "e se todos os professores de Matemática escreverem um Folhas sobre logaritmo?". Eu respondia que tudo bem, maravilha, significava que essa era a preocupação daquele professor naquela escola. Cabia a nós, da Secretaria, dar uma resposta para isso. No nosso entender, a Secretaria responde aos professores, e não o contrário.

NEUSA

Carlos, você se lembra que uma das grandes discussões da época foi se a produção do Folhas deveria ou não estar amarrada com a carreira? Se o professor deveria ser premiado com avanço na carreira quando produzia um Folhas? A gente se questionava até que ponto isso seria positivo ou negativo no processo.

LUCIANE

E a pontuação entrou nessa época? Porque hoje tem...

CARLOS

Não, isso não existia na época, a gente estava criando em paralelo, durante a discussão do plano de carreira. É o tal do PDE de hoje, mas na época a gente nem sabia o que era isso. Nossa preocupação na época - nossa, dos gestores e também do Secretário - era fazer um diagnóstico da carreira de professor do Estado do Paraná.

LUCIANE

E como estava?

CARLOS

Encontramos, resultante da gestão anterior, 95% dos professores no último nível da carreira. Foi aí que optamos por fazer concurso público para contratar gente nova e tentamos discutir um plano de carreira que merecesse ter esse nome.

LUCIANE

E como é que vocês achava que tinha que ser?

CARLOS

Na minha concepção, eu defendo isso e o Secretário também defendia isso, um plano de carreira é, por definição, uma coisa na qual, tirando um Raio X em qualquer momento da história do mundo, você vai encontrar as pessoas espalhadas, tem gente começando, tem gente terminando e tem gente no meio.

LUCIANE

Naquele momento, na Secretaria, não estava desse jeito.

CARLOS

Na Secretaria, naquele momento em que chegamos, todo mudo estava no último nível. Havia um artifício usado pelo governo anterior chamado progressão automática. A progressão automática promovia os professores sem dar aumento de salário, empurrando-os para o fim da carreira. Eu digo que era um artifício porque, de certa forma, enganava os professores. Eles podiam até ficar insatisfeitos por não terem aumento de salário mas, como tinham uma "promoção", não se revoltavam.

LUCIANE

E como foi de mudar tudo isso?

CARLOS

O momento em que isso tudo foi discutido foi duro, um plano construído a duríssimas penas, junto com o sindicato em reuniões intermináveis. Foram sucessivas reuniões para construir o plano de carreira. Numa dessas reuniões surgiu a ideia do PDE, muito por ideia do Secretário, muito por ideia minha, muito por oposição do sindicato. Falando no sindicato, eles cumpriam o seu papel de falar de salário, valorização e etc mas, muitas vezes, queriam coisas que não eram factíveis. Eu me lembro de perguntar para o Lemos de que forma que eles falaria para a categoria dos professores que o sindicato não queria o plano de carreira. Porque era isso que estava acontecendo, uma rejeição. O plano podia não ser perfeito, e não seria, mas pelo menos estava sendo discutido com a intenção de ser implantado. Isso dava uns abalos. E eu entrava em crises terríveis porque tinha a coisa de eu ser professor, de querer defender o professor, mas eu também estava numa posição de um gestor que tinha que dizer que não havia dinheiro para pagar todo mundo. Então, foi disso que saiu o PDE. E, é claro, a discussão se a produção do Folhas ia ou não valer pontos para a progressão dos professores e quanto ia valer.

LUCIANE

E o plano de carreira foi feito?

CARLOS

Aprovamos a ideia no plano de carreira com a obrigação de fazer o PDE em dois anos. Se a Secretaria não implantasse em dois anos, depois de aprovada a lei, a promoção seria

automática. Foi aprovado e passou na Câmara. Passou na Câmara com essa espada em cima da cabeça da Secretaria: em dois anos tinha que criar o PDE. Daí criaram. Criaram um PDE completamente diferente daquilo que foi discutido na época. Completamente diferente, com coisas boas, que eu acho boas, e coisas ruins, mas...foi criado.

ROSANE

Eu me lembro que você falava assim: um x número de Folhas valeria tanto...

CARLOS

É, eu queria chegar numa conta. Uma ideia do Secretário, que eu vou defender sempre, era que o professor poderia progredir na carreira independentemente da sua titulação. O professor da rede estadual não precisa ter um mestrado, não é necessário. Para que ele quer um mestrado? Para dar aulas no Estado não precisa. Mas, como fazer a progressão sem ter o mestrado? Ora, fazendo o PDE. Foi aí que o Folhas e o PDE começaram a colar.

ROSANE

Eu sou uma professora PDE da primeira turma. Terminei nesse ano. A gente vê a dimensão que o Folhas tomou, a sua abrangência, no próprio PDE. Uma das etapas e exigências para concluir o PDE é a produção de um material didático pedagógico, ou seja, de um Folhas ou de um OAC.

MARCOS

Mas o PDE de hoje é diferente do PDE que foi pensado antes.

ROSANE

Sim, é bem diferente.

MARCOS

Antes, por exemplo, não existia o processo de seleção.

NEUSA

Eu fui da comissão do PDE e participei de duas reuniões.

Depois, eu não fui mais convidada... (risos) porque eu sempre pensava na categoria e naquilo que o Carlos sempre falou, da importância de ver o professor como um

intelectual. Se você pegar a história da educação, vai ver que a partir da década de setenta aparece essa coisa do intelectual. Parece que nós perdemos a nossa identidade e viramos horistas. Parece que perdemos a ideia de que a escola é produtora de conhecimento e não apenas reprodutora, que é também um espaço de pesquisa. Acho que o PDE foi um momento muito rico apesar de nem tudo ser como a gente desejou, como o Carlos desejava, como alguns da equipe sonhavam. A gente percebe alguns meandros que deixaram o PDE não tão bonitinho para a categoria.

MARCOS

Eu acho que a gente chegou no mesmo estágio que estávamos antes, ou quase... No meu caso, estou no antepenúltimo nível, vou chegar no último daqui a pouco, se eu não fizer o PDE, vou ficar parado.

CARLOS

É... Mas, na verdade, o PDE como um todo fugiu completamente do que foi pensado antes. Por exemplo, a pontuação que ele adota é cópia da progressão dos professores da Universidade Federal. Aquele índice de pontuação que vocês têm, eu estive vendo isso, é copiado do nosso plano de progressão da universidade. É uma coisa absurda.

ROSANE

Podemos criticar várias coisas do PDE, mas também vou falar a favor por um motivo: o PDE possibilita, ao professor interessado, acesso ao estudo. Ano passado, vi professores que estudaram junto comigo crescendo, tendo acesso a conhecimento, saindo daquela coisa fechada da sala de aula e crescendo mesmo, aprendendo, estudando, comprando livros. Isso eu vi, isso é mérito do PDE. Porque, para o professor que tem interesse, que quer aprender, ampliar seus conhecimentos, o PDE dá acesso. Mas, também critico muitas coisas como, por exemplo, o fato de ter que fazer uma prova para entrar no PDE. Então... são mil e duzentos professores que entram a cada ano no PDE. Mas, você não entra só porque você quer; você tem que passar por um processo seletivo. Você tem que passar por um processo seletivo para subir no plano de carreira. Isso eu já não sei se é correto. Deveria ser diferente.

CARLOS

A gente não pensou nisso inicialmente. Minha amiga Maria Tereza veio me dar de dedo dizendo "porque o PDE só é resultado de uma limitação de orçamento". Eu olhei para ela e disse que isso era óbvio! A Secretaria não dá PDE para todos os professores porque não tem dinheiro para dar aumento para todos. É óbvio! Então tem que fazer uma seleção. Mas, originalmente não era essa a ideia.

LUCIANE

E qual era a ideia?

CARLOS

A ideia era não deixar todo mundo ficar no final da carreira. De qualquer maneira, seria também uma seleção. Deveria se ter critérios, que vão ser restritivos, que vão ser discriminatórios. Você tem que essencialmente discriminar, não tem muito jeito. Daí o cara diz assim, ah, mas eu só vou chegar lá quando eu tiver 70 anos. Aí eu digo: esta é a ideia! Você só chega no fim da carreira quando estiver no final... Não é para você chegar no final da carreira quando você tiver 25 anos. Sinto muito, isso é incompatível. Diga, me dê um exemplo de qualquer outra carreira onde isso aconteça. Carreira é carreira. Chegaríamos num ponto em que não seria preciso fazer uma prova de seleção porque seria possível atender aos que estivessem no final da carreira pois esse número não seria tão grande quanto o que encontramos no início da nossa gestão. Então, teríamos que construir o processo de promoção e não copiar o processo da Universidade Federal. Teríamos que construir a nossa maneira de "progredir". Poderia ser, por exemplo, alguma coisa assim: o cara foi diretor de escola, conta ponto, o cara fez tantos Folhas, conta ponto, o cara teve tantos anos sem atestado médico, conta ponto... O que quer dizer que seriam valorizadas as ações do professor nas coisas que ele fizesse dentro da Escola e para a Escola. Uma coisa que o Maurício sempre falava, e eu concordava plenamente, era que tínhamos que valorizar tudo o que o professor produzisse. Publicou um livrinho lá na cidadezinha dele? Ele que traga o livrinho e vamos valorizar isso, contar ponto. Dar ponto por toda a produção, por tudo o que o cara fez na rede estadual de ensino. Foi diretor? Foi faxineiro? Contar ponto. Que professor tem essa experiência de ser faxineiro na escola? É um diferencial que tem que contar ponto. Daí, se a gente não tivesse outro jeito, ia estipular um limite de pontos, mas isso a gente não tinha desenhado. Outra coisa que ninguém tinha pensado é o que o PDE está sendo para a Rosane, da primeira turma. Ela tem direito a dois anos de

afastamento da sala de aula para produzir. O que a gente tinha pensado naquela época era valorizar a produção que o cara já tivesse feito. Mas o PDE não existia, o professor não tinha essa permissão, digamos assim, para se ausentar da sala de aula.

ROSANE

No primeiro ano você tem 100% de afastamento para estudo com a tarefa de cumprir uma carga horária de disciplinas e cursos na universidade, com um orientador. No segundo ano, o afastamento é de 25% e você tem que implementar uma proposta de intervenção junto à escola, junto aos professores.

CARLOS

Proposta de intervenção era uma coisa que a gente queria muito.

ROSANE

Você entra com um projeto inicial. No primeiro ano, dentro do seu projeto, você vai cursar disciplinas do PDE dentro das universidades. No meio do ano você inicia o GTR que é o Grupo de Trabalho em Rede, no qual você trabalha com professores do Paraná todo. É um grupo de discussão virtual, não tem o contato presencial, que dura mais ou menos um ano. E aí, no último ano, tem o plano de intervenção na escola e a produção de artigo. Eu acho interessante, mas eu não posso esquecer de falar das universidades. Eu acho que muitas universidades aderiram à proposta, mas muitas entenderam o PDE de uma forma equivocada. Então a gente ouve falar assim: "ah, mas eles não aceitam o nosso mestrado, por que eu vou aceitar o professor do Estado tendo aulas aqui?"

CARLOS

Isso foi o que fez o PPGE onde você é aluna (risos). O PPGE tirou uma posição de Colegiado não aceitando o PDE, não abrindo vaga para professor PDE cursar disciplinas do programa.

MARCOS

Mas eu acho que o grande culpado foi o Maurício porque ele falou que as nossas pesquisas eram pesquisas teóricas que ficavam nas prateleiras.

CARLOS

Tem muitos equívocos aí...

NEUSA

Eu tenho mestrado e minha discussão girava em torno de pensar o que é o conhecimento científico, o que é teoria e o que é prática. Discuti a constituição da disciplina de metodologia no ensino de Geografia. Trouxe a minha prática para a minha dissertação. O que eu produzi, o que eu pesquisei contribuiu muito para a minha prática. Só que eu não fui lá fazer o projeto de intervenção - que é bacana, é válido, é rico - e por isso fico de fora porque não fiz PDE. Eu vejo o PDE hoje como sendo excludente. No ano passado o meu diretor chegou correndo e disse "Neusa, é até amanhã". E eu disse: "Fred, eu não vou fazer". Por enquanto, eu não estou preparada para me inscrever no PDE. Claro que a minha veia política às vezes me atrapalha, mas são minhas convicções e eu não posso deixá-las de lado. E aí ele disse: "você tem que fazer, sua tonta"... essa é a expressão dessa nossa relação muito íntima... "sua tonta"... Não vou! Então, nesse ano talvez eu até faça, mas se eu fizer é uma dor política tão grande... porque eu não acredito nisso, eu acredito que o meu mestrado é tão bom quanto a intervenção proposta pelo PDE.

ROSANE

Mas Neusa... aí eu não concordo muito com você. Os professores titulados, que são os professores que tem mestrado, doutorado, tiveram um programa diferenciado fazendo o PDE. Eles só têm que cumprir um ano de PDE.

NEUSA

Então você acha que eu não tenho direito à progressão, porque só tenho o mestrado e não fiz PDE, é isso?

ROSANE

Não, você tem direito!

NEUSA

Olha a categoria desunida... o PDE desuniu a categoria...

CARLOS

Mas a idéia da progressão é igual a da especialização.

ROSANE

Mas aí que a universidade entendeu errado, achando que a Secretaria não aceita o mestrado para a progressão. O PDE é um programa de formação continuada da Secretaria de Estado da Educação.

CARLOS

Outra coisa que me foi dita pela Maria Tereza: ela chegou dizendo que foi à Faxinal e estava horrorizada porque tinha ouvido os professores falarem que o PDE era um mestrado.

NEUSA

Não, isso é bobagem.

CARLOS

Eu também fui testemunha. Ouvi professores falarem. De fato, falaram e falam que o PDE é um mestrado. E não é.

MARCOS

Acho que está havendo um grande equívoco com relação à passagem para um outro nível. Eu concordo com a limitação por um certo número de pontos. Agora, você ter que fazer prova e você ter que elaborar um projeto? Para mim, esse é o problema.

ROSANE

O PDE não é um mestrado, não é um doutorado. Ele é um programa de formação continuada de professores do Estado. Então, mesmo quem tem mestrado, para subir de nível na carreira tem que ter o PDE. Só que o programa dele é diferenciado, é só de um ano.

CARLOS

Eu tenho que elaborar melhor esse argumento. Para mim, que sou professor da universidade, a regra da carreira é: eu faço mestrado, eu faço doutorado, isso faz parte da minha carreira, não faz parte da sua carreira como professor do

Estado. O que faz parte da sua carreira? Não precisa mestrado e doutorado. Precisa ser um professor que trabalhe organicamente.

MARCOS

Até concordo com a ideia do organicamente. Mas, não valorizar o professor que fez o mestrado, o doutorado? Aí está o problema.

CARLOS

Nisso eu concordo. Não valorizar não pode, mas valorizar não significa que seja melhor.

MARCOS

Não é que eu concorde que a progressão seja automática.

CARLOS

Por exemplo, a nossa colega Sueli, doutora em lingüística, fez a prova do PDE. Passou. Em vez de dois anos, ela tem que fazer um ano só.

ROSANE

Eu critico a universidade quanto à discriminação. Eu fui discriminada. Eu e meus colegas PDE fomos discriminados por sermos professores do PDE quando não nos aceitam como alunos das disciplinas. Em vez da universidade aproveitar os professores... a universidade é o quê? Educação. Quem está lá na classe com os alunos são os professores da educação básica do Estado. Então, em vez da universidade aproveitar essa experiência, a universidade discriminou os professores. Então, aí eu critico a universidade muito mais do que o programa do PDE, porque o programa do PDE é uma coisa que está em processo, evoluindo. Já a universidade...

CARLOS

Nisso aí a gente tem divergências aqui e lá também, mas a universidade foi mais burra. A Universidade Federal e as universidades estaduais estão colaborando em vários níveis diferentes com o PDE. E não é a Universidade Federal que está sendo burra, é o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) que está sendo burro, porque para os outros programas está tudo bem.

LUCIANE

Mas não aceitam como?

ROSANE

Quem faz o PDE tem que cumprir uma carga horária de curso. Por exemplo, eu tive duas disciplinas obrigatórias para cumprir no segundo semestre do ano passado. Eu tive que cumprir disciplinas da graduação porque o programa de Pós-Graduação em Educação não aceita os professores PDE, não abre as disciplinas para que eles participem porque eles não têm registro.

CARLOS

Por exemplo, eu vou dar uma disciplina agora no PPGE. Ela não pode assistir a minha disciplina como professora do PDE. Na UEL pode. No PPGE, só se ela se candidatar a aluna de disciplina isolada e passar. Na UEL os professores do PDE se matriculam nas disciplinas como os alunos da UEL, não precisa de mais nada. Por que o professores do PDE estão incapacitados para o PPGE? Não deveria ser assim.

ROSANE

Eu, que sou uma professora com um curso de formação inicial, com especialização e estou num programa de formação continuada da Secretaria de Educação para subir para o terceiro nível, tive que participar de disciplina da graduação porque o programa de Pós-graduação em Educação não aceita os professores PDE.

CARLOS

Aí você teve a noção do absurdo. Eu fico revoltado!

ROSANE

E o pior é o motivo que eu ouvi. Eu ouvi isso, vou falar o que eu ouvi: "porque a Secretaria de Estado da Educação não aceita o mestrado da universidade, então os professores vão pagar por isso"... esse é o motivo, eu ouvi isso.

CARLOS

É, isso eu também ouvi. Eu sou professor da Pós-graduação em Educação e isso também me foi dado como motivo. E eu

disse que era um absurdo, que do ponto de vista de quem é da educação, esse era um motivo esdrúxulo, a coisa mais absurda que poderia me ser dada como motivo. Dentro da educação sempre se usa o discurso contra o "culpar a vítima"... engraçado que seja justo dentro da educação que os professores estão sendo penalizados pelo processo que não foram eles que criaram. Eles são vítimas.

ROSANE

E a universidade, o PPGE, em vez de valorizar e aproveitar esse conhecimento dos professores PDE, que é da educação que tanto se ensina lá, discrimina os professores. Você vê esses saberes acadêmicos sendo transformados em produto, como saber que valor têm?

CARLOS

Vítima entre aspas. Do ponto de vista de como a Maria Tereza e o PPGE entendem o PDE, os professores são vítimas porque eles fazem as críticas. E aí o PPGE toma uma decisão assim: por serem vítimas, nós não vamos aceitá-los. Eu bati na mesa questionando tudo isso, mas não adiantou.

NEUSA

Mas é uma discussão polêmica, vai na raiz daquela discussão que a gente estava falando: o que é conhecimento? Pedagógico e científico? Para mim a gênese dessa discussão, é "o que é conhecimento".

CARLOS

Acho que aí tem uma discussão que são duas: a da carreira, o que é a carreira. Vamos pegar um exemplo que o Requião usava. Você é ascensorista e faz doutorado em medicina. Se você fez concurso para ser ascensorista, tendo o doutorado em medicina, você vai reivindicar ser médica?

NEUSA

Mas não é essa a questão, Carlos.

CARLOS

Eu estou exagerando, para pegar...

NEUSA

Veja meu caso. Eu sou professora de Geografia, habilitada a ser professora de Geografia, e fiz o mestrado no ensino de Geografia. A minha formação está diretamente ligada à minha prática. O que eu acho é que a discussão tem que ir além.

CARLOS

Aí eu concordo com você. Exatamente por concordar com você é que acho que eu te pego agora no seu argumento, que seria o meu. O problema é o seguinte: você diz que vestiu sua alma pela sua carreira. Você vestiria sua alma em dizer que isso que você está dizendo a favor da sua prática, pode ser reproduzido para todos os seus colegas de mestrado?

NEUSA

Sim.

CARLOS

Todos eles têm essa visceral ligação com a educação?

NEUSA

Sim.

CARLOS

Bom, aí eu achei que a gente ia concordar. Eu vestiria minha alma que não!

NEUSA

Deixa eu falar de uma amiga. Ela é formada em Geografia, está trabalhando com formação de professores lá no Instituto. O mestrado dela em Geografia foi sobre o turismo em Matinhos, fez doutorado. O que ela aprendeu nesse processo sobre o que é fazer uma pesquisa científica, só contribuiu pra ela.

CARLOS

Contribui, claro que contribui, mas aí você está confundindo a formação. Qualquer formação, até Faxinal do Céu contribui. Mas o que eu estou dizendo é assim: o trabalho e a titulação não são viscerais como você está dizendo.

NEUSA

Não sei...

CARLOS

Quando você diz não saber, você concorda comigo. Não se pode generalizar. Vou dizer uma coisa herética aqui para você: a relação que a sua orientadora que te orientou há não sei quantos anos tinha com os professores naquela época não é a relação que ela tem hoje. Eu estou dizendo que hoje ela é muito mais acadêmica e desconhece o que acontece na rede comparado com o que ela sabia naquela época.

NEUSA

Eu não estou querendo entrar no discurso chato do conhecimento acadêmico e do escolar e tal. Na realidade eu sei que eu sou muito mais a educação básica do que uma pretensa especialista acadêmica e eu estou feliz com o que eu estou fazendo.

FADE OUT

FIM

7 A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA EM MODO DE ENDEREÇAMENTO PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

A experiência de assistir ao filme *Heroi* foi determinante para entender de que forma uma narrativa pode abordar a questão das diversas versões que podem ser dadas a um único fato. Quando Sem-nome conta ao Rei de Qin como eliminou seus inimigos, busca atingir um objetivo. Quando o Rei, devolvendo a narrativa após perceber as diferentes versões, conta o que acredita ter acontecido, lança mão de sua experiência e de sua visão de mundo para conseguir aquilo que quer.

O filme, com suas mudanças de cores, de trilha sonora e de ponto de perspectiva, é feliz em ilustrar as mudanças de versões. Como espectadores, como público de cinema, sofremos a ação de um endereçamento que busca nos colocar, o tempo todo, nas posições determinadas pelos profissionais envolvidos na produção cinematográfica. Numa hora, acreditamos na história de Sem-nome. Noutra, na narrativa dos guerreiros e no relato do Rei. Alternam-se as posições ocupadas pelo público. E essas posições, às quais o endereçamento nos remete, determinam as nossas experiências relativas ao filme. Gostamos ou não, choramos ou não, cremos ou não na medida em que assumimos – ou não – como nossas as posições nos determinadas pelo endereçamento.

Uma posição de historiador é sempre sentida. É ela que nos ajuda a aceitar do filme a função de tratar das mudanças de versões. O papel de um historiador que mapeia as coisas do passado também aparece nas falas de todos os depoentes ouvidos para falar sobre o Projeto Folhas segundo a metodologia da História Oral.

As falas, endereçando ao leitor aspectos relacionados ao início do processo de criação do Folhas, constituem-se em fontes que serviram para contar algumas versões sobre a história do projeto. Além disso, levaram à conhecimento do leitor inúmeras outras questões relacionadas às políticas públicas de educação e ao papel do professor que, num processo de

endereçamento ao leitor interessado, podem despertar para outras pesquisas, para outras versões de uma mesma e de outras histórias.

Falando em História Oral, foi a partir dela que fez-se, nesse trabalho, um exercício de transcrição ao roteirizar as entrevistas sobre o Folhas e ao usar a legenda do filme Heroi como depoimentos ouvidos e transcritos.

A teoria cinematográfica dos modos de endereçamento, percorrendo todo o texto, abre um caminho para que se façam conexões com aquilo que vemos e pensamos sobre Educação Matemática, pois esta pesquisa foi realizada na interseção com esse meio.

8 FADE OUT

No cinema, a hora do *fade out* de um filme é aquela em que uma imagem sofre, gradualmente, um clareamento ou escurecimento até desaparecer. Isso pode ocorrer tanto no final do filme quanto na transição de uma cena para outra. Aqui, se fosse um filme, seria no final.

Uma das razões que levaram à discussão – levada à banca de qualificação – sobre a continuidade ou não da pesquisa usando as entrevistas que tratavam do Projeto Folhas foi o fato de acreditarmos não termos suficientes entrevistas para discutir a existência de diferentes versões para um mesmo fato histórico. Por conta disso, pensamos não serem, as versões que tínhamos sobre o Folhas, elementos críveis para discutir teoricamente a questão. Foi na banca de qualificação que essa impressão se dissipou, notadamente quando o Prof. Garnica diz que são, sim, versões diferentes e que, na “vida real” raramente encontramos, como no cinema, versões marcadamente diferentes – ou opostas, quem sabe – sobre os fatos tratados.

A pesquisa tomou seu rumo e se fez. Apresentamos relatos importantes que mostraram os primeiros passos do Projeto Folhas, período em que foi idealizado. Além disso, os relatos serviram – inclusive o roteiro de cinema – de exemplificação para a discussão sobre modo de endereçamento e versões da história.

De forma alguma a discussão se esgota depois desde *fade out* e nem essa é a intenção. Espero que os resultados apresentados nessa pesquisa e sua discussão teórica permitam que novos estudos sejam feitos, entrelaçando as ideias como Pollock entrelaçava os traços de tinta que escorriam a partir dos pingos iniciais que liberava das bisnagas de tinta. Eu mesma pretendo, ainda, seguir com ele...

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

_____. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (coord) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

AMARAL, M. F. **Imprensa e modos de endereçamento ao leitor popular: do desdém à superexposição**. I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília, 2003.

BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **História Oral e Educação Matemática: alguns princípios e possibilidades do entrelaçamento**. Anais eletrônicos do IV Encontro Regional Sul de História Oral. Santa Catarina, 2007.

BECKER, C. L. What are historical facts? In **The Western Political Quarterly**, v. VIII, nº 3, p. 327-340. New York, 1955.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOSI, A. O Tempo e os Tempos. In NOVAES, A. (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 9-18

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CARR, E. H. **Que é história?** 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N. M. F. Modos de endereçamento e a recepção do texto cinematográfico. In **Psicol. Argum.**, v. 25, nº 49, p. 197-206. Curitiba, 2007.

ELLSWORTH. E. **Teaching positions. Difference, pedagogy, and the power of address.** Nova York: Teachers College Press, 1997 pp 21-53.

ELLSWORTH. E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In SILVA, T. T. (Org) **Nunca Fomos Humanos – nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp 7-76.

EMMERLING, L. **Pollock.** Alemanha: Taschen, 2003.

GADDIS, J. L. **Paisagens da História – Como os historiadores mapeiam o passado.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. In **ZETETIKÉ**, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM, 2003.

_____ (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: Uma proposta em história oral e educação matemática. In BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Org) **Educação Matemática: Pesquisa em movimento.** São Paulo: Cortez, p. 151-163, 2004.

_____ **A história oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro.** Atas do V CIBEM. Porto: APM, 2005.

GARNICA, A. V. M. **Um Tema, Dois Ensaio: Método, História Oral, Concepções, Educação Matemática.** Tese (Livre Docência). Departamento de Matemática, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru. 2005a.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. In **Revista Brasileira de História**, v. 24, nº 48. São Paulo: 2004.

JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. In **Educação e Pesquisa**. v. 25, nº 2, p. 11-23. São Paulo: 1999.

LIMA, E. B. **Tradição e resgate da memória em torno das provas do sujeito em Deu a Louca na Chapeuzinho**. Cadernos do CNLF, 144 v. XI, nº 14, p. 143-155. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOSS, H. **Como formatar seu roteiro**. Rio de Janeiro: 1998.
NOVAES, A. Sobre Tempo e História. In NOVAES, A. (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 9-18.

ROCHA, S. M. **Entre a ideologia, a hegemonia e a resistência: dos modos de endereçamento como um diálogo entre a produção e a audiência de produtos audiovisuais**. Disponível em [http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path\[\]=118&path\[\]=131](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=118&path[]=131) Acesso em 15/05/2011.

ROUCHOU, J. História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história. In **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. XXIII, nº 1. São Paulo: 2000.

SANTHIAGO, R. Da Fonte Oral à História Oral: Debates sobre Legitimidade. In *Saeculum* – Revista de História [18]. João Pessoa: 2008.

SANTOS, M. S. História e memória: o caso do Ferrugem. In **Revista Brasileira de História**, v. 23, nº 46. São Paulo: 2003.

SCHAFF, A. **História e verdade**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2006.

SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2006.

TELA BRASIL – O portal de formação e informação sobre o universo audiovisual. Disponível em <http://www.telabr.com.br/>
VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

FILMOGRAFIA

YIMOU, Z. **Herói**. Filme. Hong Kong, China, 2002.

APÊNDICE



"HEROI"

Adaptação de roteiro¹³

TELA NEGRA

NARRADOR (OFF)

Pessoas dão as suas vidas por muitas razões. Por amizade, amor ou por algum ideal. Outras matam pelas mesmas razões.

Antes de tornar-se um grande país, a China estava dividida em sete reinos rivais.

FADE IN



NARRADOR (OFF)

O de Quin era governado por um rei impiedoso. Seu sonho era unificar os reinos para acabar com a guerra de uma vez por todas. Era uma ideia embebida no sangue dos seus inimigos.

TELA NEGRA

Em qualquer guerra há heróis de ambos os lados.

¹³ Este não é o roteiro original do filme, aquele que foi usado para a filmagem. É uma transcrição minha dos diálogos de uma cópia dublada do filme, formatada como um roteiro. São minhas versões sobre o roteiro dos filmes.

H E R O I

CENA 1 - EXT - DESERTO - DIA

O reino de Quin. Centenas de cavalos correm levando cavaleiros armados que escoltam uma carroça. A areia se espalha pelo ar.

CENA 2 - EXT - DESERTO - CARROÇA - DIA

SEM-NOME (OFF)

Eu fiquei órfão antes de receber um nome. Por isso me chamaram Sem-nome. Sem um nome de família a honrar, dediquei-me à espada. Passei dez anos aperfeiçoando habilidades insuperáveis como espadachim. O rei de Quin convocou-me com urgência depois que eu realizei uma façanha que surpreendeu o reino.

Sem-nome olha para três caixas de madeira que estão dentro da carroça.

CENA 3 - EXT - PÁTIO DO PALÁCIO DO REI - DIA

O corredor principal está ladeado por milhares de súditos. Várias portas são abertas. Por elas passam os cavaleiros e a carroça que seguem andando pelo pátio, numa pequena ruela. Um soldado desce do cavalo e corre na frente dos demais. Sobe uma escadaria, se apresenta ao Primeiro Ministro, ajoelhando-se.

SOLDADO

Por ordem de Sua Majestade viajamos a noite inteira trazendo o grande guerreiro para vê-lo, Primeiro Ministro.

Sem-nome sobe a escada; está todo vestido de preto. Um servo, ao seu lado, vestido de branco, carrega as três caixas de madeira. As caixas são abertas pelo primeiro ministro.

PRIMEIRO MINISTRO

Céu, Neve e Espada Quebrada, matadores do Reino de Zhao. Há anos tentavam assassinar Sua Majestade, que não dormia em paz. Soubemos hoje que um herói do grande Reino de Qin eliminou sozinho os inimigos de Sua Majestade, que agora poderá dormir sem medo.

MILHARES DE SÚDITOS

Alegria pelo nosso Rei! Um enviado dos céus exterminará os assassinos!

Um homem desce correndo uma escada e se aproxima do Primeiro-Ministro, de Sem-nome e do servo.

HOMEM

Sua Majestade convoca o guerreiro.

Sem-nome segue sozinho, devagar, pelo grande corredor e depois sobe pela grande escadaria que dá acesso ao salão principal do palácio. Antes de entrar no salão, Sem-nome passa por uma pequena sala onde, nu, é revistado.

CENA 4 - INT - SALA DE REVISTA

REVISTADOR

Quando entrar no palácio, fique sempre a cem passos do trono, ou será executado. Não se esqueça!

Sem-nome entra no salão principal do palácio, e fica de frente para o Rei, colocado a cem passos do trono.

CENA 5 - INT - SALÃO DO REI

REI

Há dez anos todos se mantêm a cem passos do trono. Sabe por quê?

SEM-NOME

Assassinos estavam em toda a parte.

REI

Correto. Enquanto existissem eu não podia tirar a minha armadura. Agora que você venceu o mal, o que deseja como recompensa?

SEM-NOME

Cumpri meu dever. Nada desejo.

REI

Será recompensado de acordo com as leis de Qin.

Abre a primeira caixa e tira uma espada de dentro dela.

A lâmina de prata de Céu. Feriu incontáveis guerreiros de Qin. Anuncie o edital.

HOMEM QUE LÊ O EDITAL

Por ordem de Sua Majestade, aquele que exterminou o assassino Céu receberá mil peças de ouro, autoridade sobre mil famílias, ficará a vinte passos do Rei e beberá com ele.

Sem-nome se aproxima do Rei, ficando a uma distância de vinte passos. Ajoelha-se e faz uma reverência. Continua a conversar com o Rei.

REI

De acordo com meus informantes, você é cidadão de Qin.

SEM-NOME

Vosso humilde servo Sem-nome, prefeito do distrito de Lan Meng.

REI

Um mero prefeito local, com autoridade somente sobre vinte e cinco quilômetros quadrados. É o mais baixo posto oficial do nosso reino. Como derrotou os três assassinos de Zhao?

SEM-NOME

Venci-os um a um.

REI

Quero os detalhes.

SEM-NOME

Vossa Majestade sabia que Espada Quebrada e Neve eram amantes?

REI

Sim, eu sabia.

SEM-NOME

E Vossa Majestade sabia que não se falavam há três anos?

REI

Não se falavam há três anos? Por quê?

SEM-NOME

Neve e Céu passaram uma noite como amantes. Espada Quebrada jamais a perdoou.

REI

E por que eu não fui informado disso?

SEM-NOME

Custou muito a esse servo descobrir o segredo. Para criar uma rixa entre Neve e Espada Quebrada, me utilizei de Céu.

REI

Estou começando a perceber a sua estratégia.

SEM-NOME

Sois perspicaz!

REI

O que usou para derrotar Céu?

SEM-NOME

Espada.

CENA 6 - EXT - CLUBE DE XADREZ - DIA/CHUVA

Dois homens jogam xadrez debaixo de chuva. Um deles é Céu. O cenário tem tons de cinza e os personagens vestem também cinza, com exceção de Céu que veste marrom e Sem-nome que veste preto.

SEM-NOME (OFF)

Em Lan Meng meu dever é prender criminosos. No quinto dia do sexto mês, Céu foi visto em um clube de xadrez. Eu soube que ele gostava de jogar xadrez e ouvir música e ia sempre lá.

O homem que joga com Céu coloca uma faixa na testa. É imitado por outros seis homens. Vendo isso, todas as outras pessoas que estavam em volta saem correndo.

CÉU

Os sete guardas de elite do palácio de Qin...

GUARDA

Está preso! Há dias o perseguimos. Apresente a sua arma e identifique-se.

Céu reflete por um momento. O guarda, armado com uma espada, se aproxima de Céu chamando-o para a luta. Um músico cego toca um instrumento de corda. Céu e o Guarda iniciam uma luta. Céu o vence. Outros dois o atacam. Também perdem.

Os últimos quatro o atacam ao mesmo tempo. São também vencidos, tendo as espadas entortadas. Céu os cumprimenta e sai, deixando os sete guardas para trás. Quando vai sair pela porta, ouve uma voz. A chuva continua.

SEM-NOME

Alto!

CÉU

Ah, o prefeito local! O que você quer?

SEM-NOME

Eu controlo essa região.

CÉU

E daí?

SEM-NOME

É um criminoso procurado. Eu vim aqui prendê-lo.

Ambos apresentam suas armas e iniciam uma luta. Incríveis cenas de luta se seguem. O músico cego guarda seu instrumento e se levanta para ir embora.

SEM-NOME

O senhor pode tocar mais uma música?

Sem-nome dá moedas ao músico idoso, que volta a tocar. Em silêncio, Céu e Sem-nome se observam, com espadas em punho.

SEM-NOME (OFF)

Artes marciais e música partilham os mesmos princípios. Ambas se confrontam com cordas complexas e melodias raras. Ficamos nos encarando por muito tempo, permanecemos imóveis, enquanto o combate se desenrolava no mais profundo de nossas mentes.

Sem-nome e Céu, imóveis, fecham os olhos e imaginam sua luta. A música continua a tocar. Cenas em preto e branco de uma luta impressionante. Sem-nome vence, derrubando a espada de Céu no chão.

CENA 7 - INT - SALÃO DO REI

REI

Rápida, a sua espada! Eu me orgulhava de conhecer cada canto do nosso país, mas ignorava que no pequeno distrito de Lan Meng havia um talento como o seu.

O Rei abre as outras duas caixas de madeira e retira uma espada de cada uma delas. Olha-as e diz os nomes de seus donos.

Espada Quebrada. E aqui, Neve.

HOMEM QUE LÊ O EDITAL

Sua Majestade decreta: os assassinos Espada Quebrada e Neve sempre foram parceiros. Aquele que eliminou um deles recebe dez mil peças de ouro e autoridade sobre cinco mil famílias, avança dez passos e bebe com Sua Majestade.

Sem-nome avança dez passos em direção ao Rei.

REI

Há três anos, Neve e Espada Quebrada, juntos, atacaram o palácio. Três mil soldados não conseguiram detê-los! Desde então, mandei esvaziar este grande salão para que ninguém pudesse se esconder. E a sua espada foi mais rápida do que as deles?

SEM-NOME

Não senhor.

REI

E como os venceu?

CENA 8 - EXT - DESERTO - DIA/SOL

Sem-nome, vestido de vermelho, anda a cavalo pelas montanhas do deserto.

SEM-NOME (OFF)

Eu me disfarcei de cidadão de Zhao e fui procurá-los em seu reino. Corriam muitos rumores de que talvez eles estivessem escondidos em uma pequena escola de caligrafia. Eu cheguei quando as tropas de Vossa Majestade se aproximavam. As pessoas fugiram apavoradas. Só os estudantes e mestres ficaram.

CENA 9 - INT - ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE VERMELHO

MESTRE

Por que veio em um momento desses? Quem é você?

SEM-NOME

Sou da província de Ien, em Zhao. O último desejo de meu pai foi adquirir um pergaminho de caligrafia de sua escola.

MESTRE

Temo que esse seja o último dia de nossa escola. Ilustre visitante, que caligrafia busca?

SEM-NOME

A do mestre Espada Quebrada.

Espada Quebrada, vestido de vermelho, faz caligrafia.

SEM-NOME (OFF)

De repente, o poder de Espada Quebrada tornou-se claro para mim. Diziam que o segredo de sua habilidade nas

artes marciais começava em sua caligrafia. Para desvendar o espadachim, eu precisava primeiro estudar o calígrafo.

ESPADA QUEBRADA

Que caractere busca?

SEM-NOME

Espada.

ESPADA QUEBRADA

O ilustre visitante gosta de espadas?

SEM-NOME

Só estou realizando o último desejo de meu pai.

ESPADA QUEBRADA

Que tamanho?

SEM-NOME

Dois metros.

ESPADA QUEBRADA

Um pergaminho assim requer tinta vermelha.

Lua, discípula de Espada Quebrada, vai até o quarto de Neve pedir tinta vermelha.

LUA

O mestre pede que a senhora empreste tinta vermelha.

Neve ignora, toma chá.

O mestre deseja tinta vermelha emprestada. A senhora ouviu meu pedido? O mestre deseja tinta vermelha.

Neve joga chá em Lua.

NEVE

Que venha pessoalmente!

Lua sai contrariada. Espada Quebrada vai até o mestre, observado por Sem-nome.

ESPADA QUEBRADA

Vosso aluno pede tinta.

Sem-nome observa o trabalho de Espada Quebrada, auxiliado por Lua.

SEM-NOME (OFF)

Espada Quebrada nem havia iniciado o pergaminho quando as tropas de Vossa Majestade chegaram aos portões da cidade.

CENA 10 - EXT - DESERTO- DIA/SOL

Milhares de soldados estão em marcha, armados, em direção a Zhao.

SOLDADO

Preparar!
Apontar!

SEM-NOME (OFF)

O exército de Vossa Majestade jamais perdeu uma guerra porque nunca subestimou o inimigo. Sua tática é brilhante, seus arqueiros são incomparáveis em classe e esmero. Aonde quer que o seu exército vá, a sua reputação o precede.

SOLDADO

Atacar!

SOLDADOS

Atacar! Atacar! Atacar!

Milhares de flechas são atiradas em direção a Zhao, atingindo a escola de caligrafia, atando muitos alunos. Gritos e correria.

CENA 11 - INT - ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE VERMELHO

MESTRE

Lembrem-se, todos. As flechas de Qin são poderosas, podem perfurar nossas cidades e destruir nosso reino, mas jamais aniquilaram nossa palavra escrita. Hoje, vocês aprenderão o verdadeiro espírito de nossa arte!

Os alunos voltam a seus lugares e continuam a escrever. Flechas continuam a cair dentro da escola.

SOLDADOS

Atacar! Atacar! Atacar!

CENA 12 - INT - SALÃO DO REI

REI

O povo de Zhao não se moveu?

SEM-NOME

O povo de Zhao tem espírito forte.

REI

Pediu o caractere "espada". Por que foi difícil fazer?

SEM-NOME

Há dezenove formas de criar esse caractere. A que eu requeri de Espada Quebrada foi a vigésima variação. Esgrima e caligrafia confiam na fusão do poder do punho com o espírito no coração. A vigésima variação revelaria a essência da sua habilidade como espadachim.

REI

E pensar que um caractere pode ser escrito de tantas formas... como as pessoas se comunicam se não se compreendem? Quando eu conquistar os seis reinos e esmagar os estados rebeldes, livrarei nossa terra dessa confusão inútil, deixando uma linguagem unificada para todo o reino. Não seria ótimo, hein?

SEM-NOME

Não vos detereis após dominar os seis reinos?

REI

Os seis reinos não contam. Pretendo levar o nosso exército a todos os cantos da terra até estabelecer um vasto e poderoso império!

CENA 13 - EXT - DESERTO - DIA/SOL

SOLDADOS

Atacar! Atacar! Atacar!

Flechas são arremessadas em direção à escola de caligrafia.

CENA 14 - INT - ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE VERMELHO

Espada Quebrada escreve, cercado por flechas.

SEM-NOME

Deve ser a senhora Neve!

NEVE

Por que está saindo?

SEM-NOME

Para desviar as flechas.

NEVE

Você não é necessário! Pode ir!

SEM-NOME

Os arqueiros de Qin são lendários. Talvez a senhora Neve não consiga repeli-los sozinha.

Neve e Sem-nome saem para fora da escola e vão desviando as flechas com sua coreografia de luta. Dentro da escola, alunos e mestres continuam a escrever. No deserto, os soldados continuam a jogar as flechas, milhões delas.

CENA 15 - EXT - DESERTO - DIA/SOL

SOLDADOS

Atacar! Atacar! Atacar!

NEVE

Foi brilhante!

SEM-NOME

Senhora Neve é superior.

NEVE

Não veio aqui pela caligrafia. Quem é você?

SEM-NOME

Eu trouxe uma coisa que gostaria de mostrar à senhora. Por favor, vá à biblioteca à meia-noite.

Espada Quebrada olha para o pergaminho pronto. Sem-nome chega.

SEM-NOME

Bela caligrafia!

ESPADA QUEBRADA

Bela esgrima!

SEM-NOME

O mestre não me viu ainda usar a espada.

ESPADA QUEBRADA

Sem a sua espada o pergaminho não existiria.

SEM-NOME

Por favor, vá à biblioteca à meia-noite. Eu tenho algo a lhe mostrar.

(SEM-NOME OFF)

Enquanto milhares de soldados de Qin preparavam-se para a próxima investida, eu passei a noite contemplando o pergaminho, tentando descobrir o segredo por trás da habilidade de Espada Quebrada.

CENA 16 - INT - SALÃO DO REI

O pergaminho feito por Espada Quebrada é desenrolado e pendurado na parede atrás do Rei, que a contempla.

REI

Você diz que esta caligrafia contém um mistério da escrita, mas nada vejo de incomum aqui.

SEM-NOME

O pincel e a espada estão fundamentalmente ligados. Só entende isso quem percebe a ligação.

REI

E você percebe?

SEM-NOME

Não inteiramente.

REI

Então, como pode desafiar os dois?

CENA 17 - INT - BIBLIOTECA DA ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE VERMELHO

Sem-nome abre uma caixa de madeira e mostra uma espada para Neve e Espada Quebrada, a espada de Céu.

ESPADA QUEBRADA

Céu sucumbiu sob sua espada?

SEM-NOME

Sim.

ESPADA QUEBRADA

Quem é você? Por que veio?

SEM-NOME

Eu sou cidadão de Qin e trago uma mensagem de Céu.

ESPADA QUEBRADA

Fale.

SEM-NOME

Céu disse que sempre viveu sem qualquer tipo de compromisso. Somente uma pessoa tocou seu coração.

ESPADA QUEBRADA

Quem?

SEM-NOME

Neve.

Espada Quebrada abaixa cabeça e depois olha para Neve, que não o encara.

Céu disse que Neve vingaria a sua morte.

Espada Quebrada olha novamente na direção de Neve.

Se concorda com um duelo, nos vemos amanhã no acampamento do exército de Qin.

Sem-nome sai da Biblioteca, deixando Neve, Espada Quebrada e a caixa de madeira com a espada de Céu. Em seguida, Neve sai da Biblioteca sem nada dizer.

CENA 18 - INT - QUARTO DE NEVE - TONS DE VERMELHO

A caixa com a espada de Céu está no quarto de Neve. Ela retira uma outra caixa de suas coisas, abre e pega um pedaço quebrado da espada de Céu que estava guardado e o encaixa na espada. Espada Quebrada vê a cena e sai contrariado.

CENA 19 - INT - QUARTO DE ESPADA QUEBRADA - TONS DE VERMELHO

Lua penteia os cabelos de Espada Quebrada, que está visivelmente contrariado. Olha para Lua, que sorri. Ele a agarra e os dois fazem amor. Neve vê e sai furiosa.

ESPADA QUEBRADA

Saia.

Lua faz um gesto pedindo para ficar.

Saia!

Lua deixa o quarto chorando.

Espada Quebrada vai até o quarto de Neve e grita com ela, que está de costas.

ESPADA QUEBRADA

Eu sei que você nos viu! Eu quis que você visse! Você não está mais no meu coração!

Espada Quebrada sai andando pelo corredor. É atingido pelas costas por uma espada. Ele não vê, mas foi Neve quem o atacou. Ela sai correndo com a espada nas mãos, deixando-o sozinho, sangrando. Depois de um tempo, ela volta até ele e o encontra sentado no chão, ainda com vida.

ESPADA QUEBRADA

Nós somos dois tolos...

Espada Quebrada morre. Neve, chorado, passa a mão em sua cabeça.

CENA 20 - EXT - FLORESTA - VENTO/FOLHAS CAINDO - TONS DE LARANJA/MULHERES VESTIDAS DE VERMELHO.

Lua olha com raiva para Neve, que está de costas. Ambas estão com suas espadas.

NEVE

Não vou lutar com você. Saia.

LUA

Vou matá-la e vingar o meu mestre.

Retira a espada e parte em direção à Neve, que também a ataca. As duas lutam.

NEVE

Se você quer morrer, vou ajudá-la.

Cenas da luta entre as folhas que caem das árvores. Neve atinge Lua, que ri.

NEVE

Por que ri?

LUA

O que fez ontem à noite foi estupidez.

Lua cai morta, a cena é pintada de vermelho. Neve permanece imóvel, de costas para Lua.

CENA 21 - EXT - ACAMPAMENTO DO EXÉRCITO DE QIN - DIA

SEM-NOME (OFF)

Sem-nome e Neve lutam cercados pelos soldados do Rei. Sem-nome está vestido de preto e Neve de laranja.

Quando lutamos, eu vi que meu plano havia dado certo. Ela estava agitada e nervosa, incapaz de se concentrar. Derrotá-la foi fácil.

CENA 22 - INT - SALÃO DO REI

REI

Quem poderia imaginar que Espada Quebrada e Neve fossem emocionalmente tão frágeis!

Sem-nome ergue os olhos em direção ao Rei e permanece o encarando.

Pelo que me contou, o seu plano foi jogar um contra o outro.

SEM-NOME

Sim.

REI

Então, o ciúme foi a razão pela qual os dois se tornaram inimigos.

SEM-NOME

Sim.

REI

A história que me contou parece fazer sentido, mas na minha opinião, você apenas subestimou uma pessoa.

SEM-NOME

Quem?

REI

Eu. Quer saber que tipo de impressão eles me causaram? Há três anos tive a oportunidade de enfrentá-los pessoalmente. Eu os achei dignos, na verdade, excepcionais, nada intolerantes como você os descreveu. Neve e Céu terem um caso é mentira! Neve e Espada Quebrada serem inimigos é mentira! Em outras palavras, tudo é mentira! Somente uma coisa é verdade. Céu devia conhecer um de vocês.

SEM-NOME

Quem?

REI

Você. Suspeito que você e Céu eram aliados. Você conseguiu derrotá-lo por uma única razão.

SEM-NOME

Que razão?

REI

Ele se deixou derrotar.

O Rei encara Sem-nome.

As cenas seguintes mostram o que aconteceu, de acordo com a narrativa do Rei.

CENA 23 - EXT - CLUBE DE XADREZ - DIA/CHUVA

REI (OFF)

Para me assassinar vocês dois encenaram uma luta com o testemunho dos meus guardas. Preparar essa armadilha foi fácil. Difícil foi persuadir Céu a colocar a vida dele em suas mãos. Sua espada não é bastante rápida para derrotar um mestre como Céu. Mas ele, de bom-grado, sucumbiu a sua lâmina. Quanta coragem e heroísmo! Assim, Céu tornou-se o seu primeiro cúmplice.

CENA 24 - INT - SALÃO DO REI

REI

Céu era vaidoso e se considerava sem igual neste país. O que o teria levado a pensar que você obteria sucesso onde ele falhara? A menos que, para me assassinar, você tenha passado os últimos dez anos desenvolvendo uma habilidade única, uma manobra letal da qual ninguém pudesse escapar.

O Rei faz um sinal com a mão para um servo que retira as caixas com as espadas.

Tendo derrotado Céu, pode chegar a vinte passos do trono. Por que precisou de Espada Quebrada e Neve também? Acredito que, por precisar ficar a dez passos de seu alvo para ser bem sucedido. Assim, você convocou outro cúmplice para ajudá-lo a avançar mais dez passos.

O Rei encara Sem-nome.

As cenas seguintes mostram o que aconteceu, de acordo com a narrativa do Rei.

CENA 25 - INT - BIBLIOTECA DA ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE AZUL

Sem-nome, vestido de azul, abre a caixa com a espada de Céu e a mostra para Neve e Espada Quebrada que estão sentados em volta da mesa.

REI (OFF)

Creio que, embora Espada Quebrada e Neve jamais tenham se encontrado com Céu, entenderam logo porque ele concordara com o seu plano.

SEM-NOME

A que distância estou dos pergaminhos?

ESPADA QUEBRADA

A dez passos.

SEM-NOME

Ótimo. Dez passos servem.

Sem-nome puxa sua espada, faz diversos golpes girando em torno da sala, cortando as cordas dos pergaminhos que formam uma estante. Os pergaminhos vão se soltando e caem todos no chão, desmontando a estante.

Só preciso de um de vocês para me ajudar. Decidam, amanhã de manhã no acampamento do exército de Qin...

Sem-nome sai da Biblioteca, deixando Neve e Espada Quebrada.

ESPADA QUEBRADA

Sua espada é rápida.

NEVE

É.

ESPADA QUEBRADA

Céu é um dos maiores guerreiros, no entanto deu a sua vida a esse homem.

NEVE

Pra que ele possa matar o Rei. Temos de ir amanhã.

ESPADA QUEBRADA

Ir será morrer.

NEVE

Morreremos juntos.

CENA 26 - EXT - MONTANHAS - TONS DE AZUL

Neve e Espada Quebrada caminham lado a lado. Neve passa na frente de Espada Quebrada e o atinge com sua espada.

ESPADA QUEBRADA

Está um passo na minha frente.

Espada Quebrada cai no chão.

NEVE

Neve rasga um pedaço da sua roupa e amarra em volta da cintura de Espada Quebrada.

Acho que o ferimento foi grave.

ESPADA QUEBRADA

Eu que deveria ir.

NEVE

Quero que continue vivendo.

ESPADA QUEBRADA

Se você morrer, como eu viverei?

NEVE

Quando eu me for, prometa que viverá bem. Prometa.

ESPADA QUEBRADA

Prometo.

NEVE

Lua vem cuidar de você. Eu preciso ir.

Neve sai, chorando, deixando Espada Quebrada. Ele levanta. Ela olha para trás e sorri; sobe no cavalo e sai galopando.

CENA 27 - EXT - ACAMPAMENTO DO EXÉRCITO DE QIN - DIA

Centenas de soldados cavalgando. Fazem um círculo em volta de Sem-nome e Neve.

SOLDADO

Avançar!

(O comandante faz um sinal com a espada para os soldados avançarem um pouco, fechando o círculo em volta de Sem-nome e Neve.)

SEM-NOME

Seu servo Sem-nome, prefeito de Lan Meng. Perseguindo essa assassina acabei em Zhao. Permita-me enfrentá-la.

SOLDADO

É uma assassina procurada por Sua Majestade. Uma vez descoberta, é meu dever prendê-la.

SEM-NOME

Eu tenho um acordo prévio com essa assassina para nós lutarmos sozinhos. Se eu não puder vencê-la, fique à vontade para intervir. Permita-me continuar.

SOLDADO

Recuar!

Os soldados recuam. Sem-nome e Neve lutam.

NEVE

Lute com sua arma.

SOLDADOS

Lutar! Lutar! Lutar!

NEVE

Faça sua parte.

SOLDADOS

Lutar! Lutar! Lutar!

NEVE

Eu morrerei feliz pela nossa causa. Vira para matar.

SOLDADOS

Lutar! Lutar! Lutar!

Lutar! Lutar! Lutar!

Sem-nome atinge Céu, que cai no chão. Espada Quebrada e Lua vêem a cena de longe, do alto da montanha. O exército sai.

CENA 28 - EXT - LAGO - TONS DE AZUL

Espada Quebrada vela o corpo de Neve. Sem-nome o observa de longe.

REI (OFF)

Desconfio que tenha lutado com Espada Quebrada também. Você matou a amante dele. Era uma questão de honra para ele desafiá-lo para um duelo. Assim como você e Céu lutaram em suas mentes, desta vez a luta foi em seus corações. Exceto que seus corações não estavam ali, um não queria ferir o outro; bastava pra vocês a dignidade dos gestos.

Espada Quebrada e Sem-nome imaginam sua luta no meio do lago. Depois de longa luta, Sem-nome sai guiando sua carroça. Encontra Lua com uma caixa de madeira nas mãos.

LUA

O mestre me pediu que lhe entregasse.

Lua dá a caixa com a espada de Espada Quebrada para Sem-nome.

SEM-NOME

Por que ele fez isso?

LUA

O mestre e Neve estavam juntos na vida e na morte. E suas espadas jamais se separarão. Antes de morrer ele disse que serviria para matar o Rei.

Sem-nome guarda a caixa com a espada de Espada Quebrada na carroça ao lado da caixa que contém a espada de Neve. Lua chora. Sem-nome vai embora.

REI (OFF)

Céu, Espada Quebrada e Neve imolaram-se de formas diferentes para que você pudesse chegar-se a dez passos de mim. Os três se dispuseram a entregar suas vidas a você.

CENA 29 - INT - SALÃO DO REI

REI

Não se poderia pedir mais a um amigo. Por isso, você é o assassino mais perigoso de todos.

SEM-NOME

Como Vossa Majestade descobriu?

REI

As chamas das velas a minha frente sentem sua intenção criminosa. Eles e você se dispuseram a morrer pela sua causa. Envergonho-me não estar à altura dessa coragem.

SEM-NOME

Vossa Majestade percebeu nosso plano.

REI

Eu simplesmente o desvendei. Por que mais iria permitir que chegasse tão perto? Um homem de Qin jamais tentaria matar-me. Quem é você?

SEM-NOME

Eu sou um homem de Zhao. Minha família foi morta pelo exército de Qin. Órfão, eu fui adotado por uma família daqui. Há dez anos eu soube disso e decidi assassinar-vos.

REI

Então, representa Zhao. Agora eu entendo. Presumo que aperfeiçoou uma estratégia letal.

SEM-NOME

Como deduz Vossa Majestade, a estratégia existe.

REI

E qual é?

SEM-NOME

Estar a dez passos.

REI

A dez passos? Eu o congratulo. Meus guardas estão a cem passos daqui enquanto você está a dez passos apenas. Parece que hoje não conseguirei fugir do meu destino.

O Rei observa o movimento das velas, que se movimentam em todas as direções.

E você ainda hesita?

SEM-NOME

Vossa Majestade é perspicaz! Mas, creio que também subestimou alguém.

REI

Quem?

SEM-NOME

Espada Quebrada.

CENA 30 - INT - BIBLIOTECA DA ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE BRANCO

Na biblioteca estão Espada Quebrada, Neve, Lua e o Mestre.

SEM-NOME (OFF)

Era imperativo provar a eles que a minha espada além de rápida era precisa.

Sem-nome mostra sua habilidade com a espada.

SEM-NOME

A dez passos eu posso atacar com precisão cirúrgica. A espada entrará e sairá do corpo, evitando os órgãos vitais. O ferimento é profundo mas não é letal.

Respeitosamente peço que um de vocês receba esse golpe para enganar o rei.

ESPADA QUEBRADA

É um golpe perigoso, uma coisa muito séria. Como está Céu agora?

SEM-NOME

Quase curado.

ESPADA QUEBRADA

Ele confiou plenamente em sua habilidade.

SEM-NOME

A segurança ao redor do rei é impenetrável. É o único meio.

NEVE

A guarda imperial é inútil. O Rei de Qin deveria ter morrido há três anos.

SEM-NOME

O que deu errado?

ESPADA QUEBRADA

Abandonei o plano. O Rei não deve morrer.

CENA 31 - INT - SALÃO DO REI

REI

Espada Quebrada disse isso?

SEM-NOME

Disse.

REI

Por quê?

SEM-NOME

Fiz a mesma pergunta.

REI

Qual foi a resposta?

SEM-NOME

Ele não quis responder naquele dia. Céu, Espada Quebrada, Neve. Dos três, apenas Espada Quebrada estava a minha altura. Por isso, as palavras que ele disse a seguir me preocuparam muito.

CENA 32 - INT - BIBLIOTECA DA ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE BRANCO

ESPADA QUEBRADA

Enquanto eu viver não deixarei que mate o Rei.

NEVE

Eu vou ajudá-lo. Há três anos alguém perdeu uma chance de ouro. Desta vez, não falharemos. Amanhã nos veremos no acampamento de Qin.

Espada Quebrada e Lua se espantam.

Faça-me um favor. Me ajude a lutar com ele.
Neve inicia uma luta com Espada Quebrada.

NEVE

Neve grita para Sem-nome.
O que está esperando?

SEM-NOME (OFF)

Embora tenha concordado em ajudá-la, não me parecia digno atacar Espada Quebrada pelas costas. Por um momento eu fiquei imobilizado. Mas eu sabia que se não o tirássemos do caminho, nosso plano não seria bem sucedido.

Sem-nome parte para o ataque, ajudando Neve na luta com Espada Quebrada. Neve atinge Espada Quebrada. Lua, revoltada, tira sua espada e parte para atacar Sem-nome, que está de costas. Eles lutam. Lua cai por cima dos pergaminhos.

ESPADA QUEBRADA

Pare, Lua! Não consegue vencê-lo! Deixe que vá.

Sem-nome vai embora. Lua acode Espada Quebrada rasgando um pedaço de sua roupa e amarrando com força em torno de sua cintura. Neve permanece imóvel.

ESPADA QUEBRADA

Eu sabia que faria isso.

NEVE

Agora ficará fora do meu caminho.

ESPADA QUEBRADA

Mesmo ferido eu posso detê-la.

NEVE

Então vou matá-lo.

CENA 33 - INT - ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE BRANCO

NEVE

Receio tê-lo ferido gravemente.

SERVO

Com os remédios da ama, logo o amo estará fora de perigo.

NEVE

Mandou os remédios?

SERVO

Eu mesmo fiz os curativos.

NEVE

Após o duelo, siga os soldados e leve minha espada à corte.

SERVO

Levarei.

NEVE

A guarda de Qin não maltrata um servo. Se o Rei for morto, volte com uma bandeira vermelha. Do contrário, uma amarela.

SERVO

Se a ama morrer nesse duelo, para que as bandeiras?

NEVE

Sorrirei no paraíso ao ver a bandeira vermelha.

Neve deixa cair uma lágrima.

CENA 34 - EXT - ACAMPAMENTO DO EXÉRCITO DE QIN - DIA

Neve, vestida de branco, luta com Sem-nome. Eles estão cercados por centenas de soldados do exército de Qin. Neve é atingida pela espada de Sem-nome. Espada Quebrada e Lua, vestidos de branco, observam a cena de cima das montanhas. O servo de Neve guia a carroça, levando Sem-nome até Espada Quebrada e Lua.

SEM-NOME

Como está Neve?

ESPADA QUEBRADA

Recuperando-se. Ela não sabe que eu vim.

SEM-NOME

Certo dia, você disse que tentaria me deter.

ESPADA QUEBRADA

Desista de matar o Rei.

SEM-NOME

Sabe que eu sou de Zhao?

ESPADA QUEBRADA

Eu também.

SEM-NOME

Qin pretende destruir Zhao?

ESPADA QUEBRADA

Sim.

SEM-NOME

O Rei de Qin é inimigo de Zhao?

ESPADA QUEBRADA

Sim.

SEM-NOME

Então, em nome de quem fala? E ainda se diz de Zhao?

ESPADA QUEBRADA

Neve também me fez essa pergunta uma vez. Ela me conheceu como um andarilho. Não tinha um lar.

CENA 35 - EXT - CACHOEIRA - TONS DE VERDE

Neve e Espada Quebrada, mais jovens, admiram suas espadas, sorrindo.

ESPADA QUEBRADA (OFF)

Ela era filha de um general de Zhao que morreu numa batalha contra Qin. Ela herdou sua espada e jurou vingar a morte do pai. Dispus-me a ajudá-la.

CENA 36 - EXT - ESCOLA DE CALIGRAFIA - TONS DE VERDE

Neve e Espada Quebrada escrevem juntos na areia colorida de verde. Ambos são mais jovens

ESPADA QUEBRADA (OFF)

A caligrafia e a esgrima têm a mesma origem e princípios. Praticávamos caligrafia todos os dias na esperança de refinar nossa habilidade e aumentar nossa força. Neve sabia que eu não tinha raízes e que estive vagando sem rumo a minha vida inteira. Ela sempre me dizia que quando matássemos o Rei me levaria com ela para sua pátria. Lá, não existiriam espadas e espadachins, somente um homem e uma mulher. A essência da caligrafia tem que ser assimilada pela alma. O mesmo acontece com a esgrima. As duas procuram a

clareza da simplicidade. Aos poucos, comecei a entender essa verdade.

Espada Quebrada aparece mais velho.

Há três anos cheguei no auge do meu treinamento. Neve achou que devíamos tentar o assassinato. Juntos, atacamos o palácio.

CENA 37 - EXT - ACAMPAMENTO DO EXÉRCITO DE QIN - DIA

Neve e Espada Quebrada, vestidos de verde, lutam com os soldados. Passam por eles e chegam até a entrada do salão principal do palácio, onde está o Rei. Espada Quebrada luta com o Rei. Panos verdes pendem do teto. Lutam de igual para igual. No final, mesmo tendo a chance de matá-lo, Espada Quebrada deixa o Rei vivo.

ESPADA QUEBRADA (OFF)

Neve me perguntou porque não prossegui com o plano. Eu lhe disse que o Rei de Qin não deveria ser morto. Foi uma coisa que compreendi enquanto estudava caligrafia. Por ter poupado o Rei, Neve se afastou de mim.

CENA 38 - EXT - DESERTO - TONS DE BRANCO

ESPADA QUEBRADA

Abandone o seu plano.

SEM-NOME

Não.

ESPADA QUEBRADA

Seu treinamento foi motivado por ódio e vingança?

SEM-NOME

Exato. Por dez anos. Venho trabalhando para isso sem descanso.

ESPADA QUEBRADA

Como posso dissuadi-lo?

SEM-NOME

Só me matando.

ESPADA QUEBRADA

É a sua decisão?

SEM-NOME

É.

ESPADA QUEBRADA

Nesse caso, dou-lhe duas palavras.

Espada Quebrada toma sua espada e escreve as palavras na areia, no chão.

Elas refletem o que sinto. Reconsidere.

ESPADA QUEBRADA

Lua, entregue a minha espada a Sem-nome. Neve e eu estaremos sempre juntos e nossas espadas também.

Espada Quebrada vai embora, a cavalo.

LUA

Mestre Sem-nome, embora seja apenas uma serva, permita-me algumas palavras. Sirvo o meu mestre desde os oito anos. Com ele aprendi as artes marciais e a viver com princípios. Meu mestre jamais erra. O que ele escreveu deve ser importante. Pense em seu conselho.

Sem-nome fica pensativo enquanto Lua vai embora em seu cavalo.

CENA 39 - INT - SALÃO DO REI

REI

Que palavras Espada Quebrada escreveu?

SEM-NOME

Nossa Pátria.

REI

Nossa Pátria.

SEM-NOME

Espada Quebrada disse que esta guerra sem fim só traz sofrimento ao povo. E que somente Vossa Majestade pode trazer a paz, unificando nossas terras. Ele esperava que, por essa razão, eu abandonasse o meu plano de matá-lo. Ele também disse que a dor de uma pessoa é nada comparada ao sofrimento de todos. Uma contenda entre nossos reinos também é nada se comparada à paz para todos.

REI

Quem poderia imaginar que um assassino me entenderia tão bem! Sozinho em minha posição enfrentei inúmeras críticas e atentados à minha vida. Ninguém entendeu o que tenho tentado fazer. Mesmo minha própria corte me

vê como um tirano. No entanto, Espada Quebrada, um homem que eu mal conhecia pode ver claramente a verdade que trago em meu coração. Eu gostaria de saber como, sem a sua espada, você pretende me matar?

SEM-NOME

Com a sua!

O Rei atira sua espada em direção a Sem-nome. E espada fica cravada na mesa que está na frente de Sem-nome.

REI

Por dez anos esta espada tem me acompanhado em todas as batalhas. Ser compreendido por um homem como Espada Quebrada me permite enfrentar a morte sem temor ou arrependimento. Deixe que o bem do nosso país possa guiar a sua decisão.

O Rei olha para o pergaminho de Espada Quebrada pendurado atrás de si. Centenas de súditos se aproximam da entrada do palácio correndo, subindo as escadas. O servo de Neve os observa.

CENA 40 - EXT - MONTANHA

Neve e Espada Quebrada, vestidos de branco, observam de longe.

CENA 41 - INT - SALÃO DO REI

Sem-nome pega a espada do Rei e se coloca em posição de ataque. Soldados chegam à entrada do palácio. Estão em posição de ataque. O Rei continua de costas para Sem-nome observando o pergaminho de Espada Quebrada.

REI

Cheguei a uma conclusão. Este pergaminho de Espada Quebrada não contém um segredo de sua arte, revela o seu mais alto ideal. No primeiro estágio, homem e espada tornam-se um só. Aqui, até uma folha de capim pode ser usada como arma letal. No estágio seguinte, a espada repousa não na mão, mas no coração. Mesmo sem a espada, o guerreiro pode destruir o inimigo a cem passos. Mas o ideal supremo é quando a espada desaparece totalmente. O guerreiro compreende tudo a sua volta. O desejo de matar não mais existe, somente a paz prevalece.

Sem-nome faz um movimento de luta. Pula na direção do Rei e dá um golpe por trás dele com sua espada. O Rei toma um susto e fica paralisado.

SEM-NOME

Majestade, eu acabo de completar a minha missão. Pelo que eu fiz hoje, muitos morrerão...

A lâmina da espada de Sem-nome não atingiu o Rei.

...e Vossa Majestade continuará a viver. Um morto suplica que não esqueça o supremo ideal de um guerreiro: depor a sua espada.

Sem-nome sai tranqüilamente e deixa a espada caída no chão. O Rei olha, perplexo, a saída de Sem-nome. Os soldados abrem caminho para a passagem de Sem-nome. Cercam-no.

O servo de Neve volta a cavalo agitando uma bandeira amarela. Neve chora.

Os soldados do Rei acompanham a saída de Sem-nome.

Neve e Espada Quebrada correm em seus cavalos.

O exército segue acompanhando Sem-nome.

Neve e Espada Quebrada conversam na montanha.

NEVE

Sem-nome chegou a dez passos do Rei. Ele jamais poderia ter falhado. Então, só há uma explicação: ele desistiu da sua missão por algum motivo. Quero saber o que você disse a ele.

ESPADA QUEBRADA

Escrevi duas palavras.

NEVE

E quais foram?

ESPADA QUEBRADA

Nossa Pátria.

NEVE

É só o que tem no coração?

ESPADA QUEBRADA

Tenho você.

NEVE

Não acredito.

ESPADA QUEBRADA

Como posso convencê-la?

NEVE

Lute. Você matou Sem-nome. Traiu Céu e destruiu Zhao. Lute!

ESPADA QUEBRADA

Quando nos conhecemos você me pediu que usasse a espada. A espada é a resposta?

NEVE

Só quero que você lute comigo.

Neve e Espada Quebrada lutam.
Sem-nome continua a ser cercado pelos soldados.
Espada Quebrada não se defende do golpe desferido por Neve.
É atingido por ela.

NEVE

Por que você não se defendeu?

ESPADA QUEBRADA

Para que você acreditasse em mim. Sempre quis voltar pra casa com você. Isso já não é possível. Cuide-se bem, Neve.

Espada Quebrada cai sentado no chão com a espada fincada no seu corpo. Neve chora.

NEVE

Por que não se defendeu do meu golpe? Por que não se defendeu? Por que não se defendeu?

Espada Quebrada morre. Neve chora e grita.
Lua vem se aproximando, a cavalo. Neve segura Espada Quebrada, sentada atrás dele. Abraça-o.

NEVE

Agora chega, lutas nunca mais. Vou levá-lo pra nossa casa, onde não há fronteiras.

Neve, abraçado ao corpo de Espada Quebrada, afunda mais a espada em seu corpo, sendo também atingida. Lua chorando, se aproxima correndo a pé. Neve morre apoiada em Espada Quebrada. Lua grita.

CONSELHEIROS

Os conselheiros falam em coro.

Majestade, permissão para executar? Para executar.
Majestade, permissão para executar? Majestade,
permissão para executar? Para executar.

SOLDADO

Preparar!

CONSELHEIROS

Os conselheiros falam em coro.

Este homem não é digno de confiança. Ele tentou matá-lo. Não o poupe. Essa é a sagrada lei de Qin. Se Vossa Majestade vai unificar a terra, faça deste homem um exemplo. Execute-o. Execute-o. Execute-o. Execute-o. Execute-o. Execute-o.

O Rei dá permissão para a execução.

SOLDADO

Atirar!

Milhares de flechas são atiradas na direção de Sem-nome que as recebe imóvel. O Rei observa. Funeral de Sem-nome. Centenas de Soldados em marcha. Seis deles carregam seu corpo coberto com um manto vermelho.

SOLDADOS

Salve! Salve! Salve! Salve! Salve! Salve! Salve!
Salve! Salve!

O Rei está sozinho em seu trono.

NARRADOR (OFF)

Imagem: Muralha da China

O guerreiro Sem-nome foi executado como assassino, mas sepultado como herói. O Rei de Qin conquistou os seis reinos e unificou o país. Como primeiro imperador da China, ele terminou a grande muralha para proteger seus súditos. Isto aconteceu há mais de dois mil anos. Mas, até hoje, quando os chineses falam de seu país, chamam-no de "Nossa Pátria".

FIM